

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

JOSÉ CARLOS FERRAZ

O ENCONTRO COM DEUS: UMA ABORDAGEM DA EXPERIÊNCIA DO SILÊNCIO
NA TRADIÇÃO MONÁSTICA BENEDITINA

PPGCR
Faculdade Unida de Vitória

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 26/11/2019.

VITÓRIA
2019

JOSÉ CARLOS FERRAZ

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 26/11/2019.



O ENCONTRO COM DEUS: UMA ABORDAGEM DA EXPERIÊNCIA DO SILÊNCIO
NA TRADIÇÃO MONÁSTICA BENEDITINA

Trabalho Final de Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Ciências das Religiões
Faculdade Unida de Vitória
Programa de Pós-graduação
Linha de Pesquisa: Religião e Espaço Público

Orientador: Dr. Valdir Stephanini

Vitória - ES

2019

Ferraz, José Carlos

O encontro com Deus / Uma abordagem da experiência do silêncio na tradição Monástica Beneditina / José Carlos Ferraz. – Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2019.
viii, f. 108; 31 cm.

Orientador: Valdir Stephanini

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2019.

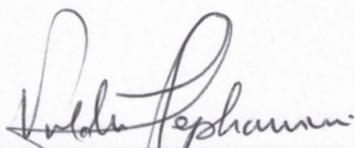
Referências bibliográficas: f. 104-108

1. Ciências das religiões. 2. Religião e Espaço Público. 3. Silêncio.
4. Meditação. 5. Mística. 6. Sabedoria. 7. Contemplação.
- Tese. I. José Carlos Ferraz. II. Faculdade Unida de Vitória, 2019.
III. Título.

JOSÉ CARLOS FERRAZ

O ENCONTRO COM DEUS: UMA ABORDAGEM DA EXPERIÊNCIA DO SILÊNCIO
NA TRADIÇÃO MONÁSTICA BENEDITINA

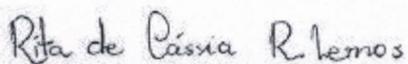
Dissertação para obtenção do grau
de Mestre em Ciências das
Religiões no Programa de Mestrado
Profissional em Ciências das
Religiões da Faculdade Unida de
Vitória.



Doutor Valdir Stephanini – UNIDA (presidente)



Doutor Abduschin Schaeffer Rocha – UNIDA



Doutora Rita de Cássia Rosada Lemos – FSB



Dedico esta pesquisa a minha esposa Reyla Ferraz, minha filha Amanda Gabrielle, a minha mãe Adélia Ferraz, aos meus amigos da turma do MCR 15, e pelo apoio de todos.



Agradeço a Deus pela oportunidade de concluir mais uma etapa, dando-me forças, saúde e condições financeiras. Agradeço a minha família, em especial a minha esposa Reyla Ferraz e minha filha Amanda Gabrielle que sempre me incentivaram. Agradeço a minha mãe Adélia Ferraz por ter me ajudado durante esses dois anos direta e indiretamente. Agradeço a todos os professores e a professora, a coordenação do Curso de Mestrado em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória, em especial, meu orientador Prof. Dr. Valdir Stephanini. Agradeço a todos/as os meus colegas de turma por cada experiência vivida nesses dois anos.

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo demonstrar a importância e o valor do silêncio na tradição monástica beneditina e de como buscar experimentar a Divindade através da tradição da meditação cristã ao longo da história e na atualidade. Foi utilizado como referencial teórico a bibliografia de alguns estudiosos, pesquisadores, místicos cristãos e não cristãos como por exemplo o fundador da ordem beneditina Bento de Núrsia, conhecido na tradição católica romana como São Bento, o monge beneditino inglês Dom John Main, fundador da Comunidade Mundial para a Meditação Cristã e o também monge beneditino alemão Anselm Grün escritor e que possui diversas obras traduzidas para o português. No primeiro capítulo é apresentada a origem do monaquismo primitivo e como foi vivido por homens e mulheres que deixaram tudo o que tinham, para viverem de forma austera e simples, a busca de experimentar a divindade através do trabalho e da oração diuturnamente, em uma época em que a dificuldade era muito maior e mais complexa do que atualmente. No segundo capítulo, será dada sequência ao tema do silêncio só que agora na vida em comunidade na qual Bento de Núrsia, acredita que seus monges só poderão experimentar a Deus através do *ora et labora*. E no terceiro e último capítulo, será abordada a prática do silêncio por meio da chamada “Meditação Cristã”, uma prática milenar que sai dos claustros dos mosteiros e chega até as pessoas como uma alternativa de buscar experimentar a presença do sagrado e ao mesmo tempo, fazendo com que as pessoas busquem o autoconhecimento. Os cristãos católicos romanos acreditam que uma das belezas que a tradição cristã possui é a visão de unidade. Devido a crescente ausência de Deus na consciência moderna na visão católica romana, surge uma preocupação de como o ser humano poderá sobreviver não no que se refere à raça, mas sim da humanidade da raça. Neste caso, acredita-se que através desta pesquisa, será possível perceber que a prática da meditação pode permitir ter acesso à tal riqueza infinita da verdade que vive dentro de cada ser humano de acordo com os católicos romanos, sendo que esta experiência de uma realidade compartilhada e compassiva é o que todos os ensinamentos sobre sabedoria apontam. O trabalho foi realizado através de pesquisa bibliográfica, tendo como ponto de partida trazer à tona se realmente é possível experimentar a Deus através do silêncio e da prática da meditação cristã, uma vez que o cristianismo passa por um período de transição turbulenta e que nos últimos trinta anos, houve uma redescoberta revolucionária como afirmam estudiosos católicos no que refere a tradição da contemplação cristã. Isso não é meramente uma descoberta acadêmica, porém poderá concluir-se que a prática da meditação tem despertado uma nova consciência, a de que a dimensão contemplativa da oração está aberta a cada pessoa independente de seu credo.

Palavras-chave: Silêncio. Meditação. Mística. Sabedoria. Contemplação.

ABSTRACT

This work aims to demonstrate the importance and value of silence in the Benedictine monastic tradition and how to seek to experience God through the tradition of Christian meditation throughout history and today. I used as theoretical reference the founder of the Benedictine Order Benedict of Nuria, known in the Roman Catholic tradition as St. Benedict, the English Benedictine monk Dom John Main, founder of the World Community for Christian Meditation and the also German Benedictine monk Anselm Grün who owns several works translated into Portuguese. In the first chapter the origin of primitive monasticism was presented and how it was lived by men and women who left everything they had, to live austere and simply, the search to experience divinity through work and prayer day by day. In a time when the difficulty was much greater and more complex than today. In the second chapter, the theme of silence will be continued, but now in the community life in which Benedict of Nuria believes that his monks can only experience God through *ora et labora*. And in the third and final chapter, the practice of silence will be addressed through the so-called “Christian Meditation”. An ancient practice that comes from the cloisters of the monasteries and reaches people as an alternative to try to experience the presence of the sacred and at the same time, making people seek self-knowledge. Roman Catholic Christians believe that one of the beauties that the Christian tradition has is the vision of unity. Due to the growing absence of God in modern conscience in the Roman Catholic view, there is a concern as to how humans can survive not with respect to race but with the humanity of race. In this case, it is believed that through this research, it will be possible to realize that the practice of meditation can allow access to such infinite richness of truth that lives within each human being according to Roman Catholics, and this experience of a reality shared and compassionate is what all wisdom teachings point to. The work has been done through bibliographical research, starting with the question of whether it really is possible through silence and the practice of Christian meditation, since it is not a novelty that Christianity is going through a turbulent transition period. that in the last thirty years there has been a revolutionary rediscovery as stated by Catholic scholars regarding the tradition of Christian contemplation. This is not merely an academic discovery, but it may be concluded that the practice of meditation has awakened a new awareness, that the contemplative dimension of prayer is open to every person regardless of their creed.

Keywords: Silence. Meditation. Mystical. Wisdom. Contemplation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 O MONAQUISMO PRIMITIVO.....	14
1.1 O monaquismo e a experiência cristã.....	15
1.2 Características fundamentais da espiritualidade do monaquismo primitivo	16
1.2.1 O silêncio no monaquismo primitivo	20
1.2.2 À escuta dos pais e das mães do deserto em nossos dias	27
1.2.3 Solidão, silêncio e palavra.....	32
1.2.4 Em primeiro lugar, o interior.....	40
2 SILÊNCIO EM SÃO BENTO.....	47
2.1 São Bento e a tradição monástica.....	47
2.2 Escuta, filho, os preceitos do mestre	53
2.3 Do silêncio, permanecer em si mesmo	62
2.4 Experiência de Deus no silêncio.....	70
3 A RELEVÂNCIA DO SILÊNCIO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	76
3.1 O valor do silêncio no mundo contemporâneo.....	76
3.1.1 A oração do coração	80
3.1.2 A necessidade do silêncio.....	87
3.1.3 A meditação como caminho para o silêncio.....	91
3.2 A meditação no cristianismo atual	95
CONCLUSÃO.....	102
REFERÊNCIAS	104

INTRODUÇÃO

As discussões sobre a divindade têm despertado muito interesse na sociedade contemporânea. Pessoas de vários credos e culturas diferentes tem buscado uma relação pessoal com ela. Algumas destas pessoas não se dão por satisfeitas em falar sobre Deus. A própria palavra Deus desperta numerosas associações, sejam elas positivas ou negativas. A experiência que emana a partir do século IV na região do deserto do Egito pelos (as) eremitas coptas, conhecidos e conhecidas por Pais e Mães do deserto, em certa forma grandes silenciosos (as). O silêncio fazia parte do cotidiano e da prática de um tipo de meditação permitindo que eles/as experimentassem a Deus de acordo com relatos de alguns desses Pais e Mães do deserto.

Nesse trabalho o problema no qual buscará dar uma resposta, é se é possível para o cristão católico ou não, conseguir o equilíbrio mental, corporal e espiritual, através de uma prática milenar que chegou até aos nossos dias por meio da tradição monástica e em particular a beneditina e assim, experimentar a Deus. Atualmente, o silêncio possui espaço para ser vivido no cotidiano? Esses homens e mulheres são particularmente aptos a falar, ainda hoje? Qual a relevância que tem em praticar a meditação cristã em pleno o século XXI Durante esse trabalho, haverá uma aproximação entre Deus numa perspectiva cristã como o Criador de todas as coisas e o sagrado que dentro da perspectiva das Ciências das Religiões que estuda o fenômeno religioso investigando-o sistematicamente em todas as diversas formas de manifestação sem que haja algum questionamento sobre “verdade” ou a sua “qualidade” de uma ou de várias religiões, pois todas as religiões se mostram igualmente como objeto de estudo e investigação, podendo o sagrado e o nome Deus, acabarem se tornando sinônimos.

Ter uma prática pessoal da busca do silêncio, através da simplicidade e da tranquilidade seria a chave essencial para o autoconhecimento, como dizem alguns terapeutas. Todas as grandes religiões do mundo possuem em sua tradição espiritual a prática da meditação que tem nela a base da sabedoria¹. A meditação cristã poderia ser considerada um dos remédios para alguns dos problemas vividos pela humanidade contemporânea? Seria apenas uma fuga do mundo e dos problemas? A flutuação na busca religiosa e o crescente indiferentismo, como decorrência da maneira subjetiva de como as pessoas se relacionam com Deus, aponta ainda para outra realidade. Para alguns/mas estudiosos/as cristãos existe uma inquietação no interior do ser humano evidenciando um vazio existencial – vazio que cada

¹ TURNER, G. *Silêncio interior: a chave para encontrar o equilíbrio e a espiritualidade*. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 18.

vez mais é preenchido por pessoas, coisas, lazer e entretenimento, e cada vez menos por Deus!² Não seria viver de forma utópica e ao mesmo tempo buscar dar respostas para algumas das perguntas que o racionalismo e a ciência mecanicista não conseguem dar por meio de respostas racionais? Ao longo da história em relação ao conhecimento humano e da própria Humanidade em si, vê-se que o ser humano sempre buscou entender e compreender o mundo ao seu redor. Desde o período mítico até a atual era da tecnologia e da informação, esse é um tema e ao mesmo tempo um problema que está longe de haver um denominador comum, das cosmogonias e cosmologias gregas até ao Cristianismo Ocidental Medieval. Nesses séculos, aonde houve a hegemonia da Igreja Católica Romana, a Teologia estava em evidência e tinha ao ser serviço a mãe de todas as ciências que nesse caso, é Filosofia. Nesse período a humanidade tinha uma concepção de mundo teocêntrica e que possuía uma profunda religiosidade, mesmo que não houvesse uma manifestação e uma experiência do Sagrado, ainda que nem sempre fosse aquela oficial determinada pela Igreja de Roma, em vista que a maioria do povo simples, não compreendia e muito menos entendia o culto oficial e, sendo assim, acabavam criando o seu próprio, com uma variedade de mitos, crendices etc.³

Entretanto as mudanças se faziam necessárias e já entre os séculos XIV e XV se percebia que o feudalismo entrará em crise, que por diversas razões não se cabe fazer uma análise aqui. A própria queda do sistema feudal foi aos poucos acontecendo por mudanças significativas em toda a sociedade da época e que acabou afetando de forma direta a hegemonia da Igreja Romana. Como aconteceu na Grécia Antiga, a humanidade necessitava agora de explicações para poder entender a nova realidade que estava à sua volta. Não se pode esquecer que com a mudança de mentalidade, acabou acarretando mudanças em todas as esferas da sociedade. Dos resíduos do período feudal, foi se construindo o Capitalismo. Da supremacia da Igreja Católica Romana, veio a cisma do Ocidente. A nova roupagem que trazia a chamada ética protestante se casava de certa forma bem com o espírito advindo do capitalismo e, portanto, com o próprio ideal burguês.⁴

O ser humano volta a ser o centro de todas as coisas. Era o que se pregava através do Racionalismo. Também não se pode dizer que com isso houvesse uma negação de Deus. Só que Deus já não era mais o centro da humanidade. É importante que não se confunda o pensamento do Racionalismo com o pensamento Medieval, pois a grande diferença se encontra justamente no sujeito. O Racionalismo devido ao seu próprio contexto histórico no

² TURNER, 2016, p. 12.

³ CFER, T. *Filosofia*: livro único. São José dos Campos: Poliedro, 2018. p. 109.

⁴ CFER, 2018, p. 115.

qual ocorre, já procura usar como lente para olhar o mundo a razão, já não mais condicionada pela Fé, numa total confiança no ser humano e em seus potenciais: o enfoque é antropológico. O que se busca não é negar Deus, e sim afirmar que o ser humano, enquanto ser diferente é superior aos demais, por ser considerado racional.⁵

Nesse trabalho é usado como base, além de diversas obras, as do fundador da ordem beneditina Bento de Núrsia, conhecido na tradição católica romana como São Bento, o monge beneditino inglês Dom John Main, fundador da Comunidade Mundial para a Meditação Cristã e o também monge beneditino alemão Anselm Grün escritor e que possui diversas obras traduzidas para o português.

Usou-se como metodologia o referencial bibliográfico de estudiosos, pensadores e místicos cristãos e ateus que falam sobre a importância do silêncio e até que ponto esse silêncio pode ser encarado como algo positivo e negativo. Diante do fato de ter sido monge beneditino por vários anos, além de ser professor das disciplinas de Filosofia e Ciências Sociais tanto no Ensino Médio quanto no Ensino Superior, o pesquisador percebe como o jovem lida com o sagrado e a dificuldade que possui em concentrar e de buscar o autoconhecimento. A dificuldade que enfrenta por vezes está relacionada com a sua formação familiar e social. O crescimento de redes de drogarias nas cidades, tanto do interior ou nas capitais, tem aumentado muito⁶, evidenciado que as pessoas de maneira geral estão doentes e ao mesmo tempo, buscam resolver os seus problemas, suas angústias, depressões somente de forma medicamentosa.

Provavelmente, deve-se considerar algumas hipóteses. A vida espiritual do ser humano pode estar passando por uma crise, inclusive na vida da própria Igreja Católica Romana, por estar sendo cultivada em perspectiva mais humana e natural do que sobrenatural. A vida dos cristãos e cristãs tem sido considerado um exemplo de vida espiritual que busca um significado para a vida através de conceitos que transcendem o material, em busca de um sentido de conexão com algo superior que a si próprio de acordo com alguns pensadores do século XX como o escritor e monge trapista Thomas Merton⁷, nesse início de novo milênio tende a ser vista ou vivida de modo mais externo, ou seja, para fora. Assim como o universo, depois da explosão inicial, o cristão também está em fase de expansão e de afastamento do centro na própria visão de Merton. Acredita-se que a prática da meditação cristã poderá permitir ter acesso à “verdade” que viveria dentro de cada ser humano. Esta experiência de

⁵ CFER, 2018, p. 116.

⁶ TURNER, 2016, p. 15.

⁷ MERTON, T. *A montanha dos sete patamares*. Tradução José Geraldo Vieira. 5. ed. Rio de Janeiro: Petra, 2018. p. 125.

uma realidade compartilhada e compassiva é o que todos os principais ensinamentos sobre sabedoria apontam.

A meditação cristã tem sido oferecida como um ensinamento central simples não como um retiro do “mundo”, mas como uma forma de envolver ativamente com a vida contemporânea, com todos os seus desafios e todo o seu rico potencial para a mudança. A meditação se afirma como a prática do silêncio, que através da simplicidade e quietude vai além da iluminação pessoal: é transformadora para a cultura e para a sociedade. Pois mais do que nunca a espiritualidade pela qual será tratada durante todo texto é a da escolha contínua na qual os cristãos católicos acreditam que Deus os oferece. Lembrando que em nenhum lugar Deus obriga que seus fiéis sigam o seu caminho, pois Ele, de acordo com a tradição cristã, oferece o livre-arbítrio para que se escolha o que é melhor para cada um. E assim, deixa de ser encarada como uma fuga dos problemas. A meditação cristã, de acordo com John Main, “cria comunidade porque ela revela como nós estamos todos conectados e como nos desenvolvemos com interdependência”⁸. A contemplação seria, de acordo John Main, “um dom que nos é dado em particular, e como todo dom ele precisa ser aceito e colocado em prática”⁹. É buscar encontrar, se possível, respostas para as angústias, decepções, crises e do próprio afastamento de si mesmo normalmente aonde o ser humano tem vivido de uma forma prestes a colapsar. Um dos objetivos da meditação cristã consiste em consentir que seus praticantes experimentem a chamada “presença misteriosa e silenciosa de Deus”. A oração contemplativa não seria apenas para monges e monjas ou místicos. Ela seria uma dimensão de oração para a qual todos e todas são chamados. Não trataria de algo extraordinário, ou de estados alterados da própria consciência. Trata-se daquilo que Tomás de Aquino¹⁰ chamava de “simples desfrutar da verdade”. William Blake¹¹ falava da necessidade de “limpar as portas da percepção”, de modo que se possa ver tudo como verdadeiramente é: infinito.

Isso tudo é parte integrante da consciência contemplativa, tal como vivida no cotidiano. A experiência através do silêncio e da prática da meditação é algo que busca equalizar a importância que ambos podem possuir para alguns males do nosso tempo. O

⁸ MAIN, J. *Meditação Cristã*. São Paulo: Paulus, 2019. p. 79.

⁹ MAIN, 2019, p. 80.

¹⁰ Nasceu em 1225, em Aquino, uma comuna italiana, no castelo de Roccasecca. Foi um dos defensores da Escolástica método dialético que pretendia unir a fé a razão em prol do crescimento humano. Ficou conhecido como Doutor Angélico, cujo trabalho de vida esteve dedicado a fé, a esperança e a caridade constituindo assim, um pregador cristão da razão e da prudência. AQUINO, T. DE. *Meditações para a Quaresma*. Campinas: Ecclesiae, 2017. p. 11.

¹¹ Poeta, pintor, tipógrafo e gravador inglês nasceu no dia 28 de novembro de 1757, em Londres. Se tornaria um dos maiores poetas do Romantismo inglês. Hoje um ramo do catolicismo, a Igreja Gnóstica Católica, o reconhece como santo. BENEDITINO, M. *In Sinu Jesu - Quando o coração fala ao coração: o diário de um sacerdote*. Campinas: Ecclesiae, 2019. p. 29.

mistério da oração na vida de qualquer ser humano que esteja em busca da plenitude do ser é “algo que só poderá ser experimentado ao deixar de lado a razão e buscar vivenciar os sentimentos e tudo aquilo que é considerado irracional para a nossa sociedade contemporânea”¹².

No primeiro capítulo o trabalho trata sobre a origem do monaquismo ocidental, seus personagens e o desenvolvimento da espiritualidade do deserto, que vai dar uma nova forma de compreender e viver o cristianismo nascente, a partir do que foi transmitido pelos apóstolos de Jesus Cristo. A seguir, no segundo capítulo, é abordado a importância do silêncio na vida monástica e em particular, na beneditina, pela qual o patriarca São Bento bebe das fontes do monaquismo primitivo do Egito só que aplicando suas práticas na vida comunitária em um mosteiro na qual ele diz: “Devemos, pois, constituir uma escola de serviço do Senhor.”¹³ E no terceiro e último capítulo é abordada a importância da prática da meditação cristã que atravessa os séculos, desde o século IV a.C, passando pelos claustros dos mosteiros no período medieval e chegando até o século XXI com uma abordagem simples que não se limita mais aos monges e monjas, mostrando que essa tradição milenar ainda é atual e tem servido para muitos cristãos católicos e não católicos como uma ponte que conduz ao autoconhecimento, ao conhece-te a ti mesmo e a busca de uma experiência com o próprio Deus cristão através da prática do silêncio.

¹² MERTON, T. *Merton na intimidade: sua vida em seus diários*. Rio de Janeiro: Fisis, 2001. p. 79.

¹³ ENOUT, J. E. *A regra de São Bento*. Latim-português. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 2001. p. 17.

1 O MONAQUISMO PRIMITIVO

Esse capítulo se propõe a mostrar a origem do monaquismo primitivo e como foi vivido por homens e mulheres que deixaram tudo o que tinham, para viverem de forma austera e simples, a busca de experimentar a divindade através do trabalho e da oração diuturnamente, em uma época em que a dificuldade era muito maior e mais complexa do que na vida atual.

O silêncio é empregado de diversas formas possíveis e até impossíveis. Uma parcela da sociedade contemporânea, não sabe lidar com a ausência de barulho e muito menos escutar a si mesmo. Com intuito de buscar entender e se possível aprender a lidar com o nosso eu, seria possível colocar em prática a observância de alguns homens e de algumas mulheres que deixaram o mundo para viverem isolados no deserto do Egito em pleno século IV? Será que eles e elas poderiam ajudar a atual sociedade a lidar melhor com o silêncio e a busca de conhecer-se a si mesmo? Essas e outras perguntas poderão ou não, serem respondidas ao longo desse capítulo. Que possamos deixar de lado os nossos possíveis preconceitos e que busquemos de uma forma mais racional possível, compreendermos a vida que esses homens e mulheres viveram numa perspectiva de saber lidar com as pessoas e com suas próprias debilidades.

Com o aparecimento do monaquismo, nos encontramos diante de um dos acontecimentos importantes para toda a história da chamada 'compaixão cristã'. Surge daí uma nova forma de espiritualidade ao mesmo tempo rica e uma nova alternativa, na qual se busca viver o modelo evangélico. Este tema, por assim dizer, cria uma forma de conexão com o alicerce da origem da vida consagrada. Antes de transformar-se em espiritualidade, o monaquismo necessita ter uma definição de sua própria identidade. Diversas perguntas acabam aparecendo como: É um movimento que teve origem do cristianismo? Não seria uma cópia de um dos modelos que existiram em algumas filosofias e religiões mais antigas que o próprio cristianismo? Qual era o objetivo desses cristãos abandonando o mundo para viverem isolados no deserto ou em comunidade? Qual é o verdadeiro sentido dessa fuga do mundo? O que esses monges e monjas pensam em relação a este tipo de vida como cristãos? Essas e muitas outras perguntas podem ser feitas e que, se forem respondidas, nos ajudarão a compreender melhor o monaquismo e sua espiritualidade.¹⁴

¹⁴ CAVALCANTE, R. *Espiritualidade cristã na história: das origens até Santo Agostinho*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 221.

1.1 O monaquismo e a experiência cristã

O monaquismo em sua experiência cristã possui como origem no Egito e logo depois na Síria. Ele dialoga com alguns dos movimentos ascéticos dentro do próprio cristianismo. Nos primeiros anos de existência o ascetismo tinha por característica a necessidade de afastamento da sociedade, da comunidade cristã e até mesmo da própria família, essa nova forma de viver desejava manter-se em total isolamento do mundo habitado em busca total de solidão e silêncio. Bem no início, conforme alguns, houve uma coincidência com a perseguição de Décio (c. 250), na qual vários e vários cristãos acabaram fugindo das áreas em que viviam do Egito para os desertos nos arredores e acabaram ali permanecendo por um bom tempo.¹⁵ Uns, para buscar uma vida santa, ficaram ali por toda a vida, em busca de uma conversão diária, e tornando-se os precursores dos eremitas.¹⁶

No entanto, o acontecimento do monaquismo aparece na segunda, metade do século III¹⁷, na qual as primeiras pessoas são indivíduos anacoretas ou solitários. Na qual, não foi apenas pelo motivo da perseguição religiosa que proporcionaram em seu aparecimento; era costume no Egito naquele tempo que todos ou todas que tivessem motivo para fugirem da sociedade, fossem bandidos, devedores perseguidos pelo fisco, criminosos, pessoas de todo o tipo; é possível que durante a perseguição, os fiéis tivessem recorrido ao mesmo recurso; como Antão¹⁸, Macário, o Egípcio¹⁹ e outros.

Hoje em dia não há como afirmar que o movimento do monaquismo seja um acontecimento único e exclusivo do cristianismo. Sabe-se que antes de Cristo um movimento semelhante ocorreu em outras filosofias e religiões tais como: budistas, pitagóricos, essênios etc. Um acontecimento similar, algo essencial a eles. No meio da comunidade daqueles que

¹⁵ CESAREIA, E. *História eclesiástica VI*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003. p. 42

¹⁶ QUASTEN, J. *Patrologia*. Madri, La Editorial Católica, 1978. p. 158.

¹⁷ QUASTEN, 1978, p. 158.

¹⁸ É um santo Egípcio do início do cristianismo no Oriente. Nasceu na cidade de Conam, no Egito, no ano 251. Era filho de pessoas simples do campo. Seus pais professavam a fé em Jesus Cristo. Ele tinha uma irmã. Quando seus pais faleceram, ele estava com vinte anos de idade. Seguindo o curso natural da vida, ele herdou os bens da família e começou a cuidar de sua irmã. Continuou com o trabalho na roça, mantendo uma vida simples e de oração. Foi então que, ao participar de uma missa, o padre leu um trecho do evangelho que o tocou profundamente, vindo de encontro à sua sede. O trecho era Mateus 19,21, quando Jesus diz ao jovem rico: Se queres ser perfeito, vai vende seus bens dê aos pobres e terás um tesouro no Céus, depois vem e segue-me. Antão sentiu que este chamado era para si. Coincidentemente, sua irmã se casou na mesma época. Então, ele vendeu todos os seus bens e foi morar numa caverna no deserto, vivendo uma vida de oração e sacrifícios. GRÜN, A. *Sabedoria do deserto*. São Paulo: Vozes, 2017. p. 57.

¹⁹ Egito. Uma antiga tradição afirma que o seu nascimento ocorreu no vilarejo de Shanshour, em Al Minufiyah, por volta de 300 d.C. Algum tempo antes de iniciar sua vida ascética, Macário ganhava a vida contrabandeando natrão nas redondezas de Nítria, uma vocação que o ensinou como sobreviver e como viajar através da vastidão desolada da região. Ele é venerado pela Igreja Católica Apostólica Romana em 15 de janeiro, na Igreja Ortodoxa em 19 de janeiro e na Igreja Ortodoxa Oriental em 4 de abril, como São Macário do Egito. GRÜN, 2017, p. 77.

creem, nasce de uma forma espontânea um grupo de fiéis que desejam viver de uma forma mais intensa a ideia da própria religião. Não se pode esquecer que o próprio monaquismo cristão é fruto de algo nativo, pois não precisou de um modelo monacal que existisse anteriormente e não nasce de um ponto originário, cresce do centro em direção a periferia, é um movimento que surge ao mesmo tempo em vários pontos diferentes. As formas sofrem alguma variação, mas a essência é semelhante.²⁰

1.2 Características fundamentais do monaquismo primitivo

Mesmo havendo motivos para fugir do mundo em direção ao deserto é importante que entenda o teor do monaquismo. A questão fundamental está ligada diretamente com a vocação. O monge ou a monja, considera-se não um monopolizador de algo espiritual nem muito menos uma pessoa carismaticamente chamada, mas um simples cristão normal. Com efeito, o início das distinções entre os chamados graus de espiritualidade ocorreu durante o período de Constantino²¹ com sistemática teoria, a partir de Eusébio de Cesareia²².

Este último justificou tal diferença em sua escrita, no qual ele afirma que a Igreja de Cristo colocou duas regras bem diferentes de comportamento para duas formas diferentes de vida: uma para aquele ou aquela que deseja buscar através de árduas virtudes religiosas, e outra para aquele ou aquela que deseja viver uma vida como casados, diplomatas e aos costumes da essência de todos os dias.²³ Parece, pois, que existe um certo esforço para dar uma justificativa a nova forma de vida que está sendo oferecida a Igreja, ao próprio clero de maneira especial, pelo próprio Estado romano. Sendo assim, a Igreja Romana fala em preceitos e conselhos. Tendo de um lado, o ideal religioso de difícil execução; e do outro lado um apego comum aos exercícios espirituais e devocionais.²⁴

No entanto, o monge ou a monja não se considerava mais do que um (a) cristão e/ou cristã seguidor (a) do Evangelho, discípulo e/ou discípula de Jesus Cristo. Para ele (a), a vida monástica era um espaço, uma instituição na qual se vivia na total graça recebida pelo

²⁰ MAROTO, D. P. *História de la espiritualidade Cristiana*. Madrid: EDE, 1990. p. 72.

²¹ Foi imperador romano, proclamado Augusto pelas suas tropas em 25 de julho de 306, que governou uma porção crescente do Império Romano até sua morte. PEREIRA, S.C. *Thomas Merton: contemplação no tempo e na história*. São Paulo: Paulus, 2014. p. 75.

²² Foi bispo de Cesareia e é referido como o pai da história da Igreja porque nos seus escritos estão os primeiros relatos quanto à história do cristianismo primitivo. O seu nome está ligado a uma crença curiosa sobre uma suposta correspondência entre o rei de Edessa, Abgar e Jesus Cristo. Eusébio teria encontrado as cartas e, inclusive, as copiado para a sua História eclesiástica. PEREIRA, 2014, p. 83.

²³ DONINI, A. *História do Cristianismo: das origens a Justiniano*. São Paulo: Edições 70, 1988. p. 211.

²⁴ DONINI, 1988, p. 212.

batismo, uma oportunidade entre outras, tida mais apropriada que outras (por exemplo, a vida de família na cidade, a vida de trabalho na sociedade etc.). Ele ou ela não se comparavam com os demais cristãos, e não se consideravam melhores do que aqueles que viviam em sociedade no mundo.²⁵

O monge e/ou monja não era nada mais do que um cristão, e mais precisamente um devoto, leigo e/ou leiga, que se atinha a usar as formas mais radicais para que sua vocação no cristianismo fosse absoluta.²⁶ Desde o início, monge e monjas começaram a utilizar alguns termos, que de forma original, representavam o ser cristão tais como santos, cristãos, irmãos, na qual mostravam que a vida fora dos ambientes dos mosteiros tinha deixado de ser vivida com seriedade. Esses homens e essas mulheres se mantiveram fiéis ao ideal do pensamento evangélico e para isso constituíram toda uma estrutura que lhes permitiu viverem desse jeito de acordo com João Crisóstomo²⁷ em uma de suas pregações²⁸. Em um dos pontos mais importantes dessa vida se encontram as realidades fundamentais da espiritualidade monástica, que se encontra o deserto. É um lugar histórico e geográfico, transformou-se em um local de “encontro” e até místico dentro do imaginário religioso; primeiramente para os próprios judeus em uma leitura de todos os acontecimentos com os seus antepassados hebreus, e de acordo com os cristãos uma releitura dos personagens alegóricos da própria história que se encontra na Bíblia.²⁹

É por isso que o deserto passa a possuir um caráter psíquico.³⁰ Para os cristãos das origens do cristianismo, na qual está encravado o monaquismo, e no decurso dos fatos o povo de modo geral entende as constantes do homem e de Deus. A própria imagem do deserto no Êxodo e a entrada na terra prometida formam um conjunto estrutural de vida para todo aquele que crê.³¹ O deserto para o povo de Israel, invoca aquele momento de encontro com o próprio *Iahweh* salvador, onde se aparecem as *mirabilia Dei* (as maravilhas de Deus). Lugar este sem nenhum tipo de amparo temporal, onde o povo escolhido teria plena confiança em Deus. Por todos os mais variados episódios históricos-salvíficos, não só apenas por entendimento psicossociais, o deserto sempre teve importância dentro da referência na história da própria

²⁵ MAROTO, 1990, p. 73.

²⁶ BOUYER, L. *História da espiritualidade*. Paris: Aubier, 1960. p. 383-385.

²⁷ Foi arcebispo de Constantinopla e um dos mais importantes patronos do cristianismo primitivo. Ele é conhecido por suas poderosas homilias, por sua habilidade em oratória, por sua denúncia dos abusos cometidos por líderes políticos e eclesiais de sua época, por sua “divina liturgia” e por suas práticas ascetas. MARÍN, A. R. *A fé da Igreja: em que se deve crer o cristão de hoje*. Campinas: Ecclesiae, 2018. p. 323.

²⁸ HAMMAN, A. G. *Para ler os padres da Igreja*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 133.

²⁹ CAVALCANTE, 2007, p. 226-227.

³⁰ MAROTO, 1990, p. 76.

³¹ DE FIORES, S.; GOFFI, T. *Dicionário de espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 1993. p. 261.

ascese cristã e, é claro, na própria história do monaquismo. Existe a chamada “espiritualidade do deserto” que se baseia numa vida de renúncias, austeridade, oração sete vezes ao dia, jejum, trabalho que possui como base as Sagradas Escrituras que foram redescobertas pelos (as) primeiros(as) monges e monjas. Esse redescobrir da Escritura Sagrada se faz por meio de uma leitura simbólica.³²

Além do silêncio, da solidão, do próprio afastamento do mundo e da disposição para a contemplação (coisas evidentes), o monge e a monja cristãos iam ao deserto buscar a “tal” intimidade com Deus. Essa ideia já tinha sido manifestada pelo profeta Oséias: “Por isso, eis que vou, eu mesmo, seduzi-la, conduzi-la ao deserto e falar-lhe ao coração”³³. O deserto é conhecido como a morada do antigo inimigo³⁴, como dizia Gregório Magno³⁵ ao se referir ao demônio. Para também se dirigiu o próprio Cristo para ser tentado pelo demônio³⁶; o monge e/ou a monja vão ao deserto com essa mesma finalidade.³⁷ A espiritualidade monástica do deserto levaria em consideração essa situação de forma temporária. Não se pode ter um tal status de eternidade, pois aquele que é crente é chamado a viver em comunidade, à própria sociedade dos homens, à Igreja. E deve percorrer por algum tempo pelo deserto, no intuito de se fortalecer e preparar-se para a missão, para o convívio com as outras pessoas.³⁸

O deserto é tido como um lugar de circulação muito cabível para aquele que, ativamente exerce atividade social e pastoral, e que busca ter como orientação para suas vidas o plano de Deus e desta forma, atuar de forma autêntica e verdadeira em benefício da salvação dos irmãos. Não chega a ser exagerado assegurar que a espiritualidade monástica é fundamentalmente religiosa e que surge da proximidade e do encontro com a Palavra de Deus. Além da própria leitura ou da escuta, o monge e/ou a monja dedicavam-se à meditação das Sagradas Escrituras, que não seria apenas um tipo de exercício discursivo ou mental, e sim uma total operação que vai da interpretação textual através da leitura e a memorização, até a compreensão plena e da execução do conteúdo, a prática cristã de acordo com a mesma tradição cristã. E o monge e a monja dispunham de tempo para essa tarefa, pois era um dever diário e principal de sua condição. Mesmo durante o trabalho, o monge e a monja mantinham-

³² CAVALCANTE, 2007, p. 227.

³³ Cf. Os 2,16.

³⁴ MAGNO, G. *Vida e milagres de São Bento*. São Paulo: 3. ed. Artpress, 1999. p. 71.

³⁵ Foi Papa entre 3 de setembro de 590 até a sua morte, em 12 de março de 604. É conhecido principalmente por suas obras, mais numerosas que as de seus predecessores. Gregório é também conhecido como Gregório, o Dialogador na Ortodoxia por causa de seus “Diálogos” e é por isso que seu nome aparece em algumas obras listado como “Gregório Dialogus”. Foi o primeiro Papa a ter sido monge antes do pontificado. MARÍN, 2018, p. 309.

³⁶ Cf. Mt 4,1.

³⁷ MAROTO, 1990, p. 77.

³⁸ FIORES; GOFFI, 1993, p. 265.

se em harmonia com a Palavra que fora lida. As Sagradas Escrituras os acompanhavam como uma lembrança querida do próprio Deus revelado.³⁹

Juntamente à Sagrada Escritura, contava como preceito de vida as tradições e a tradição. O orientador e, até mesmo aquele mais antigo, apela à “tradição dos mais velhos” ou “tradição dos Pais”. Ele tinha consciência de que deveria buscar seguir os passos daquele cristão que havia o precedido no caminho. É importante destacar que aqueles monges e monjas se consideravam de forma pessoal e diretamente conectados à primeira comunidade apostólica de Jerusalém. A figura do próprio deserto traz consigo a separação com o próprio meio em que se vive. O ser humano acaba deixando o mundo normal e suas relações em sociedade e o conforto que possui para ficar isolado e sozinho em um ambiente rudimentar, na qual as suas necessidades essenciais são avivadas e as ilusórias deveriam ser deixadas de lado, de acordo com a tradição.⁴⁰

Tendo como base em um conceito antropológico, a maioria dos escritores monásticos buscaram analisar e descrever a realidade, até mesmo com profundidade psicológica as disposições confusas do próprio ser humano, sem cujo controle não haveria possibilidade de alcançar a chamada perfeição cristã. Na vida, do dia a dia tudo apontava para esse objetivo. Assim sendo, surgiram regras e tratados monásticos que buscam conseguir a vitória sobre todo os tipos de vícios e à obtenção das virtudes. A espiritualidade do deserto e do monaquismo pode ser classificada de forma simples de luta ascética. É difícil agora, julgar se os monges mantiveram o equilíbrio entre o ativo e o passivo, entre o próprio esforço e a graça. Em outras palavras, a santidade para eles era mais exercício (ascese) que dom de Deus. Há suficientes indícios para pensar que a ênfase que punha na luta e na voluntariedade engrossava a rica tradição pelagiana⁴¹.

³⁹ CAVALCANTE, 2007, p. 229.

⁴⁰ FIORES; GOFFI, 1993, p. 266.

⁴¹ Pelágio foi um monge ascético, nascido provavelmente na Britânia. Estabeleceu-se em Roma por volta de 405, depois viajou para África do Norte, continuou a viagem até a Palestina e escreveu dois livros sobre o pecado, o livre-arbítrio e a graça. Quando Pelágio chegou a Roma, notou que muitos cristãos viviam de maneira indecente e muitos outros pareciam não se preocupar com a crescente indiferença à pureza moral e obediência na Igreja. Rastrou o problema até uma publicação de Agostinho (Confissões), onde este afirmava que ninguém pode ser continente (abster-se da imoralidade), a menos que Deus lhe desse essa dádiva. Argumentou que, se os cristãos acreditavam que não podiam ser continentes, era de se esperar que praticassem a incontinência. Escreveu então o livro da Natureza, em que sustentava que os seres humanos podem ter uma vida sem pecado com seus “dons naturais” e que cabe a eles fazer isso. Esse foi o início da grande controvérsia a respeito do pecado original, do livre-arbítrio e da graça que ocupou a Igreja por mais de cem anos e cuja repercussão continuou nos séculos seguintes. Suas opiniões foram criticadas também por Jerônimo, tradutor e comentarista bíblico, que morava em Belém na Palestina. Foi inocentado das acusações sobre heresia pelo Sínodo de Dióspolis na Palestina em 415, mas condenado como herege pelo bispo de Roma em 417 e 418, e pelo primeiro Concílio de Éfeso em 431. MARÍN, 2018, p. 311.

Essa atitude inicial explica a quantidade e a qualidade de seus exercícios ascéticos, muitas vezes estranhos e exagerados para nós.⁴²

1.2.1 *O Silêncio no monaquismo primitivo*

A cada dia, vemos algumas pessoas em busca de uma vida um pouco mais confortável, bem-sucedida mesmo diante da incerteza do nosso próprio ser e, hoje, isso de certa forma acaba nos incitando da mesma maneira que encorajou boa parte das pessoas da Antiguidade. A busca para responder à questão sobre como podemos ter uma vida de sucesso teve início com a filosofia e com seus protagonistas, os filósofos. Mas essa busca também partiu de outras pessoas que, acreditavam terem tido uma inspiração divina, e que se afastaram da sociedade em busca de descobrir o chamado “castelo interior”, como dizia Teresa D’Ávila⁴³:

Estes homens e mulheres que deixaram tudo para buscar contemplar a face de Deus em meio ao deserto, viveram entre os séculos terceiro e sexto depois de Cristo. Pessoas que haviam experimentado a fragilidade de sua existência, que as levou a uma crise, fazendo com que procurassem, no isolamento, caminhos para defrontar-se com sua própria verdade.⁴⁴

Apesar de alguma experiência anterior, teriam a intenção de redirecionar suas vidas, principalmente, enfrentando os chamados demônios que apareciam diante das dificuldades na vida do deserto e pelo confronto com a própria solidão, sempre na busca de encontrar a tão sonhada paz interior. Essas pessoas, ainda em nossos dias, dariam um exemplo a qual muitos buscam seguir apesar do crescente ateísmo em nosso século de acordo com a Igreja católica romana. Os Padres ou Madres do deserto, como eram conhecidos, foi uma expressão que surgiu, posteriormente, para indicar esses primeiros monges e monjas cristãos no cristianismo primitivo que buscaram, através de uma vida de renúncias que era determinada pela ascese, oração e trabalho, principalmente, no deserto do Egito, da Palestina e da Síria, na condição de eremitas que são aqueles monges ou monjas que vivem fora do cenóbio, ou seja, fora dos mosteiros e da vida comunitária.⁴⁵

⁴² MAROTO, 1990, p. 83.

⁴³ Conhecida como Santa Teresa de Jesus, foi uma freira carmelita, mística e santa católica do século XVI, importante por suas obras sobre a vida contemplativa e espiritual e por sua atuação durante a contra reforma. Foi também uma das reformadoras da ordem carmelita e é considerada cofundadora da ordem dos carmelitas descalços, juntamente com São João da Cruz. DE ÁVILA, T. *As moradas do castelo interior*. São Paulo: É Realizações, 2014. p. 33.

⁴⁴ DE ÁVILA, 2014, p. 35.

⁴⁵ GRÜN, A. *As exigências do silêncio*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 19.

Esses homens e mulheres do deserto, como já possuíam uma familiarização com a fragilidade do ser humano, aprenderam a lidar com essa situação, buscando um sentido para sua existência. Para as pessoas de seu tempo a força que vinha desses homens e mulheres que se consideravam servos de Deus foi aos poucos iluminando e contagiando muitas outras pessoas que estavam em busca de um conselho, de uma palavra amiga, chegando a fasciná-las ao ponto de buscarem viver do mesmo modo que esses Pais e Madres viviam. “Mas será que tanto naquela época, quanto hoje em dia, em pleno século XXI, existem pessoas que encontram em sua alma uma incredulidade em relação a sua vida pessoal? E esta poderia abalar a sua fé?”⁴⁶ Com esse tipo de dúvida, acabamos percebendo que não há possibilidade desse Deus. Como somos seres que falamos de Deus, acabamos sendo desafiados a indagar: “Quem é realmente este Deus? O que significa dizer que Deus se fez homem em Jesus Cristo? O que significa a ressurreição?” Essas e muitas outras perguntas devem tomar a consciência de que existem os dois polos: tanto a fé como a descrença. Contudo, na Antiguidade, as pessoas buscavam escutar desses Padres e Madres seus conselhos e orientações para saberem lidar com as dificuldades de suas vidas. Esses monges e monjas, porém, aparentavam possuir certa sensibilidade aparentemente acurada que de certa forma conseguiam perceber se alguém se achava em um dilema existencial e se precisava de uma palavra ou de uma orientação que “pudesse indicar o caminho para tirá-lo (a) de uma crise existencial”.⁴⁷

Conta-se que, certo dia, uma pessoa em dúvida, buscou o conselho de *abbas* Siso⁴⁸ de como poderia buscar a Deus.⁴⁹ E assim ele disse:

Não devemos imaginar Deus como uma pessoa que tem um lugar fixo de morada. Deus está em toda parte; Ele perpassa a natureza; Ele se encontra no coração do ser humano; Ele se faz presente na comunidade dos que rezam, mas não permite ser enclausurado em local específico. Por isso, devemos desistir de fixá-lo num local e de procurar por esse lugar. A procura de Deus requer, antes, que o procuremos sempre em todos os lugares, mas sem pretender possuí-lo.⁵⁰

Será que esse conselho de fé serviria ainda para alguma pessoa, atualmente? Olhando para este período da história da Antiguidade, pode parecer um mundo distante e

⁴⁶ GRÜN, 2010, p. 77.

⁴⁷ LACARRIÈRE, J. *Padres do deserto: homens embriagados de Deus*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 107.

⁴⁸ Era egípcio de nascimento. Tendo retirado o mundo de sua juventude, ele se retirou para o deserto de Sceté e viveu algum tempo sob a direção do abade Hor. O desejo de encontrar um retiro ainda mais incomum induziu-o a atravessar o Nilo e se esconder na montanha onde Santo Antônio, o grande, morreu algum tempo antes. GRÜN, 2017, p. 79.

⁴⁹ A palavra abade, que provém do substantivo latino *abbas*, *abbatis*, através da sua forma acusativa *abbatem* – a qual, por sua vez, deriva do siríaco *abbâ* -, significa pai e tem sido utilizada como título clerical, no Cristianismo, com diversas acepções, ainda que se refira, na sua acepção original, à vida monástica e a quem governa uma abadia. MARÍN, 2018, p. 335.

⁵⁰ GRÜN, 2017, p. 37.

incompreensível, principalmente se buscar entender por mera curiosidade. É claro que as palavras de sabedoria desses monges e dessas monjas só poderão surtir efeito naqueles que são crentes e que conseguirem perceber em suas palavras um reflexo por meio do qual reconheceriam as suas próprias fragilidades, “o próprio risco e tentação”.⁵¹ Sendo assim, seria possível experimentar os conselhos dos padres e madres do deserto como possíveis remédios que podem talvez trazer a cura e salvação para a alma que busca um sentido para sua vida através da sua religiosidade? Essas histórias mostram-nos um caminho alternativo que pode servir em alguns casos como aprendizado para que saibamos lidar com as nossas emoções e pensamentos. Apesar de transmitirem uma certa sensação de paz, esses homens e mulheres permaneciam em um ambiente que era tudo, menos sinônimo de tranquilidade para as almas que necessitavam de repouso. O deserto era tido como um lugar de tentações e de lutas constantes contra esses tais demônios. Nesse campo de batalha árido, enfrentavam de certo modo, todos os perigos experimentados no mundo sempre de uma forma nova. Assim sendo, “os monges e monjas tinham por objetivo purificar-se no deserto de todos os maus pulsos interiores.”⁵²

Hoje, ao falar sobre deserto ou algo semelhante, imaginamos lugares devastados, em experiências extremas e ameaçadoras, principalmente em relação à devastação que muitos crentes acreditam que a alma sofra. Para os pais e mães do deserto, o silêncio é um artifício utilizado nessa caminhada que conduz ao encontro com Deus, e ele também teria uma função de terapia ocupacional. O monge Anselm Grün chega a dizer que o “silêncio permite que se mantenham afastadas a inquietação e a raiva, na busca de um autoconhecimento, que proporciona uma análise do comportamento humano em relação à raiva”⁵³. Antes de ter uma atitude de raiva com o outro, de acordo com Grün deve-se buscar adentrar-se no silêncio da razão de sua própria raiva. É necessário analisar se o rancor em que sentimos seja movido por um determinado comportamento das outras pessoas ou se estaria realmente em nós, e se não estamos usando de um artifício de fuga de nós mesmos utilizando de palavra ofensiva contra o outro. Faz-se necessário questionar-nos até onde esse rancor não seria algo de expansão exagerada do próprio eu. Certa vez, um abade de um mosteiro trapista, disse que um dos seus monges não conseguia controlar a sua raiva:

A raiva, muitas vezes, revela como a gente pensa e sente a respeito de si próprio e qual a importância que a gente atribui às próprias ideias e opiniões. Quando Deus voltar a ocupar o centro de tua vida e conseguires apresentar-te a Ele com tuas

⁵¹ LACARRIÈRE, 2002, p. 155.

⁵² GRÜN, 2017, p. 13.

⁵³ GRÜN, A. *Se quiser experimentar Deus*. 6. ed. São Paulo: Vozes, 2014. p. 49.

fraquezas, então talvez possas ganhar distância para deixares passar o teu rancor e voltares a orar.⁵⁴

O silêncio também é tido como uma arma de acordo com a tradição monástica e que pode vir ajudar-nos a mantermos distância de nossos rancores e nossas raivas. Claro que, ao falar, de nossas emoções não resolvidas elas podem acabar vindo à tona. O silêncio não abafaria as emoções e muito menos as agressões, mas de acordo com a tradição do deserto ajudaria a domá-las, impondo ordem sobre elas. Também através do nosso falar, todas as nossas emoções seriam reviradas, e com o silêncio seria uma maneira com que elas assentassem novamente. De certa forma, pode até se comparar com o vinho. Quando ele é mexido, torna-se turvo, mas, quando o deixamos descansar parado, ele fica claro e transparente. Essa possível disposição do silêncio de causar certa clareza ao coração daquele que é crente é apresentada em uma poesia chinesa. “Quem é aquele que consegue clarear o turvo por meio da calma? Quem é que pode demonstrar toda a tranquilidade que seria necessária para clarear o opaco? Silêncio, portanto, como a capacidade de clarear a água turva”.⁵⁵ Certo dia um irmão fez uma pergunta para o *abba* Poimém⁵⁶: “O que é melhor, falar ou calar-se?” O ancião respondeu: “Quem fala por Deus faz bem e quem se cala por Deus, também”.⁵⁷

Em poucas palavras, *abba* Poimém define com sabedoria esse caso de consciência a qual foi colocado para ele. Claro que ele poderia ter levado certo tempo para poder chegar a uma conclusão, levando em consideração as várias alternativas dispostas ao monge no sentido de: devo falar algo? Ou devo permanecer calado? O monge simplifica tudo em apenas duas palavras: Põe Deus. Independente da sua postura em falar ou calar-se, tudo deve ser feito para agradar somente a Deus na visão desses monges e monjas do deserto. E de acordo com eles, se esse não for o objetivo, corre-se o perigo de desviar-se do propósito e cometer o pecado, principalmente, no que se refere ao falar. Muitas vezes, o ser humano nem pensa em sua pergunta e acaba falando ou se calando de acordo com a sua vontade. Seríamos sempre levados a abrir a nossa boca para, na maioria das vezes, não dizer nada, para pôr algo em destaque, para agradar ou seduzir, para criticar, falar mal ou caluniar, diversos são os motivos

⁵⁴ NOUWEN, H. J. M. *Pare o silêncio*. Atos, 1979. p. 124.

⁵⁵ KÄSTNER, E. *O urbano das coisas*. Atos, 1973. p. 60.

⁵⁶ Foi um monge egípcio (340-450 d.C.) e um antigo Padre do Deserto que é o mais citado Abba no *Apophthegmata Patrum* (Ditados do Deserto). Abba Poimém foi citado com mais frequência por seu dom como guia espiritual, refletido com o nome de “Pastor”, em vez de ascetismo. Ele é considerado um santo no cristianismo oriental. Sua festa é celebrada no dia 27 de agosto no calendário juliano e 9 de setembro no calendário gregoriano. GRÜN, 2017, p. 84.

⁵⁷ REGNAULT, L. *À escuta dos pais do deserto hoje*. Juiz de Fora: Subiaco, 2014. p. 77.

pelos quais não confessaríamos nossa dificuldade de se encarar certas situações, na visão monástica do deserto.

“A boca costuma falar sempre do que está cheio o nosso coração”⁵⁸. Já em relação a nós, na maioria das vezes sentiríamos mais a necessidade de falar e ser escutado e de acordo com os pais e mães do deserto; deveríamos, portanto, se assim for possível sermos atenciosos e aprendermos quem sabe guardar com zelo o apoftegma de Poimém. Devemos questionar-nos: quando falamos ou quando permanecemos calados, isso será feito realmente para agradar a Deus? Para os crentes, ou não estaríamos fazendo isso numa atitude de vaidade, orgulho e até por respeito humano? Ou quem sabe até mesmo, agradar alguém? Seria interessante analisar essa questão de forma racional, pois estes homens e mulheres buscaram dentro da realidade de seu tempo, viverem uma vida considerada pela sociedade da época insana. Levando-nos a um esclarecimento que deve nos guiar e mostrar-nos até que ponto se deva falar e sobre como devemos falar. É importante salientar que o nosso silêncio não é vazio, não é a causa da morte, mas, sim, pelo contrário, seria algo que deva aproximar-nos da vida plena, e que esse era o ideal daqueles homens e daquelas mulheres do século IV. “Se nos calamos é porque as palavras de que desejam viver nossas almas, não se exprimem com palavras desta vida”.⁵⁹

O monge ou a monja é aquele em que sua espiritualidade está pautada pela escuta. A comunhão da humanidade estaria na palavra que é o meio: pela busca de unidade por parte de algumas pessoas com o Sagrado e que possuem como alicerce a Palavra Sagrada. “Não se deve esquecer que a vida do monge e da monja é uma herança vivida através da mística de interioridade”⁶⁰ é o que dizia o Papa Gregório Magno, mas a vida monástica também depende de acordo com Agostinho de Hipona⁶¹ ao privilegiar o versículo do Gênesis, na forma de entendimento em que o ser humano foi criado “à imagem e semelhança de Deus”⁶². De acordo com o pensamento monástico Deus se ofereceu ao homem e habitaria em seu coração, e um dos propósitos que o monge e a monja têm é a de buscar adentrar o mais profundo de seu ser, onde Deus habitaria em seu sagrado silêncio. Nessa comunhão, acredita-se que se

⁵⁸ Cf. Mt 12, 34.

⁵⁹ GUILLERAND, A. *Silêncio da cartuxa*. Tradução de Doroteia Rondon Amarante. Juiz de Fora: Subiaco, 2011. p. 21.

⁶⁰ MAGNO, G, 1999, p. 15.

⁶¹ Conhecido como Santo Agostinho, foi um dos mais importantes teólogos e filósofos nos primeiros séculos do cristianismo, cujas obras foram muito influentes no desenvolvimento do cristianismo e filosofia ocidental. Ele era o bispo de Hipona, uma cidade na província romana da África. Escrevendo na era patrística, ele é amplamente considerado como sendo o mais importante dos Padres da Igreja no ocidente. Suas obras-primas são “A cidade de Deus” e “Confissões”, ambas ainda muito estudadas atualmente. MARÍN, 2018, p. 129.

⁶² Cf. Gn 1,27.

realizaria a aliança da alma humana com o verbo; dessa intimidade, elevar-se-ia a chamada “estrela da manhã”⁶³ que vem anunciar o novo dia que está surgindo. O apóstolo Paulo⁶⁴ ao escrever a comunidade de Corinto diz que: “Nós todos, de face descoberta, refletindo como em um espelho a glória do Senhor, seremos transformados naquela mesma imagem, de glória em glória, segundo a ação do Espírito do Senhor”.⁶⁵ Esse texto possui algo de fundamental que “diz-nos qual seria a condição para o processo que termina na transparência do homem em Deus: a condição é a vida na presença. Deus, que habita no seu íntimo, atrai a si a alma e a transforma nele”.⁶⁶ Madre Amma Teodora⁶⁷ diz que:

Bom é o silêncio, e um homem sensato exercita o silêncio., pois é verdadeiramente grande para uma virgem ou monge estarem em silêncio, mas, principalmente, para os mais novos. Mas saiba: quando alguém se propõe a ficar em silêncio, vem de imediato o mal sobrecarregar a alma com tédio, fraqueza de ânimo e pensamentos. Também, o corpo, ele o sobrecarrega com doenças, cansaço, desarticulação dos joelhos e de todos os membros. Ele, portanto, elimina a força da alma e do corpo. E, quando, porém, estamos atentos, tudo isso se desfaz. Houve um monge que, ao iniciar a celebração do culto divino, ficou assolado por frio e febre, sendo que a cabeça ficou perturbada por uma tentação. E, assim, disse para si: Eis que estou doente e logo vou morrer. Antes de morrer, quero levantar-me e celebrar o culto divino. E quando terminou desse pensamento coagiu-se e realizou o culto divino. E quando terminou o culto divino, também cessou a febre. E mais uma vez um irmão se opôs a esse pensamento, celebrou o culto divino e venceu, assim, o pensamento.⁶⁸

Outras mulheres daquela época acabaram influenciando muitos dos primeiros monges e monjas na vida solitária do deserto do Egito. Na maioria das vezes, elas também davam conselhos parecidos com os dos pais do deserto. Ao analisar suas palavras, com as dos pais, é perceptível algumas pequenas diferenças. Pode-se perceber que as mães falam sempre algo que envolva o corpo e doenças, coisa que não acontece com os homens. Madre Teodora é conhecedora da bênção que consiste no silêncio, mas, ao mesmo tempo, no seu perigo. Ao buscar ficar em silêncio, os pensamentos que os padres e madres tratam como “demônios”

⁶³ Cf. 2Pd 1,19.

⁶⁴ Paulo de Tarso, foi um dos mais influentes escritores do cristianismo primitivo, cujas obras compõem parte significativa do Novo Testamento. A influência que exerceu no pensamento cristão, chamada de “paulinismo”, foi fundamental por causa do seu papel como preeminente apóstolo do Cristianismo durante a propagação inicial do Evangelho de Jesus Cristo pelo Império Romano. BENEDITINO, 2019, p. 65.

⁶⁵ Cf. 2Cor 3,18.

⁶⁶ BARSOTTI, D. *Monaquismo e mística*. Juiz de Fora: Subiaco, 2009. p. 81; 83.

⁶⁷ Foi uma asceta cristã que viveu no deserto do Egito, palestina e Síria no século IV. Os provérbios de Teodora do Deserto indicam que ela teve uma vida eremita por cerca de 60 anos. Suas respostas afiadas para alguns dos homens velhos que a desafiaram mostra uma personalidade distintamente forte. De acordo com uma história, dois homens anacoretas visitaram-na no deserto e decidiram, “Vamos humilhar esta velha mulher”. Eles disseram para ela, “Tenha cuidado para não se tornar vaidosa pensando em si mesmo”: “Olha como anacoretas estão vindo me ver, uma simples mulher.” Ela respondeu, “De acordo com a natureza, sou uma mulher, mas não de acordo com meus pensamentos”. GRÜN, 2017, p. 89.

⁶⁸ MILLER, B. *Apophthegmata Patrum*: Instrução dos pais. Freiburg: Trier, 1965. p. 63.

acabariam de forma direta e indireta nos afastando do silêncio. O artifício que normalmente homens e mulheres usavam é fazer com que a alma sinta tédio e acabe causando alguma falta de vontade, exercendo grande controle sobre o nosso corpo, causando, assim, doenças corporais e mentais. Para os monges e monjas antigos, esses demônios liquidariam com a força do corpo e da alma.

Assim sendo, o monge e a monja perdem a vontade de rezar e de celebrar o ofício divino (Liturgia das Horas)⁶⁹, e acaba criando várias desculpas para não celebrar. A doença vai fornecer motivos suficientes para que se mantenham afastados desses cultos o que não traria nenhum benefício à vida monástica. Madre Teodora nos dá um exemplo oposto através de uma história:

Havia um monge muito doente e, primeiramente, não desejava ir celebrar o culto divino. Então, ele disse: Estou muito doente e em breve vou morrer. E por isso, devo ir celebrar o culto divino. Em vez dele deixar de ir ao culto divino por estar enfermo, ele usa a doença como motivo para participar juntamente com os irmãos da celebração. No momento em que ele permanece firme e fiel a este propósito, a sua febre acaba cessando de modo repentino. É neste momento que o velho monge percebe a febre era apenas uma desculpa para que ele dispensasse os seus compromissos religiosos.⁷⁰

Esse conselho de Madre Teodora não quer dizer que deva deixar de lado e ignorar toda doença. Normalmente, existem pessoas que, independente da doença com a qual estejam, vão trabalhar. Talvez seria oportuno que essas pessoas sentissem o convite para permitirem um tempo de recuperação. Mas existem também outras pessoas que utilizam de qualquer desculpa para não encararem a vida, permanecendo numa eterna fuga de si mesmo. Também nesse ponto, é importante ter o discernimento para perceber que a doença está sendo utilizada como motivo de deixar de celebrar não somente o culto divino para os católicos romanos e/ou o nosso trabalho, mas que a doença deveria ser aceita com toda a humildade e reservar um tempo necessário para convalescença.⁷¹

⁶⁹ É a oração pública e comunitária oficial da Igreja Católica Romana. A palavra ofício vem do latim “opus” que significa “obra”. É o momento de parar em meio a toda a agitação da vida e recordar que a Obra é de Deus. Consiste basicamente na oração quotidiana em diversos momentos do dia, através de Salmos e cânticos, da leitura de passagens bíblicas e da elevação de preces a Deus. Com essa oração, a Igreja procura cumprir o mandato que recebeu de Cristo, de orar incessantemente, louvando a Deus e pedindo-Lhe por si e por todos a humanidade. Liturgia das Horas. Vol. I. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 17.

⁷⁰ MILLER, 1965, p. 67.

⁷¹ GRÜN, 2017, p. 118-120.

1.2.2 A escuta dos “Pais e das Mães do deserto” em nossos dias

Silêncio - uma palavra que para muitas pessoas tem chamado a atenção e que, ao mesmo tempo, aterroriza, pois é capaz de trazer tanto a paz quanto o recolhimento, misturando um pouco com o medo e a solidão. Mesmo que haja certa atração pela ideia do silêncio, é de se considerar que não adaptamos bem com esse recolhimento absoluto que o silêncio pode proporcionar. Ao entrarmos em recolhimento, alguns acreditam que passamos a prestar mais atenção nos movimentos dos pensamentos que invadem nossas mentes. Todas as angústias, ansiedades, situações que foram dolorosas e difíceis de serem enfrentadas voltam de uma vez para a nossa consciência, deixando-nos inquietos. De certa forma, não gostamos de depararmos com o mais íntimo de nosso ser, com esse embate dessa confusão de nossos corações. Assim sendo, buscamos deixar de lado o silêncio buscando algum tipo de distração. Será que toda essa ideia do silêncio e o que ele pode causar ao ser humano é verdade? Ou estamos ficando um pouco perturbados com tanta agitação?⁷²

“No silêncio e no recolhimento progride a alma devota, e aprende os segredos das Escrituras”.⁷³ Os monges e monjas do século IV,⁷⁴ eram pessoas que viviam em constante silêncio de acordo com a tradição. Não deixaram nada registrado e dificilmente falavam. Grün diz que “seus conselhos e palavras que foram transmitidas oralmente a seus discípulos possuem um valor incalculável, porque são, ao mesmo tempo, uma profunda experiência de Deus e autêntica expressão da sabedoria humana”⁷⁵. O antigo Oriente serviu de cenário para homens e mulheres que desenvolveram a sua sabedoria e, por isso, eram chamados de pais e mães, em sentido metafórico. Na tradição cristã encontramos o pleno exercício e o verdadeiro sinal de paternidade espiritual como afirmam os místicos do deserto. Vale lembrar que os bispos católicos eram chamados de pais nesse período.

Os monges e as monjas egípcios que possuíam certa fama, tanto por sua tal santidade quanto sabedoria de acordo com o povo da época, e mereceram o título de pais e mães do deserto, pois a paternidade e maternidade espiritual e a própria espiritualidade que desenvolveram no deserto, tornaram-se um patrimônio da espiritualidade cristã conforme nos conta a história, servindo de um grande referencial que ultrapassou os séculos, chegando até

⁷² GRÜN, A. *A força da oração*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. p. 10.

⁷³ KEMPIS, T. *Imitação de Cristo*. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2015. p. 87.

⁷⁴ Por volta do ano de 305 d.C., tem-se o registro do primeiro movimento, onde santo Antão é considerado o fundador da vida monástica anacoreta. Já por volta de 318 d.C., Pacômio funda seu primeiro mosteiro dando origem a vida monástica cenobita, chegando a ter sete mil monges sob seu controle direto no Egito e na Síria. Disponível em: <www.padresdodeserto.net>. Acesso em: 12 mai. 2018.

⁷⁵ GRÜN, 2014, p. 56.

aos nossos dias. Agora, será que suas palavras e seus conselhos ainda podem ecoar nos corações dos cristãos do século XXI que sequer vivem no deserto e muito menos em mosteiros?⁷⁶ Viver totalmente em solidão e principalmente em silêncio, em total ascese e renúncia, observando o temor e a humildade, em constante combate espiritual através da oração como foram transmitidas através da tradição da Igreja, seriam artifícios para os nossos dias? O amor a Deus e ao semelhante, possui, sem dúvida, lugar na vida diária dos cristãos. Os padres e madres do deserto foram os que de certa forma, mais viveram e colocaram em prática os elementos evangélicos essenciais de acordo com essa mesma tradição, e talvez por isso seja importante refletir e falar sobre eles atualmente.

Esses homens e mulheres não desejam ensinar, mas o que eles disseram e dizem deve ser escutado não somente com os nossos ouvidos, mas com a pureza de nossa essência. Esses monges e monjas nos ensinam a viver de uma forma diferente e a buscar uma possível espiritualidade através do centro de nosso ser, na qual seja necessário darmos início e renunciar as paixões desordenadas. Para eles e para elas, o caminho que pode levar a experimentar a divindade é o caminho da busca de “conhecer-te a ti mesmo”.⁷⁷ Evágrio Pôntico⁷⁸ formulou isso da seguinte maneira: “Se queres conhecer a Deus, aprende primeiramente a conhecer a ti mesmo!”⁷⁹ Sem nos conhecermos, corremos o risco de nossos pensamentos acerca de Deus serem apenas meras projeções de nós, é o que diz Evágrio. Mesmo que existam pessoas que aparentam piedosas, elas não seriam transformadas por suas orações, mas acabariam se aproveitando dessa tal “piedade” para buscarem certa ostentação diante das pessoas.⁸⁰

Os pais e madres do deserto nos mostraram uma forma de piedade totalmente inovadora. Seria talvez importante se todos aqueles crentes em Deus e que se dizem cristãos mantivessem, atualmente, contato com as origens e fontes antigas da sua própria espiritualidade. Talvez, fosse uma resposta adequada para a ansiedade espiritual que certa

⁷⁶ É o plural de apoftegma. O mesmo que: adágios, aforismos, anexins, ditados, ditos, máximas, provérbios, rifões, rifões. GRÜN, 2017, p. 90.

⁷⁷ O aforismo grego é uma das máximas de Delfos e foi inscrita no pronau (pátio) do Templo de Apolo em Delfos de acordo com o escritor Pausânias. A máxima, ou aforismo, teve uma variedade de significados atribuídos a ele na literatura. A Suda, uma enciclopédia grega de conhecimento do século X, diz: “o provérbio é aplicado àqueles que tentam ultrapassar o que são, ou ainda um aviso para não prestar atenção à opinião da multidão”. CFER, 2018, p. 88.

⁷⁸ Nascido na cidade de Íbora no Ponto (345-399), desde cedo esteve muito ligado ao círculo dos capadóciolos, especialmente Basílio Magno e Gregório Nazianzeno, que se instalaram naquela região a fim de se dedicarem ao ascetismo. O pouco tempo que ali permaneceram foi suficiente para impregnar Evágrio do ideal monástico. Foi ordenado leitor por Basílio e posteriormente diácono por Gregório, que também o instruiu em filosofia e teologia. CASSIANO, J. *Da Oração*. Tradução do latim de Adriano Correia Barbosa. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 35.

⁷⁹ GRÜN, 2017, p. 45.

⁸⁰ REGNAULT, 2014, p. 87.

parcela da população diz ter em vez de uma teologia moral; teologia esta que tem predominado durante os dois últimos séculos. A espiritualidade desses primeiros monges e monjas é mistagógica, ou seja, ela tenta buscar oferecer aos crentes uma forma de experimentar a manifestação do mistério em torno de Deus e da própria humanidade. A atitude de se manter calado é elogiada por esses monges e monjas, pois, manter-se em silêncio para eles é o caminho que conduz ao autoconhecimento e à verdade do próprio coração. Não se deve esquecer que esse caminho é tido por esses místicos um remédio para buscar se libertar do mal de criticar e julgar as pessoas. Será que esse tal remédio funcionaria atualmente? O permanecer calado para esses mestres e mestras permite que julguemos e faz com que nos confrontemos sempre de novo, agindo como uma barreira que não permitiria projetar o nosso lado sombrio sobre as pessoas.⁸¹

Conta-se que, por três anos, pai Agatão⁸² teria levado uma pedra em sua boca até conseguir ficar calado; até conseguir não mais julgar o irmão, nem mesmo com o coração.⁸³ Sabemos que tanto o calar quanto o falar são atitudes que trazem grandes efeitos para a vida das pessoas. Por isso é que, em todos os diversos tipos de cultura, como também em todas as religiões, a palavra possui grande valor, como também o próprio silêncio. Na Sagrada Escritura, são os livros sapienciais que melhor revelam a relação entre essas atitudes e o chamado mistério de Deus. A sabedoria desses antigos monges e monjas faziam parte da cultura de ensinamentos teórico-prático da vida que buscava uma perfeita harmonia com a criação e o Criador, sendo muito frequente, na tradição monástica, essa sabedoria. O estar em silêncio é uma preparação que o monge e monja fazem para escutar a manifestação do Sagrado dentro da crença em que eles acreditam e, então, adquiriam coragem e força para edificar, exortar e consolar as pessoas que buscavam uma palavra de consolo. Esses monges e monjas eram chamados “*pneumatoforoí*”, isto é, portadores do Espírito.⁸⁴

A atitude de manter-se calado é uma virtude que esses homens e essas mulheres possuíam e que os conduziam a um caminho que os levava à libertação dos pensamentos que ocupam constantemente a mente dos humanos. É preciso entender que de acordo com a

⁸¹ MAROTO, 1990, p. 85.

⁸² Era de origem siciliana e vivia num mosteiro em Palermo. Foi eleito em 27 de junho de 648 aos 58 anos de idade Papa da Igreja Católica Apostólica Romana. Relacionou-se com os bispos ingleses e promoveu a Irlanda a centro de cultura. Condenou o monotelismo e opôs-se aos abusos imperiais, pelo que enviou 680 legados ao Concílio Ecumênico de Constantinopla. Faleceu antes de assinar os decretos do concílio. Agatão recebeu os títulos de “*Taumaturgo*” e de “*Fazedor de Milagres*”, pelos numerosos milagres que teria realizado. Morreu em 10 de janeiro de 681. CASSIANO, 2008, p. 77.

⁸³ GRÜN, 2017, p. 47.

⁸⁴ Do Antigo Testamento são: Jó ou Job (português de Portugal), Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Sabedoria e Ben Sirac ou Eclesiástico.

tradição do deserto não basta o calar exterior e que isso se faz necessário para ajudar a calar o nosso coração; deve-se deixar que os nossos anseios se acalmem e, assim, não mais desempenhem controle sobre nós. Os antigos padres e madres dificilmente saíam de sua cela e aconselhavam as pessoas a permanecerem, também, a maior parte do tempo se possível, em suas celas, buscando auto suportar-se e não fugir de si mesmos. Em nossos dias, essa “cela” é compreendida como o coração dos seres humanos. A permanência, ou seja, o suportar-se a si mesmo é a forma pela qual acredita que atinja o progresso espiritual e humano de acordo com os pais e mães do deserto. Alguns psicanalistas e mestres da espiritualidade dizem que não existe homem ou mulher tão maduros que tenham buscado enfrentar o seu eu e suportar-se a si mesmos e encontrar-se com suas próprias verdades. A tradição espiritual levou a chamada experiência do profeta Elias a sério.⁸⁵

Para esta tradição, o verdadeiro lugar da experiência de Deus seria o silêncio. Importante perceber que nesta reflexão o silêncio não serve apenas para suprimir o barulho que venha ter o nosso coração; ele não significa exclusivamente que nos livremos de nossas inquietações e chateações, mas que também não busca refletir sobre a nossa vida, seja ela social, profissional e religiosa. No silêncio, presume que devam ficar quietos os nossos pensamentos e todas as imagens que temos principalmente as que se referem a Deus. Só então, diz Evágrio, “haveremos de experimentar Deus”.⁸⁶ Esta virtude que os monges e monjas praticam de permanecerem calados não possui um fim em si mesmo, mas serve para que busquem a plena união com Deus. O estar consigo mesmo e o desligar-se são passos importantes e necessários para conduzir ao autoconhecimento e de acordo com a tradição monástica buscar uma aproximação com Deus e assim, permanecer em plena união com Ele. Devemos estar atentos ao chamado que ecoa dentro de nós e que para esses místicos e místicas do século IV viria de Deus para que se busque viver diariamente certos períodos de silêncio, como de reflexão, de meditação e de escuta. A cultura cristã, atualmente, nos deixa um pouco falantes demais, ligados à nossa compreensão de vida.⁸⁷

Temos de entender que o crente cristão deve buscar exercer um serviço de Deus e da Igreja que não se resume apenas no conceito de falar e de fazer. Também deve ser constituído por períodos de escuta, de espera de acordo com a fé que professa. Para algumas pessoas talvez seja extremamente importante, nessa época, na qual vivemos com tamanha violência e

⁸⁵ GRÜN, 2014, p. 55.

⁸⁶ GRÜN, 2017, p. 45.

⁸⁷ Cf. 1Rs 19, 12s.

agitação, redescobriremos a meditação, a oração unitiva, interior, silenciosa, e o silêncio criativo cristão. *Abba Agueras*⁸⁸ certa vez disse:

Fui um dia ao encontro de *abba* Poimém e lhe disse: Andei por toda parte procurando onde morar, mas não encontrei repouso. Onde queres que eu more? O ancião respondera: Já não há mais deserto em nossos dias. Vai, procura uma numerosa multidão, mora no meio dela e procede como alguém que já não existe e diz: ‘Não tenho preocupações’. Desse modo terás o soberano repouso.⁸⁹

Abba Agueras, como muitas pessoas, hoje em dia, desejou encontrar um lugar que não fosse perfeito, não em busca de um conforto material e pleno de felicidade, mas sim com aquela paz e tranquilidade que algumas almas necessitam que para alguns só pode ser encontrada em uma solidão silenciosa e tranquila. Ele buscou esse lugar ideal em todos os lugares e acabou não o encontrando. Com sabedoria, *abba* Poimém lhe respondeu: “Já não há deserto em nossos dias”⁹⁰ e, isso, no início do século IV. “Vai, procura uma numerosa multidão, não terás dificuldade em encontrá-la, fica no meio dessa multidão e procede como alguém que já não existe e que diz: ‘Não tenho preocupações’. Gozarás, então, de uma paz de rei”.⁹¹ Tão próximos de Deus nada sabem? Os pais e mães do Deserto não os esquecem, muito pelo contrário, mas conhecem a lei evangélica: “Se o grão de trigo caído na terra não morrer...”⁹²

Esses homens e essas mulheres viviam plenamente ignorados em total solidão no grande deserto da sociedade e com eles teríamos muito a aprender, principalmente, no que se refere a “separados de tudo e unidos a todos”.⁹³

⁸⁸ Muitos monges e monjas criaram uma reputação de santidade e sabedoria, com pequenas comunidades seguindo determinados anciãos santos e sábios, que era o seu “pai” espiritual (“*abba*, ou *abade*”). Os Padres do Deserto individuais era majoritariamente conhecido através dos “Ditados...”, que incluíam 1.202 ditados atribuídos a vinte e sete *abbas* e três *ammass*. GRÜN, 2017, p. 92.

⁸⁹ MAROTO, 1990, p. 86.

⁹⁰ REGNAULT, 2014, p. 16.

⁹¹ REGNAULT, 2014, p. 17.

⁹² REGNAULT, 2014, p. 18.

⁹³ REGNAULT, 2014, p. 19.

1.2.3 *Solidão, silêncio e palavras*

O Monge Beneditino Anselm Grün afirma que vivemos⁹⁴ em mundo onde as pessoas buscam necessariamente a calma e, assim, a diminuição da agitação do dia a dia. Há nas livrarias uma variedade imensa de livros que tratam sobre a busca pelo silêncio e como conseguir a paz interior, pois as pessoas sentem que o barulho e a agitação de certa forma, estão a fazê-las doentes. Os monges e monjas utilizam o silêncio para que possam lutar para que seus corações se mantenham em pureza e integridade interior. Essa batalha serve a fim de que se evite pecar pela língua, algo que normalmente se comete dia após dia. São Bento, patriarca do monaquismo ocidental, na regra que escreveu para seus monges, fundamenta o silêncio com uma frase do livro dos Provérbios: “No muito falar não faltará o pecado.”⁹⁵ Isso aparenta ter um motivo negativo, uma vez que não aparece nada de positivo ou algum louvor em relação ao silêncio. Percebe-se que, ao fazermos silêncio, estaríamos praticando uma atitude positiva, pois, ao contrário, estaríamos também continuamente pecando.⁹⁶

Ao pesquisarmos a vida desses primeiros monges e monjas, percebemos que suas experiências em relação ao falar foram negativas e, logo, ao se pronunciar sobre alguma coisa, corre-se o perigo de pecar. Um dito dos pais e mães do Deserto expressa isto. Uma vez o patriarca Sísóes disse, cheio de confiança: “Eis que já se passaram trinta anos que não rezo a Deus por causa de um pecado, mas por isso eu rezo: Senhor Jesus, protegei-me contra minha língua – e, no entanto, eu ainda peço e caio diariamente pela língua”.⁹⁷

A busca de viver o silêncio e a importância da prática para a vida monástica consistem em dedicar-se ao silêncio e à solidão da cela. É neste lugar na qual a tradição diz ser sagrado que o monge e a monja se encontrariam face a face com Deus e, ao mesmo tempo, manteriam santos colóquios frequentemente como dois amigos. E, é nesse lugar que, muitas vezes, aquela alma que vive fielmente os preceitos do mestre se uniria ao verbo de Deus, como a esposa que vive em plena unidade com o seu esposo, e as coisas da terra se uniriam em perfeita harmonia com as do céu, tanto as humanas quanto as divinas. Essa forma de encarar os anseios da humanidade soa de forma até mesmo poética. Mas em nossas vidas cotidianas e cheias de alegrias, desilusões, não aconteceria da mesma forma. Seria possível até mesmo para aquele que não acredita em um ser ou uma força superior, alcançar essa paz que esses monges e monjas dizem ter experimentados? Esse caminho talvez possa

⁹⁴ GRÜN, 2014, p. 49.

⁹⁵ Cf. Pr 10,19; RB 6.

⁹⁶ GRÜN, 2014, p. 51.

⁹⁷ MILLER, 1965, p. 67.

proporcionar experiências diversas em momentos áridos e secos das nossas vidas, e quem sabe para alguns mais crentes possam levá-los à tal fonte das águas e à terra que foi prometida.⁹⁸

Por isso, ao monge e a monja convém que estejam sempre vigilantes em sua cela e solícitos para que não sejam tentados a sair dela e, assim, não venham a deixar que suas almas andem pelo mundo e que corram o risco de se perderem; mas que considerem a cela tão importante para sua saúde e vida, como a água que se faz necessária para os peixes. Não se pode negar que essa imagem que os monges e monjas adquirem através da experiência de solidão e oração tanto em seus eremitérios, quanto na vida comunitária nos mosteiros não seja tão fácil de aplicar na vida moderna de nosso século. “No retiro dos mosteiros e na solidão das celas, paciente e silenciosamente, os monges tecem a veste nupcial da Igreja Católica Romana.”⁹⁹ Contam-se o seguinte sobre o antigo *abba* João¹⁰⁰:

Quando, em determinada ocasião, foi à igreja e ali ouviu como alguns irmãos brigavam, retornou para a sua cela. Só entrou nela depois de tê-la contornado por três vezes. Alguns irmãos, que tinham observado o fato, mas sem poder imaginar a razão de tê-lo feito, foram até ele e lhe perguntaram a respeito. Ele, então, respondeu: ‘Meus ouvidos estavam repletos dos desentendimentos. Eu rodeei a cela para limpá-los, a fim de poder entrar em paz em minha cela’.¹⁰¹

Para eles, monges e monjas, a divindade se faz presente a todo o momento e seus anjos nos observariam, mas será que as pessoas, atualmente, mesmo tendo experimentado de alguma forma a Deus em suas vidas, não estariam, aos poucos, pensar Nele com tanta frequência? Os textos da Bíblia afirmam que o Senhor voltará, mas quando isso acontecerá de fato? Talvez, a civilização moderna esteja vivendo esse dilema, pois, Deus, em algum momento, passou, entrou em nossas vidas e nos chamou pelo nome e o que nos ensina a tradição da Igreja Católica Romana. Mas, talvez, isso já tenha acontecido há algum tempo. Embora percebamos que existam vestígios de sua vida e que mantenhamos ministérios evidentes, pode ser que muitos outros estejam cobertos pela poeira que deixamos tomar conta através do nosso esquecimento.¹⁰² Ouvimos a mensagem de Nietzsche, segundo a qual “Deus

⁹⁸ GRÜN, 2014, p. 55.

⁹⁹ Papa João Paulo II, Carta aos cartuxos, por ocasião do nono centenário da morte de São Bruno. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/.../hf_jp-ii_spe_20010515_san-bruno.html> Acesso em: 5 mar. 2018.

¹⁰⁰ O mandamento do amor era o guia primário da vida desse abba e formou a maior parte das histórias e relatos de seus relatos. As suas práticas incluíam não apenas o comando de amar a todos, mas também o de ser transformado pelo amor divino. Para o que viviam a vida comunitária monástica, isso era especialmente proeminente. GRÜN, 2017, p. 54.

¹⁰¹ REGNAULT, 2014, p. 23.

¹⁰² HALÍK, T. *Paciência com Deus*. São Paulo: Paulinas, 2015. p. 132.

morreu”¹⁰³, no entanto, existem ainda muitas pessoas que estão despreocupadas, sentadas na espera de serem “chamadas pelo nome”? Seria possível, para a nossa realidade insuflar uma vida nova onde vive uma fé cansada que atinge tanto a nossa fé individual como no ambiente ritual das nossas comunidades e sociedades atuais?¹⁰⁴

Para os antigos monges e monjas, deve-se buscar a Deus enquanto Ele pode ser encontrado e, no que diz respeito a guardar a sua cela, eles e elas acreditam que se deva evitar de permanecer com certa frequência e por leves causas, fora da cela, pois cedo lhe fará abominável; uma vez que, como diz Agostinho: “Para os amigos desse mundo, não há nada mais trabalhoso que não trabalhar.”¹⁰⁵ Como foi citado anteriormente, a cela seria o lugar sagrado do encontro com o Divino na visão dos pais e mães do Deserto, por isso, enquanto o monge ou a monja estiverem nela, devem saber ocupar-se, em fazer coisas de maneira ordenada e proveitosa como leitura, *lectio* divina, salmodia, oração, meditação, contemplação e trabalho.¹⁰⁶ Diante disso, vai aprendendo a tranquila escuta do coração, que permitiria que Deus entre por todas as portas, janelas e fendas. O que se colhe com a solidão e com o silêncio vivido na cela dentro dessa perspectiva monástica só saberá quem a experimentou.¹⁰⁷

Mesmo aparentemente sendo duro calar e estar só para o mundo atual, será que aos poucos, mantendo-se fiéis, esse nosso silêncio cunhará em nós o desejo para a busca de um silêncio ainda maior? Talvez sim, talvez não. Oh! Dúvida cruel! Partindo do princípio que seja possível, seria necessário termos como postura inicial um ato de caridade para com os irmãos que buscam viver essa solidão, o que é algo difícil atualmente, mas não impossível. Se tivermos a permissão de falar sobre qualquer que seja o assunto, que essa nossa conversa seja tão breve quanto seja possível, sendo um cuidado que os monges e monjas tinham em relação a brevidade da fala. Já os religiosos e as religiosas que vivem no cenóbio¹⁰⁸, nos claustros dos mosteiros, dedicam duas vezes ao ano, oito dias de uma guarda maior da quietude da cela e do recolhimento “Deus nos trouxe à solidão para falar-nos ao coração. Seja, pois, nosso coração como um altar vivo, do que suba continuamente ante o Senhor uma oração pura, pela qual

¹⁰³ NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. Traduzida por Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012. p. 125.

¹⁰⁴ HALÍK, 2015, p. 133.

¹⁰⁵ AGOSTINHO, H. *Confissões*. São Paulo: Penguin & Companhia das letras, 2017. p. 57.

¹⁰⁶ GRÜN, 2017, p. 51.

¹⁰⁷ DONINI, 1988, p. 215.

¹⁰⁸ Um cenobita ou uma cenobita que vive em comunidade, convento, mosteiro que vivem em comunidades retiradas, geralmente com os mesmos interesses ou princípios. Um grupo de cenobitas forma o que se conhece por cenóbio. O monasticismo cenobítico existe em diversas religiões, do Budismo ao Cristianismo, e tem sido a forma mais proeminente de vida monástica no mundo. CASEY, M; TOMLINS, D. *Introdução à regra de São Bento*. Campinas: Ecclesiae, 2019. p. 17.

devem ser impregnados todos os nossos atos”.¹⁰⁹ Ao manter-se a observância do silêncio e do recolhimento espiritual, tal atitude requer que tenhamos uma atenção especial nas ocasiões de falar.¹¹⁰

Os monges e monjas acreditam que alcançarão a perfeição caso esforcem para viverem na presença de Deus. E essa verdadeira busca pelo silêncio seria a busca de Deus que se manifestaria através do silêncio e da interioridade. A busca da manifestação de Deus que se acredita revelar no mais profundo do ser humano, dentro da tradição do monasticismo é uma realidade conhecida pelos monges e monjas quando eles decidem deixar o “mundo” onde buscam por meio de uma vida comunitária e retirada. Sugerem que a vida em sociedade não permitem experimentar o que Deus tem para aqueles que o seguem de forma radical, numa percepção de uma geração “má e adúltera”.¹¹¹ Mesmo que até porventura tenhamos um sentimento de ausência do divino no mundo, atualmente, devemos considerar essa interpretação de tal sentimento arriscado, como que uma atitude de irritação, de impaciência. Mesmo que as pessoas visivelmente demonstrem e sintam-se oprimidas pelo “silêncio de Deus” e pela impressão do afastamento do divino, a natureza do mundo com seus inúmeros paradoxos da vida pode sugerir e até dar origem a questões tais como: “Deus morreu?” Para dar uma resposta clara e objetiva sobre o silêncio de Deus. No entanto, também consegue-se encontrar outras interpretações possíveis da mesma experiência e outra atitude possível diante do “Deus ausente” como diz Guilherme de Saint-Thierry¹¹²

Oh! Feliz e felicíssima a alma que merece ser atraída a Deus e por Deus, de modo que, pela unidade do Espírito em Deus, ela ama a Deus apenas e não ao bem particular, e a si mesma ama apenas em Deus. [...] ‘Quero que, assim como Tu e eu somos um, eles sejam um em nós!’ Eis enfim, a consumação, a perfeição, a paz, a alegria do Senhor, a alegria no Espírito Santo, eis o Silêncio no céu¹¹³

¹⁰⁹ Estatutos da Ordem dos Cartuxos, livro I, capítulo IV. Disponível em: <<http://chartreux.org/pt/textos/estatutos-prologo.php>>. Acesso em: 25 mai. 2018.

¹¹⁰ DONINI, 1988, p. 219.

¹¹¹ Cf. Lc 12, 29-32; Mt 12, 39.

¹¹² Conhecido também por Guilherme de São Teodorico, foi um teólogo, místico e abade. Nasceu em Liège (Bélgica) numa família nobre entre 1075 e 1080 e morreu em Signy em 1148. Provavelmente estudou na escola catedrática de Reims, embora alguns defendam que tenha sido em Laon, antes de tornar-se um monge beneditino juntamente com seu irmão, Simão, no mosteiro de São Nicácio, em Reims, em algum momento depois de 1111. De lá, ambos se tornaram abades de outras casas beneditinas: Simão em St Nicolas-aux-Bois, na diocese de Laon, e Guilherme em Saint-Thierry, numa colina à vista de Reims em 1119. CASEY; TOMLINS, 2019, p. 39.

¹¹³ Carta aos irmãos de Mont-Dieu – cf. Jo 17,11 e Ap.8,1. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2009/documents/hf_ben-xvi_aud_20091202.html>. Acesso em: 05 abr. 2018.

Thomas Merton¹¹⁴ considera com precisão que “o problema da linguagem é o do pecado”¹¹⁵, pois, o grande problema do silêncio é o mesmo que se tem com o amor. Como podemos saber se realmente devemos ou não escrever e se nossas palavras ou o nosso silêncio são positivos ou negativos, se geram vida ou causam destruição? Caso não se dê conta das duas divisões das línguas, como a Sagrada Escritura diz o que aconteceu na torre de Babel, em que o ser humano se divide por causa do seu orgulho, ou o próprio fogo em Pentecostes quando se manifesta o Espírito Santo de Deus e concede as pessoas simples e que apenas sabiam falar um idioma: a capacidade de falar em diversas línguas da terra, em busca de uma unidade para que todos “sejam um, assim como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que os discípulos tornam-se como sol que brilhava por toda a Jerusalém”?¹¹⁶ E muitas pessoas que se dizem crentes não conseguem aceitar esse “silêncio de Deus”, pois não acreditam ou não querem talvez admitir que há a possibilidade de se comunicar por meios que não sejam por palavras, ações concretas ou gestos visíveis.¹¹⁷

Ora, será que Deus não estaria falando pelo seu silêncio para aqueles que dizem acreditar Nele? Esse silêncio de Deus seria uma palavra? O seu verbo seria a solidão dentro da tradição monástica? A “solidão de Deus não seria uma ausência é o seu próprio ser, sua silenciosa transcendência”¹¹⁸. Merton crê que “o silêncio de Deus, no entanto, não deveria ensinar-nos quando é preciso falar e quando é preciso calar, mas a ideia desse silêncio seria para nós algo insuportável porque tememos perder a confiança e o respeito dos outros”.¹¹⁹ Como disse Romano¹²⁰:

As grandes coisas se realizam no silêncio. Não no barulho e na *mise-em-scène* de acontecimentos exteriores, mas na clareza do olhar interior, no movimento discreto da decisão, nos sacrifícios e vitórias ocultas, quando o amor toca o coração, e a ação solicita um espírito livre. As potências do silêncio são potências realmente fortes. Queremos aplicar nossa atenção ao evento mais oculto, o mais silencioso, cujas fontes secretas se perdem em Deus, inacessíveis aos olhares humanos.¹²¹

¹¹⁴ Nasceu no dia 31 de janeiro de 1915, em Prades, na França. Monge trapista da Abadia de Gethsemani, Kentucky, USA. Foi escritor católico do século XX, poeta, ativista social e estudioso de religiões comparadas. Escreveu mais de setenta livros, a maioria sobre espiritualidade e foi objeto de várias biografias. Dentre as principais características de Merton pode-se citar sua defesa do pacifismo e do ecumenismo. PEREIRA, 2014, p. 111.

¹¹⁵ MERTON, T. *O signo de Jonas*. Rio Grande: Mérito, 1954. p. 77.

¹¹⁶ MERTON, 2017. p. 57.

¹¹⁷ SARAH, R; DIAT, N. *A força do silêncio contra a ditadura do ruído*. São Paulo: Fons Sapientiae, 2017. p. 105.

¹¹⁸ SARAH; DIAT, 2017. p. 108.

¹¹⁹ MERTON, 2017. p. 58.

¹²⁰ Romano, o Melodista nascido por volta de 490 em Emesa (hoje, Homs), na Síria foi teólogo, poeta e compositor, “pertence à grande plêiade de teólogos que transformaram a teologia em poesia”, nas palavras do Papa Emérito Bento XVI. Sendo uma figura pouco conhecida, Romano permanece na história como um dos mais representativos autores de hinos litúrgicos. MARÍN, 2018, p. 336.

¹²¹ GUARDINI, R. *O Deus vivo*. Paris: Perpignan, 2010. p. 88.

Também Dom Augustin Guillerand escreve, com certa precisão, que:

A solidão e o silêncio são hóspedes da alma. Se a alma os possui, leva-os consigo a todos os lugares; a alma que não os tem não os encontrará em lugar algum. Para entrar no silêncio, não é suficiente parar o movimento dos lábios e o movimento dos pensamentos. Não é aí que se cala. Calar-se é uma condição do silêncio, mas não é o silêncio. O silêncio não é uma palavra, o silêncio não é um pensamento. É uma palavra e um pensamento em que se concentram todas as palavras e todos os pensamentos. Como entender essa bela ideia?¹²²

Nisso há uma grande pergunta: como o ser humano poderia se tornar a imagem e semelhança de Deus? Ele deveria buscar entrar no silêncio D'Ele e buscando se revestir de silêncio? Partindo do princípio de que Deus more em um grande silêncio, o ser humano, nesse momento, colocar-se-ia próximo ao céu, ou melhor, ele permitiria que Deus se manifestasse nele. Uma questão difícil de responder, pois partimos de uma experiência totalmente religiosa e que não serviria de base científica atualmente. Os místicos do século IV afirmam que os seres humanos podem experimentar e encontrar à Deus no silêncio, onde Ele faz a sua morada. Será que em meio aos mais variados tipos de barulhos alguém conseguiria escutar a voz de Deus? Nessa visão da vida monástica Deus possui uma voz silenciosa a qual as pessoas devem se esforçar para escutá-la. Como Bento de Núrsia escreve em sua regra monástica:

Escuta, filho, os preceitos do Mestre, e inclina o ouvido do teu coração; recebe de boa vontade executa eficazmente o conselho de um bom pai, para que voltes, pelo labor da obediência, àquele de quem te afastaste pela desídia da desobediência. A ti, pois, se dirige agora a minha palavra, quem quer seja que, renunciando às próprias vontades, empunhas as gloriosas e poderosíssimas armas da obediência para militar sob o Cristo Senhor, verdadeiro Rei.¹²³

Na verdade, dentro dessa perspectiva, o ser humano deveria buscar se tornar plenamente silencioso. Falando de Adão no paraíso, Agostinho escreveu: “Vivia fruindo a Deus de cujo bem era feita a sua bondade”.¹²⁴ Na busca de viver com e no Deus silencioso, se faz necessário que tornemos pessoas silenciosas. Frei Maria-Eugênio do Menino Jesus¹²⁵ escreve:

¹²² GUILLERAND, 2011. p. 107.

¹²³ Regra de São Bento, 2001, p. 13.

¹²⁴ GUILLERAND, 2011, p. 89.

¹²⁵ Frei Maria-Eugênio de Jesus, é o nome religioso de Henrique Grialou, um sacerdote professo da Ordem dos Carmelitas Descalços que foi fundador do Instituto Secular Nossa Senhora da Vida. Nasceu no dia 2 de dezembro de 1894 num modesto lar de Aveyron, na França. Em nome do Papa Francisco, o cardeal Angelo Amato, Prefeito da Congregação das Causas dos Santos, presidiu, em Avinhão, na França, no dia 19 de novembro de 2016, a celebração Eucarística durante a qual foi beatificado. BENEDITINO, 2019, p. 58.

Para o homem espiritual que provou Deus, o silêncio e Deus parecem se identificar. Pois Deus fala no silêncio e só o silêncio parece poder expressar a Deus. Além disso, para reencontrar Deus, onde o homem poderia ir senão nas profundezas mais silenciosas de si mesmo, nessas regiões tão ocultas que nada pode perturbá-las? Quando as alcança, ele zelosamente preserva esse silêncio que Deus dá. Ele o defende de toda a agitação, mesmo a de suas próprias potências.¹²⁶

Dentro dessa percepção de Frei Maria-Eugênio é no coração do ser humano que existe um silêncio natural, porque é nesse silêncio onde Deus habitaria no mais íntimo do ser humano e, em Deus, permaneceríamos ligados a este profundo silêncio. A Igreja Católica Apostólica Romana sempre tem afirmado que a humanidade inteira é fruto de um Deus plenamente silencioso; pois tanto o homem e a mulher seriam filhos do silêncio. Deus nos ampararia, e assim viveríamos a todo o momento ao lado d'Ele conservando o silêncio. Não há nada melhor do que buscar e descobrir a Deus através do silêncio que está inscrito no centro de cada ser humano de acordo com a tradição cristã católica romana. Se não buscarmos cultivar em nós o silêncio, como poderíamos encontrar verdadeiramente a Deus? A maioria das pessoas gostam de fazer diversas coisas: viajar, criar, realizar grandes descobertas etc. mas, tudo isso acontece fora de si, distante de Deus, que viveria silenciosamente em nossa alma numa visão religiosa e que muitos não compartilham dessa visão que a tradição católica possui. Além disso, uma coisa é certa, que não podemos esquecer da importância de adquirir o hábito de viver em silêncio para estar verdadeiramente unido ao nosso eu e aos que professam a fé cristã com o próprio Deus.¹²⁷

Usando de base o livro do Deuteronômio, que diz que não é atravessando o mar que encontramos Deus, pois Ele está em nosso coração, Paulo explica:

Não digas em teu coração: Quem subirá ao céu? Isto é, para fazer Cristo descer do alto, ou: Quem descerá ao abismo? Isto é, para reconduzir Cristo dentre os mortos. Que ela [a justiça que vem da fé] diz então? A palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração. Isto é, a palavra da fé, que pregamos. Porque se confessas, com tua boca, que Jesus é o Senhor, e crês, em teu coração, que Deus o ressuscitou dentre os mortos, tu serás salvo.¹²⁸

Diante do que diz a Bíblia, no momento de reflexão e escuta em silêncio, as bênçãos de Deus são derramadas sobre as pessoas de fé. É na fé e não em uma viagem por todo o mundo, que vamos possivelmente contemplar e encontrar-mo-nos com Deus. De certa maneira, será sondando por um bom tempo as Escrituras Sagradas, e depois de um certo tempo lutando e suportando a todas as investidas do nosso próprio ser, que possivelmente

¹²⁶ L'ENFANT-JÉSUS, M.E. (père). *Au souffle de l'Esprit*. Chouzé-sur-Loire: Saint-Léger productions, 2014. p. 79.

¹²⁷ SARAH; DIAT, 2014, p. 28.

¹²⁸ Cf. Rm 10, 6-9; Dt 30, 12-14.16.

chegaremos a Deus. De acordo com Dom Augustin Guillerand não há nenhum engano ao dizer que “os homens não encontram em nenhum outro lugar aquilo que têm em si mesmos”.¹²⁹ Se não permitimos que o silêncio habite em nós, e ao sentirmos incomodados por não permitir que a solidão nos moldes, o ser humano estaria privado de Deus. Dom Augustin continua a dizer “não existe outro lugar em todo o mundo onde Deus esteja tão presente como no coração das pessoas. O Espírito Santo de Deus faz a sua morada em nosso coração, templo do silêncio”¹³⁰.

Ao mesmo tempo, não se pode esquecer, que ao vermos o sofrimento que muitas pessoas estão passando e que, por vezes, são terríveis, devemos nos interrogar: “Do que adianta invocar o nome de Deus? Porventura, Ele não desvia o olhar para o lado? Nada tem a ver com esse mundo e com toda a dor? Não se preocupa com o sofrimento?”¹³¹ Tendo essas questões tão claras em nossa cabeça e buscando talvez uma resposta por meio da leitura da Bíblia, seja talvez possível encontrar na história da paixão, morte e ressurreição de Jesus uma resposta satisfatória. Sim ou não? Aparentemente, não encontramos nada que possa nos responder tais questões para o sofrimento das pessoas. Mas, quando nos deparamos com uma figura messiânica e nesse caso com a imagem católica de Jesus sofredor, seríamos apresentados, de um modo novo, ao mistério de Deus. Podemos chegar até termos uma percepção, então, que Deus sofre conosco. Partindo deste contexto religioso, Ele faz com que a imagem que temos d’Ele caia por terra e “do alto tudo rege soberanamente”.¹³² Ele, através de Jesus, teria sido capaz de experimentar o sofrimento do mundo e isso não seria uma questão somente de fé, mas da própria história contada pela Bíblia ao longo desses séculos.¹³³

Também poderíamos fazer as seguintes perguntas: Será que Deus sofreria com todos os seres humanos de igual modo? Será que surge em nós o argumento de uma projeção falha e cheia de ilusão? Mesmo não desejando que as nossas imagens e projeções de Deus tornem-se algo precipitado em que podemos vislumbrar os nossos desejos de criança que trazem segurança e acolhimento, de proteção e de amor ou fazer de Deus algo que substitua a imagem inexistente de um amor que provém dos pais. Deus não se limitaria ao encontro com a morada eterna, no qual alguns se sentem acolhidos e aceitos. “Deus também é desconhecido e possui o mistério inexplicável.”¹³⁴ Deus dentro da visão religiosa é aquele que traz a

¹²⁹ GUILLERAND, 2011, p. 88.

¹³⁰ GUILLERAND, 2011, p. 90.

¹³¹ GRÜN, A.; HALIK, T. *Livrar-se de Deus?* quando a crença e descrença se encontram. São Paulo: Vozes, 2017. p. 32.

¹³² GRÜN; HALIK, 2017, p. 33.

¹³³ GRÜN; HALIK, 2017, p. 35.

¹³⁴ WAAL, E. *Vivendo com a contradição*. Juiz de Fora: Edições Subiaco, 2012. p. 13.

verdade nua e crua e que faz com que a pessoa seja confrontada com a sua própria verdade, e com o seu próprio ser. Se realmente existir a possibilidade de encontrar com Deus, encontramos-nos a nós mesmos, e acabaríamos deparando com a verdade que tanto buscamos que, por vezes, não se torna tão afável?¹³⁵

Nesse momento conforme a tradição do deserto, experimentaremos o seguinte: “se rejeitasse Deus, recusaria igualmente a responsabilidade pela minha realidade pessoal e desviaria para outros a responsabilidade do mundo”.¹³⁶ Assim, Deus seria aquele que desafia, que, ao se colocar no mundo pede que se assuma a responsabilidade por Ele.

1.2.4 *Em primeiro lugar, o interior*

Thomas Merton, quando noviço trapista, descreve sua experiência interior dizendo:

O homem moderno já acha difícil estar só; ir em busca dos fundamentos do seu próprio eu é quase impossível para ele. E quando alguma vez permanece consigo mesmo no cantinho silencioso, e estiver quase chegando ao conhecimento de Deus, ele liga o rádio ou a televisão.¹³⁷

Teresa de Ávila destaca a coragem de buscar, na imaginação, entender quem é o ser humano e quem seria Deus. A imagem que se tem do castelo não é algo estático, mas ativo. Essa viagem pelo interior de nosso ser com coragem e determinação, acredita-se que superando as barreiras exteriores que não permita entrar no “castelo”, sendo que o caminho que avançamos sem parar sequer um minuto, até chegar à “morada central, onde habitaria o Rei, sua majestade”¹³⁸, no pensamento de Teresa é o próprio Deus. Teresa coloca uma forma apenas de permanecer fiel que é: jamais parar. Nessa viagem, ao interior, é necessário ter coragem para enfrentar todos os nossos medos e, principalmente, ultrapassar os obstáculos que porventura encontrarmos. Os obstáculos psicológicos que vão sendo criados pelo “antigo inimigo”, que deseja que não se consiga encontrar a verdadeira felicidade, pode soar de certa forma, como um surto psicótico. Afinal, o que ou quem seria de fato esse castelo, “feito de uma pedra preciosíssima, luminosa”?¹³⁹ Seria o ser humano de fato? É a mesma Teresa que assim o descreve no início do livro:

¹³⁵ GRÜN; HALIK, 2017, p. 36.

¹³⁶ GRÜN; HALIK, 2017, p. 34.

¹³⁷ CARDENAL, E. *O livro do amor*. Hamburgo: Siebenstern, 1976. p. 24.

¹³⁸ ÁVILA, 2014, p. 8.

¹³⁹ ÁVILA, 2014, p. 9.

Vamos considerar nossa alma como um castelo feito de um único diamante ou de um cristal muito límpido, onde há muitos aposentos, assim como no céu há muitas moradas. Se pensarmos bem, irmãs, a alma do justo não é outra coisa senão um paraíso, onde Ele diz encontrar seus deleites. Pois, então como achais que deva ser o aposento onde se deleita um Rei tão poderoso, tão sábio, tão puro e tão pleno de todos os bens? Não encontro nada com que comparar a grande beleza de uma alma e sua grande capacidade.¹⁴⁰

Essa imagem alusiva antropológica e psicológica em Teresa, o que verdadeiramente, importa é buscar saber como é, e se possível, realmente entrar nesse castelo que estaria dentro de cada um, na busca de um autoconhecimento que só será pleno se buscar espelhar em Deus, que assim se faz a sua própria imagem e semelhança. E, para Teresa a única porta que conduz à entrada desse castelo é a oração. Na tradição monástica do deserto não é qualquer tipo de oração, como aquelas feitas de fórmulas ou devoções diversas que servem, mas aquela oração que busca verdadeiramente manter “um íntimo diálogo de amor, estando, muitas vezes, a sós com aquele que sabemos que nos ama”.¹⁴¹ Este íntimo diálogo só seria possível em uma conexão, tanto de amor quanto de atração que busque estar em perfeita harmonia. Essa viagem pelo interior deve ser realizada de forma segura e alguns guias que busquem nos auxiliar no sentido de não nos perdermos e, principalmente, de não desanimarmos.¹⁴²

A bússola de acordo com Teresa de Ávila usada nessa caminhada deve ser as Sagradas Escrituras, bons diretores espirituais, isto é, pessoas que possuam experiência nesta caminhada que possam nos ajudar através de seus conselhos e orientações que se fizerem necessárias e, sobretudo, um anseio e desejo de jamais voltarmos atrás nesse caminho e, sim, de continuarmos firmes a caminhar sempre em frente. Tarefa árdua e bem difícil para pessoas que não vivem em conventos, mosteiros ou em pleno o deserto do Egito. Para dar início a essa caminhada proposta pela mística Teresa, é muito importante que a pessoa tenha como ponto de partida a sua plena conversão, uma total mudança de vida, que se realize de dentro para fora, no conhecimento de si mesmo, no qual entrará pelo castelo pela porta da oração, não sendo possível adentrar nas demais moradas desse nosso castelo. Mas, ao mesmo tempo, é importante deixar bem claro qual seria o principal desejo que queira alcançar? Para Teresa é chegar ao “matrimônio espiritual”, que é nada mais do que unir em perfeita harmonia a alma com Deus, onde Deus permanece sempre Deus e a alma permanece sempre a alma.¹⁴³

¹⁴⁰ ÁVILA, 2014, p. 10.

¹⁴¹ ANÔNIMO do séc. XIV. *A nuvem do não saber*. Tradução do inglês medieval e notas de Lino Correia Marques de Miranda Moreira. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 27.

¹⁴² MOREIRA, 2010, p. 29.

¹⁴³ ÁVILA, 2014, p. 12.

É um olhar do próprio Deus no coração do próprio ser humano de acordo com Teresa, onde haverá uma grande mudança plena de nosso ser, pois, como Paulo diz: “não sou mais eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim”.¹⁴⁴ Porém, para que divinizar o ser humano? Não para poder ficar em uma contemplação imóvel, mas, sim, em algo dinâmico e ativo: as tais obras do Senhor, como diz Teresa. Percebe-se que o nosso verdadeiro amor não é feito de pensamento, mas de doação, de entrega e de trabalho aos nossos irmãos. A pessoa que é contemplativa seria, ao mesmo tempo, dinâmica e atenta aos anseios e às necessidades dos demais como a própria Maria nas bodas de Caná.¹⁴⁵ Esse caminho proposto de conversão e de busca pela verdade que normalmente a pessoa possui, seria o único caminho? Então, aquele que não optar por viver dessa forma, nunca encontrará a paz e a resposta aos seus anseios mais profundos? De acordo com esse projeto proposto por Teresa deve-se deixar conduzir ao castelo interior e as suas moradas percorrendo um caminho de tranquilidade, se possível, aceitando as limitações, fraquezas e defeitos. Mais uma vez leva-se a questionar: Seria possível isso atualmente? Ou isso não passa de uma crise existencial vivida por esses místicos que buscavam renunciar tudo e a todos? Continuando com esse olhar proposto por Teresa, iniciar esse caminho que não poderá ser interrompido por pecados, erros e pela preguiça, isso pode soar um pouco teológico demais. Mas, se faz necessário para que compreenda até que ponto acreditar em tudo isso? É necessário manter firme e seguir em frente? E quais seriam esses erros que Teresa se refere? Sendo que tudo seria relativo?¹⁴⁶

Aquele que mantiver fiel a estes conselhos e, principalmente, aos de Teresa deverá chegar às moradas e ao encontro com o verdadeiro rei e Senhor. Esse ideal proposto por Teresa de Ávila deve ser interpretado de forma pedagógica na qual busca-se meditar, mesmo não havendo alguma experiência do próprio Deus, ou ainda que possa parecer um pouco difícil de colocá-lo em prática. Trata-se de começar algo de que não está acostumado e de aparente loucura. Buscando seguir um caminho em alguns pontos duvidosos e espere que não deixe de caminhar.¹⁴⁷ As palavras de Teresa no fim do castelo apresentam a grandeza e sua humildade:

Embora não se trate aqui de mais do que sete moradas, em cada uma delas existem muitas, por baixo, no alto e dos lados, com lindos jardins e fontes, e coisas tão deleitosas que desejareis vos desfazer em louvores ao grande Deus que o criou à Sua imagem e semelhança. Se achardes algo de bom na ordem que segui para vos falar

¹⁴⁴ Cf. Gl 2, 20.

¹⁴⁵ Cf. Jo 2, 1-11.

¹⁴⁶ ÁVILA, 2014, p. 250.

¹⁴⁷ ÁVILA, 2014, p. 251.

sobre Ele, crede verdadeiramente que quem o disse foi Sua Majestade, a fim de nos dar contentamento – e o que achardes de ruim é dito por mim.¹⁴⁸

Solidão física, a vida de silêncio e o recolhimento seriam questões importantes para aquele que busca viver uma vida contemplativa; cabe ressaltar que tudo isso são apenas formas de como a pessoa pode prosseguir, pois, se não compreender o fim, provavelmente não saberá utilizar os meios. Para aquele que deseja fugir para o deserto, não estaria fugindo das pessoas, mas sim, para aprender a lidar com elas que é um dos ensinamentos que a vida monástica ensina; não buscar ficar afastada como se não tivesse nada mais a ver com ela, mas buscar encontrar a melhor forma de poder ajudá-la, contudo, isso é uma questão secundária. O verdadeiro objetivo para esses homens e mulheres seria o chamado amor de Deus. Atualmente, as pessoas falam da solidão como se ela não fosse importante para o ser humano e, principalmente, para a busca da vida interior. Só aquele que nunca experimentou a solidão plena afirma falsamente que não faz diferença e que o importante é viver na solidão do nosso coração! Não deve esquecer que uma solidão conduz à outra!¹⁴⁹

No entanto, a verdadeira solidão para esses religiosos consiste em algo que esteja fora de nós ou na falta das pessoas ou de sons; é um precipício aberto bem no centro de cada ser humano. E esse imenso precipício de solidão interior nunca será preenchido por nada desse mundo como acreditavam os antigos monges e monjas. A verdadeira solidão na concepção do monasticismo só pode ser experimentada por aquele ou aquela que estiver com sede e com fome, sofrendo pela dor, pelo desejo e pela pobreza. Aquele que verdadeiramente encontrou a solidão se sente vazio de tal forma que parece estar completamente morto. Estando nesse estágio é que iniciará a agitação dentro dessa pessoa. Nesse momento, descobrirá que, em pleno repouso, estará a trabalhar, a enxergar no meio da escuridão e uma dita perfeição cujas fronteiras se desdobram até o infinito. Mesmo que essa solidão esteja em todo o lugar, existe um mecanismo para encontrá-la que tem alguma referência ao espaço real, à geografia, ao isolamento físico longe das cidades e do tumulto da humanidade.¹⁵⁰

Partindo desta realidade que de acordo com a tradição monástica, deveria haver algum lugar para que pudesse estar e para passar despercebido, onde não esteja preso às amarras desse mundo, em busca de uma plena liberdade, sem nenhuma amarra que o deixe aprisionado por seus sentidos. “Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechando sua

¹⁴⁸ ÁVILA, 2014, p. 254.

¹⁴⁹ GUILLERAND, 1976, p. 78.

¹⁵⁰ MERTON, T. *Novas sementes de contemplação*. São Paulo: Vozes, 2017. p. 85.

porta, ora ao teu Pai que está lá, no segredo”.¹⁵¹ Encontrando um lugar assim, acredita-se que o ser humano de certa forma, ficará satisfeito e não haverá nenhum tipo de perturbação se tiver de deixá-lo. É necessário amar esse lugar, para que possa voltar para ele caso seja necessário, sem haver pressa alguma de buscar trocá-lo por outro qualquer. A solidão seria algo de extrema necessidade para o contemplativo sendo, principalmente, interior e espiritual. É possível viver em solidão interior intensa e cheia de paz, ainda em meio ao tumulto e agitação do mundo?¹⁵²

A busca de viver no silêncio do próprio interior está em querer encontrar o ser humano tanto no hoje, no amanhã e pelo resto da vida, sendo que a tradição diz que se deve buscar encontrar somente a Deus. O patriarca São Bento foi um homem que aprendeu a viver consigo em primeiro lugar, nos primeiros anos em que iniciou a sua vida monástica como monge eremita, na gruta de Subiaco¹⁵³, antes mesmo de viver como superior de uma comunidade em Monte Cassino¹⁵⁴, e depois como fundador de uma grande família de monges e monjas espalhados pelo mundo inteiro. Ele soube, por experiência própria, que as mais importantes de todas as experiências que o ser humano pode vivenciar é que até que tenha aprendido a viver com outros, não conseguirá viver com seu próprio eu.¹⁵⁵

Busque observar o que ocorre quando não estiver ocupado, quando não estiver atento ao trabalho, à leitura ou em qualquer outra atividade. Normalmente, no que pensa nesses momentos? Quais são os pensamentos que brota, quando está passeando ou quando está esperando em algum lugar? E antes de dormir? Os pensamentos que vão surgindo sem nenhum controle como fossem macacos que pulam de galho em galho e revelam o verdadeiro estado interior. Os antigos monges e monjas sempre recorriam a esses tipos de pensamento para saber se não estavam amarrados a um dos oito vícios: gula, luxúria, cobiça, tristeza, ira, acídia, vaidade ou orgulho. Pois é possível analisar qual o número de vezes, conserva-se

¹⁵¹ Cf. Mt 6:6.

¹⁵² MERTON, 2017, p. 87.

¹⁵³ É uma comuna italiana da região do Lácio, província de Roma, com cerca de 8.931 habitantes. Era conhecida como Sublâqueo durante o período romano. Local escolhido por São Bento de Núrcia, para fundar mosteiros e onde viveu um período. CASEY; TOMLINS, 2019, p 11.

¹⁵⁴ A Abadia de Monte Cassino situa-se no topo do monte homônimo, a 80 km a leste de Nápoles, na Itália. Fundada por Bento de Núrcia por volta de 529, ela é o berço da Ordem dos Beneditinos e serviu de retiro a soberanos e pontífices como o príncipe franco Carlomano, irmão de Pepino o Breve, o rei lombardo Raquis (com sua família), e São Gregório Magno. A abadia contém imensas riquezas, entre elas uma preciosa biblioteca (Didier, abade de 1058 a 1087, faz trazer de Constantinopla diversos livros) colocada sob a proteção direta de Roma, juntamente com uma galeria de preciosos quadros. CASEY; TOMLINS, 2019, p. 14.

¹⁵⁵ WAAL, 2012, p. 49.

exteriormente em pleno silêncio. O pensamento voa... Surgem pensamentos com comida ou com o que se almeja ou levando a sonhar com a coisa que parece de forma desejável.¹⁵⁶

Para esses homens e mulheres do deserto, o que em última análise implica é o silêncio interior. Que só poderia ser observado por aquele que conseguiu superar os oito tipos de vícios. Uma coisa que faz parte da prática do silêncio é a luta direta contra esses vícios, o embate contra as maneiras falhas do interior, contra a desordem das emoções não contidas e contra a forma de sempre se colocar no centro. O silêncio é uma batalha contra todas as nossas falhas e atitudes fracassadas. Não é apenas uma renúncia indiferente às palavras, mas sim, um verdadeiro ataque contra todo tipo de emoções e violências que é experimentada, é o que dizem esses religiosos e religiosas do século IV. Para João Cassiano¹⁵⁷, estar nessa condição de puro e pleno silêncio se identifica com a pureza de nosso coração. O pressuposto para isso é a humildade, em que não almeja conseguir alguma coisa, nem nos momentos de calma e recolhimento absoluto, mas buscar inteiramente a abandonar-se em Deus.¹⁵⁸

A humildade seria tida como uma reação à verdadeira experiência de Deus e da própria fraqueza e ineficácia diante de Deus. Isso é um presente que o ser humano não conseguiria com suas próprias forças. Sendo assim, a tranquilidade e a calma, quando ambas calam todas as falácias e desejos incontrolláveis, todas as emoções e agressões deixando sem palavras, só poderiam ser dadas por Deus. É provável que possa praticá-las, lutando e guerreando em silêncio contra os desejos e vícios, mas elas sempre serão apenas uma meta a serem alcançadas, mas que só uma vez ou outra pode experimentar como um presente de Deus¹⁵⁹, na visão de Anselm Grün.

Nesse capítulo foi abordado que o silêncio tem sido, desde os primórdios da Igreja Católica Romana, uma ferramenta importante para a pessoa que deseja e almeja experimentar a Deus e ao mesmo tempo, buscar conhecer-se a si mesmo. No capítulo seguinte, será dada continuidade a esse tema, só que agora na experiência da vida cenobítica dos monges beneditinos e de como o patriarca São Bento enxerga a importância de viver o silêncio na

¹⁵⁶ GRÜN, 2010, p. 29.

¹⁵⁷ Maturidade cenobítica. João Cassiano (c. 360-435) é considerado o mais importante escritor da Gália (França) do século V. Proveniente da Cítia (Romênia), sua formação religiosa e monástica deu-se em um mosteiro de Belém. Após uma visita aos monges do Egito, decidiu viver ali com eles no deserto de Scete por dez anos, até 395. Em 399, já estava em Constantinopla, em contato com o patriarca João Crisóstomo, que o ordenou diácono. Em 404 apresentou-se em Roma ao Papa Inocêncio I, com o intuito de interceder em favor de seu mestre João Crisóstomo; nessa ocasião foi ordenado presbítero. Posteriormente dirigiu-se a Marselha, onde em 415 fundou um mosteiro para homens e outro para mulheres; ali permaneceu e difundiu o ideal monástico até sua morte. CASSIANO, 2008, p. 21.

¹⁵⁸ GRÜN, 2010, p. 34.

¹⁵⁹ GRÜN, 2010, p. 39.

busca da escuta de Deus e de como o ser humano pode aprender a viver bem seja na sociedade ou em comunidade.



2 O SILÊNCIO EM SÃO BENTO

Nesse capítulo, será dada sequência ao tema do silêncio só que agora na vida em comunidade na qual Bento de Núrsia, acredita que seus monges só poderão experimentar a Deus através do *ora et labora*¹⁶⁰. O falar e o calar-se são formas de intensas implicações para a vida do ser humano. Sendo assim, como na maioria das religiões, é dada grande importância à palavra, quanto ao silêncio. Para São Bento, o silêncio possui uma particular singularidade que permite que o monge ou a monja, prepare-se para buscar escutar a voz de Deus que se acredita ecoar pelos caminhos da tranquilidade e da escuta. Na Bíblia, podemos encontrar nos livros sapienciais a relação entre esses estilos e o dito “sagrado” mistério de Deus.

Entre os monges, buscar o equilíbrio entre o silêncio e o falar era parte da doutrina teórico-prático da busca de uma vida perfeita e são inúmeras as referências, em todos os documentos monásticos com relação a essa sabedoria. O silêncio era algo que buscava dar tranquilidade ao coração do monge e que dentro dessa mesma tradição diz ser possível escutar o Espírito Santo e, então, suas palavras, animadas através deste mesmo Espírito, traziam o entusiasmo de fortalecer, exortar e consolar. Tais monges eram denominados *pneumatoroi*, isto é, mensageiros do Espírito de Deus. A Regra¹⁶¹ de São Bento não busca apresentar uma doutrina, mas uma forma de observância através de exercício prático sobre o falar.¹⁶²

2.1 São Bento e a tradição monástica.

Os estudiosos percebem a diferença que possui o termo latino *silencium* (abster-se de falar) e *taciturnitas* (falar com moderação). A questão de taciturnidade não se limita apenas a uma qualidade do discípulo perto de seu mestre, mas possui uma relação também, densamente, com uma atitude de humildade, elemento esse considerado primordial da espiritualidade monástica. São Bento é fiel à tradição monástica na qual é bem rigorosa com

¹⁶⁰ Oração e trabalho, lema da ordem de São Bento.

¹⁶¹ A Regra de São Bento ou RB, escrita por Bento de Núrsia no século VI, é um conjunto de preceitos destinados a regular a vivência de uma comunidade monástica cristã, regida por um abade. Escrita numa altura em que pululavam, por toda a Cristandade, inúmeras regras, começou a ter sucesso sobretudo a partir do século VIII, quando os Carolíngios ordenaram que fosse a única regra monástica autorizada nos seus territórios e a partir daí, esse preceito estendeu-se ao resto da Europa, sobretudo com o advento da reforma gregoriana. Foi também adotada, com igual sucesso, pelas comunidades regrantes femininas. Pode-se dizer que a regra tem sido um guia, ao longo da sua existência, para todas as comunidades cristãs da Cristandade Católica e, desde a Reforma Protestante, também aplicável às tradições Anglicana e Protestante. CASEY; TOMLINS, 2019. p. 27.

¹⁶² ZAMITH, J; CASTANHEIRA, M. *Encontro com a RB*. 3. ed. Juiz de Fora: Mosteiro da Santa Cruz, 2000. p. 49.

as ditas “brincadeiras, palavras ociosas e o riso excessivo”¹⁶³, sendo que naquela época, tais procedimentos de maneira íntima relacionadas com as amostras nos espetáculos depravados do circo e dos palcos dos teatros, interditas através do compromisso adquirido pelo batismo, na abdicação às “pompas do antigo inimigo”. Já no que se refere, porém, ao falar e ao rir, como uma expressão natural no diálogo, São Bento é bem atento e condescendente. A percepção da presença de Deus é algo que vai de uma ponta a outra da Regra. São Bento era pragmático sobre a importância de manter a tranquilidade em seu mosteiro.¹⁶⁴

Os monges de São Bento passavam o dia, quase o tempo todo juntos e, à noite, repousavam juntos no mesmo dormitório. Não possuindo lugares nos quais eles poderiam encontrar solidão e silêncio, de maneira óbvia se fazia necessário ter tranquilidade nos espaços comuns do mosteiro. O silêncio era a peça primordial para a vida em comunidade, conservando a paz e desenvolvendo a oração. Daí percebe-se o porquê das exigências de São Bento em relação ao silêncio acontecer quando o barulho se tornaria danoso, como por exemplo, durante a leitura no refeitório, à noite, no aposento e no oratório.¹⁶⁵

Além de saber quando e onde se deve fazer silêncio, existe um problema básico: como falar. São Bento orienta que se deve falar raramente, de forma breve e simples pois, “já quanto às brincadeiras, palavras ociosas e que provocam riso, condenamo-las em todos os lugares a uma eterna clausura, para tais palavras não permitimos ao discípulo abrir a boca”¹⁶⁶. No capítulo da Regra na qual se refere sobre o silêncio, ensina muito mais pelo extenso capítulo do que através de seu conteúdo. São Bento abreviou os dois capítulos da Regra do Mestre¹⁶⁷, enfadonhos e quase desconexos, completando um total de oitenta versículos. A consequência é austeridade e possui um tom notavelmente ascético. O falar sem medida é algo ameaçador; mesmo no que se refere as boas palavras. Os monges não devem falar coisa

¹⁶³ ENOUT, 2001, p. 37.

¹⁶⁴ STEWART, C. *Oração e comunidade na tradição beneditina*. Juiz de Fora: Edições Subiaco, 2006. p. 78.

¹⁶⁵ ENOUT, 2001, p. 87-93; 109.

¹⁶⁶ ENOUT, 2001, p. 37.

¹⁶⁷ A Regra do Mestre, do *latim*: *Regula Magistri* (RM), também conhecida como *Regula Sanctorum Patrum* é uma regra monástica de autor e título desconhecidos, com origem provável em torno do ano de 530 d.C, provavelmente do ambiente monástico da Gália (França) meridional, foi recolhida, entre outras regras, por Bento de Aniane em seu *Codex Regularum*, destacando-se por ser a mais extensa. Seu nome “Regra do Mestre” provém do fato de que cada capítulo se inicia pela expressão interrogação do discípulo, cuja resposta se inicia pela expressão resposta do Senhor pelo mestre. Além, de sua importância para a história da vida monástica, ela também se destaca pelas semelhanças que possui com a Regra de São Bento, o que ocasionou uma discussão a fim de estabelecer se a Regra do Mestre seria uma fonte ou cópia ampliada da regra beneditina. A discussão tomou forma de polêmica, pois a hipótese vigente até o século XX era de que a Regra de São Bento seria original e a Regra do Mestre uma cópia comentada. CASEY, M; TOMLINS, 2019, p. 51.

alguma a não ser que sejam interrogados. Essa atitude deve ser mantida em relação a todas as coisas. Em uma conversa banal não é admissível, bem como as fofocas.¹⁶⁸

Nesse conselho existe uma sabedoria prática, mas não algo de grande profundidade espiritual que algumas pessoas almejavam. São Bento jamais escreve sobre o silêncio místico exceto para recomendar que “a pureza de coração de compunção comove a Deus mais do que palavras”¹⁶⁹. Portanto, no modo sobre a forma de falar se encontra num contexto da apregoada virtude da humildade. São Bento segue o modelo do Mestre ao determinar que o falar deva ser sempre de forma humilde, isto é, simples e direta. Ao acrescentar a palavra “razoavelmente” faz uma inovação mesmo utilizada em vários momentos¹⁷⁰. Esse tema é algo que está relacionado à disposição de saber administrar [as palavras]. O falar é um dom que deve ser usado de forma cuidadosa, ou inconsideradamente, com humildade ou orgulhosamente. Aquele que estiver diuturnamente atento as manifestações de Deus, saberá o momento certo e de como falar, de acordo com a tradição beneditina.

Atualmente, os beneditinos possuem, na contemporaneidade, mais privacidade do que os monges da época de São Bento. As celas (quartos) são particulares, nas várias vezes o trabalho é feito de forma solitária, havendo mais tempo livre para se dedicar a oração, leitura e meditação. A exigência genuinamente pragmática do silêncio constante é menos rigorosa. A questão da tranquilidade é algo que ainda, persiste. De certa forma existe uma oportunidade maior para o silêncio, por outro, nota-se a introdução de vários elementos que introduzem o barulho através dos diversos meios de comunicação. Ter uma distinção entre uma “santa” conversa na visão beneditina que busca edificar e fortalecer a fé, as fofocas maliciosas e destrutivas possui uma analogia do que se refere ao discernimento das notícias que os meios de comunicação trazem e que podem inspirar e dispersar. Deve-se perceber que tanto o silêncio quanto o barulho podem ser usados como defesas contra duras verdades para o santo legislador.¹⁷¹

O barulho dentro da tradição monástica beneditina é algo que pode ajudar a espantar a tranquilidade que ameaça confrontar de certa maneira as pessoas em relação a sua própria verdade; já o silêncio, pode ser utilizado de forma a blindar contra pessoa que por ventura queiram questionar ou até mesmo pedir algo ao qual não esteja pronto. São Bento entende que o silêncio pode ser utilizado também como uma arma que se usa de forma fria diante a ignorância dos outros e, às vezes, por muito tempo. A conversa de forma compulsiva ou o

¹⁶⁸ ENOUT, 2001, p. 107.

¹⁶⁹ ENOUT, 2001, p. 65.

¹⁷⁰ ENOUT, 2001, p. 39.

¹⁷¹ STEWART, 2006, p. 81.

silêncio nebuloso faz com que perca a marca beneditina da total atenção que deve ter para com a escuta e da reverência na resposta. O silêncio é aquela ajuda e serve ao ouvir, ao escutar a palavra de Deus. Ele permitiria que de um modo geral que sejam aguçados os sentidos para a presença da manifestação de Deus que nos indicaria o caminho. Para São Bento, silêncio, obediência e humildade andam juntas. A humildade seria a atitude básica de onde nascem a obediência e o silêncio.¹⁷²

Não é à toa que São Bento na distribuição dos capítulos sobre a obediência e o silêncio os coloca antes do capítulo sobre a humildade. Um dos pontos importantes que se encontra dentro do capítulo destinado a humildade é que os primeiros quatro degraus tratam da obediência e os últimos do silêncio. Quando os monges e monjas praticam a obediência sem demora de acordo com a Regra de São Bento se colocam a escutar os mandamentos de Deus e suas orientações, igualmente como se manifestam nas ordens que procedem do abade ou da abadessa do mosteiro. Através do silêncio eles e elas acreditam escutar a sabedoria e a doutrina de Deus que os mostraria o verdadeiro caminho para a vida. Este silêncio e a obediência não é algo puramente vertical, e sim também é horizontal. Aquele que através do silêncio permite abrir-se para a palavra do Senhor, este também se tornaria capaz de ver em seu semelhante a presença e a manifestação de Deus de acordo com a visão monástica beneditina. De certa forma, diariamente, deve-se estar aberto para o encontro com o outro e principalmente conosco? E diante do “sagrado” para aqueles que se dizem crentes, será que também encontram dispostos a mudarem de vida deixando de lado seu egoísmo? São Bento não se importa com uma disciplina do silêncio, mas em uma plena atitude de respeito, o monge e a monja buscam estar abertos para a manifestação do mistério de Deus através do silêncio, na palavra e nas pessoas é o que ensina a Regra beneditina.¹⁷³

São Bento descreve a importância do silêncio, no capítulo sexto de sua regra. “Portanto, por causa da seriedade do calar-se, só raras vezes seja dada aos discípulos perfeitos a licença para falar, mesmo tratando-se de conversas boas, santas e edificantes”¹⁷⁴. No silêncio, portanto, não buscaria desfazer-se e sim estar em total sintonia com a presença de Deus e em busca de conhecer a si mesmo. É importante manter-se em silêncio para que possa permitir a auto avaliação, o encontro com o nosso “eu” interior e ao mesmo tempo, a abertura para o novo que se apresenta muito das vezes, na forma de viver de outras pessoas dentro da visão comunitária de acordo com os monges e monjas de Bento. A taciturnidade é para São

¹⁷² GRÜN, 2017, p. 68.

¹⁷³ GRÜN, 2017, p. 70.

¹⁷⁴ ENOUT, 2001, p. 37.

Bento uma maneira positiva: o monge e a monja devem buscar a cada dia abrirem-se para a manifestação e presença do Senhor, devem viver constantemente dia após dia diante de Deus, em atitude atenta para a sua presença. Estar na presença de Deus se torna o espaço em que ele e ela vivem, e que tenham a certeza de estarem em casa, na qual se sentem protegidos e acolhidos. Olhando do lado de fora da situação, pode-se fazer o seguinte questionamento: Não seria essa atitude de viver isolado do resto do mundo uma fuga? Tanto de si quanto das outras pessoas? Até que ponto o ser humano deixaria os chamados “prazeres” para viver uma vida de renúncia e alteridade?¹⁷⁵ De acordo com a perspectiva beneditina, a presença salvífica de Deus o e/ou a envolve de tal forma que busca atravessá-la em corpo e alma. O silêncio seria a atitude interior em que busca abrir-se para uma realidade que presume ser de Deus que deva iluminar e envolver as pessoas.¹⁷⁶

Logo, essa tal realidade tornaria mais importante do que o falar. O não falar é algo que se pode praticar em nosso dia a dia. O silêncio que emana da noite é algo bem diferente do que em outros momentos, porque São Bento acredita que somos envolvidos pela presença do Senhor, não devendo perturbar-se por um falar *cum gravitate*¹⁷⁷, e aquele que ao desempenhar o serviço divino no ler ou cantar, deve buscar fazê-lo com o sentido de proximidade com o “mistério divino”, “para que com isto os irmãos sejam edificados, na palavra e através do canto”¹⁷⁸. O silêncio estaria a serviço da oração e do escutar a palavra de Deus e, São Bento demonstra isso no capítulo quarto da Regra. Logo após os instrumentos do silêncio, é colocado pelo legislador a advertência: “Ouvir de boa vontade as santas leituras; dar-se frequentemente à oração”¹⁷⁹. E no capítulo cinquenta e dois da mesma regra, ele solicita aos monges que deixem o oratório no mais profundo silêncio e que guardem a reverência diante de Deus, para que aquele que ainda desejar orar sozinho em silêncio não seja impedido de fazê-lo.¹⁸⁰

Em uma atmosfera de silêncio o rezar poderia de certa forma, tornar-se algo profundo que possa permitir aqueles ou aquelas que vivem nessa vocação, assim pode se dizer, aprofundar-se nos chamados “mistérios” de Deus e da própria humanidade. E isso deve conservar aquilo que nasceu e desenvolveu durante o período de oração. A tradição beneditina diz que o falar logo em seguida do período de oração, não permite preservar a riqueza e o fruto que acreditam vir da oração. O recolhimento desaparece, o que se recolheu em seu

¹⁷⁵ GRÜN, 2014, p. 55.

¹⁷⁶ GRÜN, 2014, p. 56.

¹⁷⁷ ENOUT, 2001, p. 94.

¹⁷⁸ ENOUT, 2001, p. 101.

¹⁷⁹ ENOUT, 2001, p. 33.

¹⁸⁰ ENOUT, 2001, p. 109.

íntimo é perdido. Mas através do silêncio a oração continua ecoando e se solidificando no coração. Por um lado, o hábito do recolhimento permitiria de certo modo o escutar a Deus, e por outro, ele é uma manifestação à experiência do escutar, pela qual acabou-se de passar. O monge e a monja seriam aqueles (as) que reagem às suas experiências de Deus afastando de si tudo aquilo que possa alterar e perturbá-los no prosseguir a escuta. Seria de certa forma, um silêncio de reverência em que o monge e a monja se calam perante do mistério revelado.¹⁸¹ Esta experiência para aqueles e aquelas que passaram ou passam por esses períodos de silêncio, se perde no exato momento em que a palavra se apresenta dentro da tradição beneditina.

Assim, busca entender um pouco melhor através de um dito dos padres do deserto:

O mesmo (João) ardia em espírito. Um visitante elogiou seu trabalho. Ele estava exatamente trabalhando em uma corda. E ficou calado. Mais uma vez o outro tentou conseguir uma palavra dele, e mais uma vez ele ficou calado. Da terceira vez ele disse ao que o visitava: ‘desde que chegaste aqui expulsaste Deus de minha presença’.¹⁸²

Os monges e monjas não buscam ficar em silêncio por causa de algum motivo contemplativo e muito menos para ficarem em uma atitude artificial em um certo estado de ânimo, na qual demonstrem a si próprios uma concretização de ascese. Eles acreditam que ao ficarem em silêncio conseguirão ter uma experiência autêntica da divindade e não desejam buscar falar e deixar que assim se apague esta experiência com o sagrado. Não desejam ser privados dessa intimidade na qual estão abertos para a manifestação de Deus em suas vidas, sendo que isso se mostra sobretudo antes da morte. O encontro com a morte é um teste tão decisivo que só se pode enfrentá-la estando num estado de pleno silêncio e quietude. Quando os irmãos fazem perguntas ao moribundo *abba* Agatão, este lhes diz: “Fazei-me um favor, não faleis mais comigo; pois estou ocupado”¹⁸³. Um episódio semelhante se conta a respeito do Patriarca Zacarias¹⁸⁴:

O Patriarca Poimém contou que o Patriarca Moisés perguntou ao Patriarca Zacarias, que estava moribundo: ‘Que é que vês?’ E este respondeu: ‘Não é melhor ficar

¹⁸¹ GRÜN, A. *O céu começa em você: A sabedoria dos padres do deserto para hoje*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 27.

¹⁸² REGNAULT, 2000, p. 81.

¹⁸³ REGNAULT, 2000, p. 82.

¹⁸⁴ Foi o patriarca de Jerusalém entre 609 e 632 d.C. Passou a maior parte de seu patriarcado como um prisioneiro dos sassânicos do rei Cosroes II. É comemorado como santo pela Igreja Ortodoxa no dia 21 de fevereiro. Os primeiros anos de vida de Zacarias são desconhecidos. Conta a tradição cristã que, durante os quatorze anos de cativo, diversos milagres ocorreram no Império Sassânida como resultado da presença da verdadeira cruz. Zacarias morreu em 632 e foi sucedido por Modesto, que agiu como locus tenens durante o cativo do patriarca. MARÍN, 2018, p. 307.

calado, ó pai?’ ‘Sim, filho, cala-te!’ Na hora da morte o Patriarca Isidoro encontrava-se com ele. Olhou para o céu e disse: ‘Alegra-te, meu filho Zacarias: abriram-se para ti as portas do reino dos céus!’¹⁸⁵

Chegada a hora da morte, de acordo com a tradição monástica, o homem anda ocupado com outros assuntos que lhe são importantes e que acabam, tirando-lhe a paz, fechando-lhe o caminho de uma profunda experiência. C.G. Jung¹⁸⁶ fez esta mesma experiência na velhice. Ele escreve a alguém que gostaria de visitá-lo para falar com ele:

Frequentemente o falar torna-se em mim um tormento, e muitas vezes eu preciso calar-me vários dias a fim de me recuperar da futilidade das palavras. Eu estou de partida e só olho para trás quando não há outro jeito. Esta partida já é em si uma grave aventura, mas não algo sobre que se desejasse falar extensamente. O que o senhor imagina como alguns dias de intercâmbio espiritual eu não o conseguiria suportar com ninguém, nem mesmo com os mais íntimos. O resto é silêncio! A cada dia isto se torna mais claro, a necessidade de comunicação desaparece.¹⁸⁷

Destas palavras logo percebe o dever que se tem presente no silêncio. Não é possível dar ao luxo de ficar em silêncio enquanto busca curtir o seu próprio eu, no qual o que mais se pode desejar seria o próprio repouso.¹⁸⁸ Aquele que deseja uma palavra, o monge ou a monja só podem negá-la enquanto ele ou ela estiverem preocupados com o seu silêncio, quando o silêncio é apenas indiferente não buscar fazer nada, mas sim um ativo escutar, indo em direção ao espaço do Sagrado, em pleno o deserto, na busca de estar atento na escuta do que Deus quer dizer em seu “silêncio”, nessa imagem que quando se deixa envolver-se nessa experiência que poderá proporcionar um honesto silêncio e ao mesmo tempo, se encontrar diante da “presença” real de Deus. São o que atestam algumas experiências vividas por esses homens e por essas mulheres do deserto.¹⁸⁹

2.2 Escuta, filho, os preceitos do mestre

O tema da escuta é um dos pontos principais dessa catequese que é o prólogo da Regra de São Bento. É algo que aparece com uma certa insistência nas referências dos salmos, do evangelho de Mateus e ainda no livro do Apocalipse de João. É importante perceber qual seria a importância que São Bento dá a essa atitude da escuta? Já desde o início do prólogo,

¹⁸⁵ REGNAULT, 2000, p. 82.

¹⁸⁶ Carl Gustav Jung foi um psiquiatra e psicoterapeuta suíço que fundou a psicologia analítica. Jung propôs e desenvolveu os conceitos de personalidade extrovertida e introvertida, arquétipo e inconsciente coletivo. Seu trabalho tem sido influente na psiquiatria, psicologia, ciência da religião, literatura e áreas afins. TANQUEREY.A. *Compêndio de Teologia ascética e mística*. Campinas: Ecclesiae, 2018. p. 347.

¹⁸⁷ JUNG, C.G. *Briefe III*. Olten: 1973. p. 95.

¹⁸⁸ JUNG, 1973, p. 96.

¹⁸⁹ GRÜN, 2017, p. 73.

busca estabelecer-se um ambiente de intimidade entre mestre e discípulo. Essa forma de falar é algo que aparece nos livros sapienciais da Sagrada Escritura e no prólogo da Regra de São Bento. Neles, costuma usar os termos pai e filho. Se é convidado a escutar tais ensinamento, se nota que o tema conduz a dois caminhos, também há uma exortação na qual se deva seguir o caminho que conduz a vida, principalmente para aquele que busca exortar o seu “filho” e a escutar com o “ouvido do coração”. Para esse, dá-se o nome de mestre e de um bom pai. Nesse caso, ele é o abade que escreve a Regra como mestra. O caráter da escuta que faz com que o coração do monge ou da monja se abra à Palavra de Deus, deve ser concluída pelo exercício dessa mesma Palavra.¹⁹⁰

É importante que reconheça a boa vontade que porventura teria Deus. E assim, deve-se buscar amá-la como algo mais sublime. Esta é a bênção efetiva de Deus na visão de São Bento. Só quando se permite que o Espírito Santo de Deus se manifeste é que poderíamos adquirir essa tal claridade superior que viria do alto. Em face dessa luz e do “faça-se a Tua vontade” que faz com que se reconheça a limitação e miséria espiritual na escuta da palavra do Senhor de acordo com o patriarca do monaquismo ocidental. A percepção da presença do Senhor é algo que está presente e atravessa a Regra de Bento. Claro que não há uma intimidade agradável, na qual somos iguais, mas sim um respeito em relação a nossa completa dependência do sagrado lembrando que a Regra foi escrita para monges e monjas e que depois de alguns séculos, também começou a ser observada pelos chamados oblatos beneditinos seculares¹⁹¹. A humildade é considerada a virtude básica e centro da vida monástica que inicia com o “temor do Senhor”, que faz com que o monge e a monja sejam levados ao simples reconhecimento da onipresença divina e buscando agir em conformidade. A corrupção correspondente seria não se lembrar de que, de um modo geral, as pessoas estariam diante da majestade de Deus. Na qual deve-se “fugir do esquecimento e sempre lembrar os mandamentos de Deus”¹⁹². Então, daí a importância que São Bento dá na busca da escuta da palavra através da *lectio* divina: estes sem dúvida seriam os caminhos de atenção, da busca em sintonizar os sentidos espirituais à presença Divina.¹⁹³ Questão delicada para tratar atualmente, pois em torno de vinte e cinco por cento da população mundial diz não ter religião ou se consideram ateus¹⁹⁴. E como fazer com que esses ensinamentos possam ser aplicados

¹⁹⁰ ZAMITH; CASTANHEIRA, 2000, p. 25.

¹⁹¹ É o fiel leigo, consagrado ou sacerdote que, em conformidade com seu estado de vida, associa-se a uma comunidade monástica beneditina, a fim de viver coerentemente a sua consagração batismal, em comunhão com a Igreja Católica Apostólica Romana no espírito da Regra de São Bento. CASEY; TOMLINS, 2019, p. 117.

¹⁹² ENOUT, 2001, p. 41.

¹⁹³ STEWART, 2006, p. 41.

¹⁹⁴ GRÜN; HALIK, 2017, p. 84.

em nossos dias, de forma coerente e racional, sendo que atualmente se vive em um ambiente considerado por alguns como relativista? Teríamos ainda algo a aprender com a antiga tradição monástica e em particular, a beneditina?

A Regra de São Bento busca mostrar no prólogo a importância da escuta consigo e em um ambiente religioso seria encarada como a do próprio Deus através das Sagradas Escrituras e na vida diária do monge e da monja. Mas, até que ponto em nossa sociedade barulhenta e tida por líderes católicos como o Cardeal Robert Sarah¹⁹⁵ como sedenta de Deus, a escuta se torna algo tão importante para o homem e a mulher modernos? Em nosso tempo, vivemos aos mais variados tipos de provações e as chamadas “crises da fé” que surgem sobretudo no limite de acolhimento de uma visão renovada, de um feixe de luz que, na trilha da fé poderia de acordo com essa tradição milenar, ajudar algumas dessas pessoas na caminhada em busca de águas mais profundas no que se refere a fé e porque não, ao autoconhecimento. Em momentos futuros no qual passa-se por crises, sentimentos de alegria, por ter a certeza do surgimento de uma nova paisagem, mas mantendo a paciência, enquanto atravessa a via estreita. Hoje em dia, de acordo com a tradição cristã católica, muitos não vão em busca dos “mistérios” de Deus em meio ao cosmos ou em busca de conhecer-se a si mesmo; e ainda de acordo com essa visão, só restaria parar um pouco para perceber o quanto se está “fugindo” de si mesmo. E que uma parcela da população pode estar perdendo o referencial de suas vidas. Para a tradição monástica é importante que os homens e as mulheres crentes permitam que o Senhor faça sua morada em seus corações é o que se refere as narrativas da Bíblia e os ensinamentos da tradição cristã católica. Também não poderíamos de certo modo esquecer, que ao passar dos anos, a idade proporciona que as pessoas tenham uma nova perspectiva através da leitura das Sagradas Escrituras e até mesmo no que se refere a experiência da fé. Ao olhar em volta e para a atual sociedade existem formas diferentes de ateísmo.¹⁹⁶

Existe um ateísmo, autossatisfeito, que não possui uma preocupação em relação a questão sobre fé e sobre Deus. Se mantém satisfeito em responder as questões de cada relação ao prazer, do êxito, do dinheiro, do próprio controle do cotidiano e, busca com isso esconder as questões mais intensas. Basta que se entregue ao consumismo que hoje está na moda, tanto ao conteúdo e à forma de vestir, naquilo que deve expressar e externar no estilo de vida.

¹⁹⁵ Prefeito da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos da Santa Sé (Vaticano). SARAH, C. R.; DIAT, N. *A noite se aproxima e o dia já declinou*. São Paulo: Fons Sapientiae, 2019. p. 119.

¹⁹⁶ GRÜN; HALIK, 2017, p. 83.

Percebe que é um ateísmo raso, leviano e superficial¹⁹⁷, que recusa a enfrentar questões mais sérias e pertinentes. Esse tipo de ateísmo faz com que a vida seja de certa forma banalizada. Não se pode esquecer, que é um ateísmo que protege das representações de Deus demasiadamente reais para boa parte da população. Também existe o tipo de ateísmo que busca entender o mistério em torno do ser humano e o mistério do próprio mundo. Este tipo de ateísmo está aberto as manifestações do Sagrado, mas que mantêm protegido das imagens que este Sagrado pode possuir em excesso sólidos. Este modelo de ateísmo é um desafio que os crentes terão que enfrentar.¹⁹⁸

É importante buscar manter um diálogo aberto com os ateus que buscam a verdade¹⁹⁹. Eles acabam fazendo um favor também para todos os crentes no que se refere a questionar sobre as imagens que as pessoas possuem sobre Deus e ao mesmo tempo, estar atentos a correlação das perguntas que eles possuem em relação a Deus e suas manifestações. Confrontamos aqueles que são os ateus militantes, que julgam e criticam todos os que dizem crentes por conservar formas infantis em relação a fé. Esse ateísmo militante usa como argumento que as religiões de um modo geral são culpadas por todas as atrocidades cometidas nas mais variadas guerras neste mundo. Mostra e prova de certa forma que as pessoas não conseguem esquivar da questão do que refere a imagem de Deus. Percebe que aqueles que aderiram ao movimento protestam de modo tão veemente contra aqueles que acreditam em Deus, porque percebem o quanto podem estar inseguros. Eles dão a impressão de experimentarem no íntimo de seu coração a questão da dúvida em relação se não haverá algo acerca de Deus.²⁰⁰ O papa emérito Bento XVI, diz que o próprio ateu é, sem cessar, torturado pela dúvida que aquilo no que acredita será realmente adequada e de acordo a sua explicação sobre o mundo: “Assim como o crente se sente constantemente ameaçado pela descrença e deve aceitá-la como sua tentação permanente, assim também a fé, para o descrente, continua a ser uma ameaça e uma tentação do seu mundo aparentemente fechado para sempre”.²⁰¹

Nos dizeres de Bento XVI o próprio Deus está presente em cada ser humano, em um absoluto silêncio. E esse estado de silêncio poderia oferecer condições adequadas para que se busque a palavra que habita no santuário dos corações e até mesmo para fazer uma reflexão da nossa vida até o presente momento. Sendo assim, nesse possível deserto de nosso ser, deveríamos buscar manter-se em silêncio. Escutarmos em silêncio; o ser humano penetraria

¹⁹⁷ SPONVILLE, 2016, p. 77.

¹⁹⁸ GRÜN; HALIK, 2017, p. 87.

¹⁹⁹ SPONVILLE, 2016, p. 77.

²⁰⁰ GRÜN; HALIK, 2017, p. 103.

²⁰¹ RATZINGER, J. *Olhe para Cristo: pratique com fé, esperança, amor*. Freiburg: Atos, 2006. p. 22.

um silêncio que para a espiritualidade do deserto, é a própria manifestação da divindade e, esse silêncio não teria nada a ver com ausência e sim, seria apenas uma pura manifestação da presença sagrada, mais clara e intensa de todas as presenças. A sociedade atual colocou em dúvida a importância de estar em silêncio e isso gerou um sintoma de uma grave doença preocupante. São em momentos de puro silêncio que os verdadeiros questionamentos surgem sobre a vida. Da mesma forma em que o sangue corre suavemente nas veias, seria apenas através do silêncio que poderia abrir a escuta das batidas do coração. Essa é a crença e o ensinamento que provêm da vida monástica na qual durante muitos séculos, homens e mulheres buscaram, o encontro consigo mesmos.²⁰²

Em comemoração ao aniversário de nascimento do papa Celestino V, Bento XVI insistiu seriamente sobre o fato de que:

Vivemos numa sociedade em que cada espaço, cada momento parece que deva ser ‘preenchido’ por iniciativas, atividades, sonhos; muitas vezes, nem sequer temos tempo para ouvir e dialogar. Não tenhamos medo de ficar em silêncio, para fora e para dentro de nós mesmos, se queremos ser capazes não apenas de perceber a voz de Deus, mas também a voz de quem está ao nosso lado, a voz dos outros.²⁰³

O papa emérito Bento XVI e o papa João Paulo II conferiram ao silêncio uma extensão positiva. Em verdade, o silêncio é algo que pode ser associado ao deserto e a solidão, e muito pelo contrário, o silêncio não estaria enclausurado em si mesmo, vazio; não é ficar mudo, assim como a palavra não está atrelada ao conversar, mas a condição necessária para estar e permanecer na presença do Sagrado, de si mesmo e do próximo. Então, como deve buscar entender a importância do silêncio exterior? “Deus é o amigo do silêncio. As árvores, as flores e a grama crescem em silêncio. Olhem as estrelas, a lua e o sol, como se movem silenciosamente”²⁰⁴, dizia poeticamente Madre Teresa de Calcutá²⁰⁵. Para buscar entender a atitude de extremo valor do silêncio na vida diária, é eloquente principalmente do episódio da visita de Jesus Cristo à suas amigas Marta e Maria que é narrado pelo evangelista Lucas:

²⁰² SARAH; DIAT, 2014, p. 34.

²⁰³ Homilia durante sua visita pastoral a Sulmona em 4 de julho de 2010. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/homilies/2010/documents/hf_benxvi_hom_20100704_sulmona.html>. Acesso em: 14 dez. 2019.

²⁰⁴ CALCUTÁ, T. *Oração*: frescura de uma primavera. Paris: Centurion, 1992. p. 57.

²⁰⁵ Foi uma religiosa católica de etnia albanesa naturalizada indiana, fundadora da congregação das Missionárias da Caridade, cujo carisma é o serviço aos mais pobres dos pobres por meio da vivência do Evangelho de Jesus Cristo. Em 2015, a congregação fundada por ela contava com mais de 50mil membros em 139 países. Por seu serviço aos pobres, tornou-se conhecida em vida pelo codinome de “Santa das Sarjetas”. Madre Teresa tece o seu trabalho reconhecido ao longo da vida por instituições dentro e de fora da Índia, recebendo o Prêmio Nobel da Paz em 1979. É considerada por alguns como a missionária do século XX. Foi beatificada em 2003, pelo Papa João Paulo II e canonizada pelo Papa Francisco na Praça de São Pedro, no Vaticano. BENEDITINO, 2019, p. 88.

“Marta, Marta, tu te afliges e te preocupas com muitas coisas”²⁰⁶. Jesus em nenhum momento repreende Marta em relação a seus afazeres da casa, pois era necessário que ela preparasse a refeição, mas por ter perdido a sua paz interior, que acabou refletindo a irritação com sua irmã. Desde Orígenes²⁰⁷, alguns comentaristas buscam enfatizar as diferenças entre as duas irmãs a ponto de ver, por um lado, uma pessoa bem ativa e ao mesmo tempo dispersa e, por outro, a de uma vida que busca contemplar e viver em silêncio, tanto a escuta quanto a oração interior²⁰⁸. Percebemos que Jesus Cristo indica as diversas formas de uma pedagogia espiritual: buscando aprender antes de tudo a proceder como Maria antes de nos tornarmos Marta. Caso contrário, acabaremos nos dispersando através da agitação de nossos afazeres, cujas consequências seriam desagradáveis é o que mostra claramente a narrativa do evangelho: o pânico, a insegurança de agir sozinho, a perda do equilíbrio interior, um aborrecimento, como o de Marta em relação a sua irmã, e a sensação de abandono sem interferir de uma forma plena. Assim, ao dirigir-se a Marta, Jesus diz: “Maria escolheu a melhor parte”²⁰⁹. Ele lembra a importância de “[manter nossa] alma em paz e silêncio”²¹⁰ para buscar estarmos atentos a escuta do coração. Com carinho, Jesus a convida a deixar as coisas um pouco de lado e buscar o silêncio do seu coração, lugar de verdadeiro acolhimento e morada silenciosa e terna de Deus, de quem ela se apartara com certo barulho por conta da atividade à qual se entregara. Toda a atuação é algo que antes de ser antecedida por uma vida que seja pautada pela intensa vida de oração, de contemplação, de busca e de escuta a sagrada vontade da própria criação.²¹¹ Toda essa história contada pelo evangelista Lucas deixa claro a importância de uma vida de oração e silêncio, mas é uma fonte totalmente religiosa e para aqueles que não seguem uma religião ou não professam fé alguma, teria validade para essas pessoas essa história?

Partindo de um conceito não religioso, a vida pede em alguns momentos um tempo para si. Um tempo que busque parar com as diversas atividades e viva um momento de paz e de plena tranquilidade. Até os psiquiatras sugerem que as pessoas busquem viver de forma simples e que reservem um espaço de tempo para si. Não seria talvez uma carência de

²⁰⁶ Cf. Lc 10, 38-42.

²⁰⁷ Orígenes de Alexandria ou Orígenes de Cesareia ou ainda Orígenes, o Cristão (185-253), foi um teólogo, filósofo neoplatônico patrístico e é um dos Padres gregos. Um dos mais distintos pupilos de Amônio de Alexandria, Orígenes foi um prolífico escritor cristão, de grande erudição, ligado à Escola Catequética de Alexandria, no período pré-niceno. Orígenes de Alexandria não deve ser confundido com o filósofo Orígenes, o Pagão (201-280), mais jovem e integrante da Escola de Alexandria, porém discípulo de Plotino. MARÍN, 2019, p. 343.

²⁰⁸ SARAH; DIAT, 2014, p. 84.

²⁰⁹ Cf. Lc 10, 42.

²¹⁰ Cf. Sl 130, 2.

²¹¹ SARAH; DIAT, 2014, p. 36.

momentos de reflexão, meditação e autoanálise? O homem e a mulher atuais não estariam entrando em uma crise de sua existência por buscarem respostas do lado de fora de si?

Em sua carta apostólica *Novo Millennio Ineunte*, o papa João Paulo II escreve:

É muito importante que tudo o que nos propusermos, com a ajuda de Deus, esteja profundamente radicado na contemplação e na oração. O nosso tempo é vivido em contínuo movimento que muitas vezes chega à agitação, caindo-se facilmente no risco de ‘fazer por fazer’. Há que resistir a essa tentação, procurando o ‘ser’ acima do ‘fazer’²¹².

O anseio é algo imutável do monge ou da monja, que certamente é o desejo mais profundo daquele que busca e deseja o Eterno. Onde seja impossível para o ser humano reencontrar verdadeiramente seu eterno amor, não sendo por meio da solidão e do silêncio, seja ele interior ou exterior. Quanto mais buscar ser revestido de glória e de honra, quanto mais ser encarregado de responsabilidades sejam elas públicas, de certo prestígio e com funções temporárias, como leigos, padres, religiosos etc. Seria preciso buscar progredir em uma vida de humildade que cultiva o zelo, em que desenvolva uma vida interior que deseje contemplar face a face com o seu “eu” e quem sabe até com o criador na forma de prece, na oração, na contemplação e na ascese é o que mostra a tradição monástica.²¹³

Não existiria nenhuma pessoa no mundo que não esteja correndo perigo em ser apanhada pelos afazeres e pelas preocupações do dia a dia se descuidando da vida, da própria vida de oração cotidiana para aquele que pratica uma busca de íntima união com a criação e com o próprio Criador, aonde a ascese faz necessária para todo aquele que busca contemplar e ver o Eterno e com ele conviver. É importante recordar o que o papa Gregório Magno escreveu em uma carta a Teoctista, irmã do imperador bizantino Flávio Maurício Tibério, colocando em confronto e certa atenção entre o seu ministério como pastor de toda a Igreja Católica na Terra e sua vida monástica, com tudo o que é de responsabilidade sociais e políticas de seu pontificado, ele coloca com certa amargura, as dificuldades em encontrar uma harmonia entre a contemplação e ação.²¹⁴

Em *Registrum Epistolarum*, ele confidencia:

Perdi as alegrias profundas do meu repouso; tenho a impressão de ter-me elevado por fora, enquanto, por dentro, estou desmoronado. Também deplorei ter sido banido para longe da face do meu Criador. Todos os dias, na verdade, esforçava-me para viver fora do mundo, fora da carne, para afastar dos olhos da alma todas as imagens corpóreas, para fitar as alegrias do alto. [...] Apressava-me em me pôr aos pés do Senhor, como Maria, para ouvir as palavras de sua boca, e eis que, como

²¹² PAULO II, J. *Carta Apostólica Orientale Lumen*. Paris: Téqui, 1995. p. 155.

²¹³ GRÜN, 2014, p. 151.

²¹⁴ SARAH; DIAT, 2014, p. 38.

Marta, sou forçado a me ocupar de tarefas exteriores, de defrontar-me com múltiplas tarefas. [...] Diz o salmo: ‘Tu o jogaste ao chão enquanto subiam’²¹⁵; ele não diz: ‘Tu os jogaste ao chão depois de terem se elevado’, mas ‘enquanto subiam’, porque os malvados desabam interiormente quando, cobertos de honras temporais, parecem estar subindo exteriormente. Portanto, sua elevação é sua própria ruína. No entanto, há muitos que sabem dominar as honras exteriores de modo que elas não provoquem alguma ruína interior. Por isso, está escrito: ‘Deus não rejeita os poderosos, porquanto também ele é poderoso’.²¹⁶

Gregório destaca o contraste que ele estava vivendo, em que buscava equalizar a vida contemplativa e a ativa, representada pelas figuras de Maria e Marta. Para resolver esse dilema entre tensão e silêncio, é importante intensificar a vida interior e por manter uma íntima relação com Deus onde é alcançada a paz monástica. Essa é a visão de um líder religioso que sentia incomodado em não conseguir conciliar a vida social e pastoral com a vida pessoal e íntima. É importante questionar até que ponto essas palavras dos antigos monges e monjas ainda possuem um real interesse para os atuais cristãos e demais crentes e para todas as demais pessoas que possuam ou não alguma denominação religiosa do século XXI e que não vivem em mosteiros e muito menos no deserto? Silêncio e solidão, renúncia e ascese, humildade e temor, luta espiritual, discernimento, oração, amor ao próximo e a Deus, tudo isso e outras coisas teriam seu lugar na vida cristã atualmente, como tinham antigamente? Os antigos monges e monjas, como São Bento, que puseram em prática todos esses elementos que seriam a essência do ideal evangélico, possuem uma particularidade e a capacidade de falar deles, ainda em nossos dias. Não que busquem ensinar, mas com certeza, merecem ao menos serem ouvidos ou escutados.²¹⁷

O abade Antão²¹⁸ disse:

Assim como peixes em terra seca, os monges perecem se, afastados de suas celas, residirem com homens do mundo, ou perderem a determinação em perseverar na oração solitária. Por tanto, assim como os peixes voltam para o mar, nós devemos voltar para a nossas celas; dessa maneira, não ficamos no exterior e não nos esquecemos de cuidar do nosso interior.²¹⁹

²¹⁵ Cf. Sl 72, 18.

²¹⁶ Cf. Jó 36, 5.

²¹⁷ REGNAULT, 2014, p. 13.

²¹⁸ Santo Antão do Deserto (251-356), também conhecido como Santo Antão do Egito, o Eremita, Santo Antão, o Anacoreta, ou ainda O Pai de todos os monges, foi um santo cristão do Egito, um líder de destaque entre os Padres do Deserto. Ele é cultuado em muitas igrejas nas seguintes datas festivas: 30 de janeiro, no antigo calendário da Igreja Ortodoxa, da Igreja Ortodoxa Búlgara, da Igreja Católica Romana e da Igreja Católica Copta. A vida de santo Antão foi relatada por santo Atanásio de Alexandria. O seu nome começou a ganhar fama por ser exímio na arte de pastorear. Isso o levou a ser venerado por numerosos visitantes, sendo visitado no deserto por inúmeros peregrinos. GRÜN, 2017, p. 67.

²¹⁹ MERTON, T. *A sabedoria do deserto: ditos dos Padres do Deserto do século IV*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 32.

Longe de buscarem lutar contra, tanto a nossa atividade exterior quanto a interior são dois aspectos importantes do amor de Deus colocada por Antão. É claro que a atividade exercida por aquele que contempla deve nascer de sua contemplação e a ela ter uma semelhança. Tudo o que vive e faz fora da vida contemplativa deve buscar refletir e iluminar tranquilidade de sua vida seja ela profissional, familiar e pessoal no que refere a oração e intimidade interior é o que nos ensinam os pais e madres do deserto. A pessoa contemplativa deverá buscar em sua atividade diária o mesmo que ela encontra em seus momentos de contemplação, que seriam: a união e o contato com o seu íntimo. Mesmo que busque aprender um pouco sobre Deus em oração, seria importante buscar comparar os atos a esse pouco, buscar usar esse parâmetro para se orientar. A tradição acredita que seja importante que busque dar frutos nas atividades diárias mesmo que sinta um certo vazio, no mesmo desprendimento e no mesmo silêncio que encontrou na contemplação. Em uma última análise, o segredo que está por trás de tudo isso seria a perfeita entrega que deve ter à vontade da criação que não teria de certo modo o controle e a perfeita obediência ao instinto que para alguns seria Deus, e em tudo aquilo que é dependência da sua própria vontade, de forma que em tudo, as atividades exteriores e a vida interior seja para o próprio bem e para o bem das demais pessoas, desejar uma só coisa: a concretização da vontade da criação e porque não, do próprio Criador.²²⁰

A atividade de quem busca fazer assim, partilhará da mesma paz que é desprendida e que encontraria por meio da oração e na brandura das coisas que faz nas pessoas e como poderá reconhecer a sua paz e assim dar a glória a tudo aquilo que ela porventura acredita. É especialmente através desse testemunho inconsciente e silencioso do amor que diz estar presente no coração que a pessoa contemplativa exerce sua missão, pois *abba* Antão ensina por meio de seu exemplo de ficar em pé, andar, de se sentar, de pegar objetos e de segurá-los. Aquele que é perfeito não possui necessidade de refletir sobre os detalhes de suas ações. Quanto mais esquecido de si, acaba vivendo de forma que não percebe que está fazendo certas coisas e, aos poucos, vai percebendo que algo muito maior do que si é quem dá início a fazer tudo o que se faz, em si e para todas as pessoas, pelo menos no hábito de seu amor, tornando-se para uma natureza secundária e que imprime em tudo o que faz a semelhança com o seu amor interior e que para esses monges e monjas deva ser o próprio Deus.²²¹

²²⁰ MERTON, 2017. p. 179.

²²¹ MERTON, 2017. p. 181.

2.3 Do silêncio, permanecer em si mesmo

Oh! Feliz e Felicíssima a alma que merece ser atraída a Deus e por Deus, de modo que, pela unidade do Espírito em Deus, ela ama a Deus apenas e não ao bem particular, e a si mesma ama apenas em Deus. [...] ‘Quero que, assim como Tu e eu somos um, eles sejam um em nós!’ Eis o fim, a consumação, a perfeição, a paz, alegria do Senhor, a alegria no Espírito Santo, eis o Silêncio no céu.²²²

Muitos dos nossos contemporâneos possuem certa dificuldade em aceitar o silêncio. Não acreditam e nem admitem haver outras formas possíveis de comunicação que não sejam através de palavras, gestos ou ações visíveis e concretas. Ora, é possível que consiga ouvir com certa nitidez a fala de nosso eu através do silêncio? O próprio silêncio é compreendido pelos místicos como uma forma de fala e para os monges e monjas o verbo de Deus é a solidão. A solidão não deve ser encarada como uma ausência, pois seria caro, para o nosso ser, essa silenciosa transcendência entre o ser humano e a criação. Merton crê que “o ‘silêncio de Deus’, no entanto, deveria ensinar quando é preciso falar e quando é preciso calar. Mas a ideia desse silêncio é para boa parte das pessoas algo insuportável porque tememos perder a confiança a respeito dos outros”.²²³ O ser humano de certa forma é ansioso em buscar uma resposta as diversas dificuldades, desastres e aos sofrimentos que assolam a humanidade. Acaba esquecendo que a possível fonte dos males acaba vindo de uma visão equivocada de que somos algo além do pó. Quem se faz um deus não consegue aceitar mais o fato de ser um simples mortal.²²⁴

O salmista diz que Deus sabe “de que somos feitos; lembra-se de que somos pó. Quanto ao homem, os seus dias são como a erva, como a flor do campo assim floresce. Passando por ela o vento, logo se vai, e o seu lugar não será mais conhecido”²²⁵. Para as pessoas que estão buscando a resposta através da religiosidade, os monges e monjas dizem que seria necessário buscar reconhecer que Deus é a única e verdadeira alegria e Nele o nosso pó pode se tornar esplendor. A imensa dor que a humanidade diz sentir poderá ser transformada através do amor, o grande segredo da felicidade seria buscar ver todos os sofrimentos à luz da vitória de Cristo sobre a morte na concepção religiosa cristã. O sofrimento seria um elemento que contribui para que alcance a felicidade. Deus buscaria incessantemente comunicar a sua amizade, sua intimidade, mas só poderá fazê-lo se as pessoas buscarem abrir os seus corações ao ser em uma atitude justa e verdadeira. Isso é o que

²²² Cf. Jo 17, 11 e Ap 8, 1.

²²³ MERTON, 1954. p. 155.

²²⁴ SARAH; DIAT, 2014, p. 108.

²²⁵ Cf. Sl 102, 14-16.

tem sido ensinado ao longo dos séculos através da tradição do monaquismo. Em que muitas gerações passadas, usaram como um norte para suas vidas em um momento da história que acreditava existir uma verdade absoluta. É importante que diante do outro, busque reconhecer a pequenez, a nossa miséria e o nosso nada.²²⁶ Será que não estaria precisando dar continuidade em relação ao que se perdeu no passado, através da tentativa das ciências naturais em buscar explicar o surgimento do ser humano e do próprio universo? Não estaria entrando em um campo como disse William Shakespeare²²⁷: “Há mais mistérios entre o Céu e a Terra do que sonha a nossa vã filosofia”. Lembrando destas palavras que de acordo com a bibliografia de Catarina de Siena²²⁸ o próprio Criador teria dito a ela: “Eu sou o que é; tu és aquela que não é”.²²⁹

Sem humildade radical, que acredita expressar nos ritos sagrados e em gestos de adoração, não existiria possibilidade de amizade com Deus. É isso que normalmente os místicos como a própria Catarina de Siena diz e percebe que esse tipo de manifestação vem através do silêncio. O verdadeiro silêncio “cristão”, que busca tornar-se silêncio de comunhão com a criação de acordo com a tradição monástica, deve antes de tudo, ser um silêncio sagrado. Pois diante da Divindade, faltaria as devidas palavras. Quem poderia ousar diante de Deus tomar a palavra? É o questionamento que os monges e monjas fazem. Quando Deus nessa mesma visão, revela sua glória a Isaías²³⁰, o profeta exclama: Santo! Santo! Santo! Ele utiliza a palavra hebraica *qadosh*, que possui o significado de sagrado e santo ao mesmo tempo. Em seguida, ele exclama: “Estou perdido!”, no qual poderia traduzir por: “Estou reduzido ao silêncio!”²³¹ Boa parte dos fiéis das diversas religiões e culturas do mundo, acreditam que diante de Deus nos encontramos perdidos e diante de sua grandeza todas as

²²⁶ SARAH; DIAT, 2014, p. 147.

²²⁷ William Shakespeare (1564-1616), foi um poeta, dramaturgo e ator inglês, tido como o maior escritor do idioma inglês e o mais influente dramaturgo do mundo. É chamado frequentemente de poeta nacional da Inglaterra e de “Bardo do Avon”. De suas obras, incluindo aquelas em colaboração, restaram até os dias de hoje 38 peças, 154 sonetos, dois longos poemas narrativos, e mais alguns versos esparsos, cujas autorias, no entanto, são ainda disputadas. CURY, D.G; SOARES, S.S. *Plano nacional de educação: novas reflexões e velhos debates no âmbito das políticas educacionais*. Rio de Janeiro: Autografia, 2017. p. 21.

²²⁸ Catarina de Siena, nascida Caterina Benincasa (1347-1380), pertencia a ordem terceira da Ordem dos Pregadores (dominicanos), foi filósofa escolástica e teóloga do século XIV. Lutou arduamente para trazer o papado de Gregório XI de volta para Roma durante o chamado “Cisma do Ocidente”, um período de quase um século no qual se estabeleceu o papado de Avinhão, e foi fundamental para a restauração da paz entre as cidades-estado italianas. MARÍN, 2019, p. 221.

²²⁹ DE SIENA, C. *O diálogo*. São Paulo: Paulus, 2016. p. 225.

²³⁰ O profeta Isaías teria vivido entre 765 e 681 a.C., durante os reinados de Uzias, Jotão, Acáz e Ezequias, sendo contemporâneo à destruição de Samaria pela Assíria e à resistência de Jerusalém ao cerco de das tropas de Senaqueribe que sitiou a cidade com um exército de 185 mil assírios em 701 a.C. Isaías exerceu o seu ministério no reino de Judá, tendo se casado com uma esposa conhecida como a profetisa que foi mãe de dois filhos: Sear-Jasube e Maer-Salal-Hás-Baz. TANQUEREY, 2018, p. 118.

²³¹ Cf. Is 6, 5.

palavras que possam ser ditas acabam não possuindo sentido algum. Elas se querem igualariam à magnitude do infinito. É certo de que o silêncio dos cristãos é de considerar algo que vai longe.²³²

Esse silêncio não deve ser encarado como um tabu que seja imposto por Deus ou por qualquer forma de manifestação, seja ela considerada do sagrado ou não. Mas sim, pelo contrário, o Deus verdadeiro dentro da tradição religiosa advinha de Isaías, indica o silêncio sagrado de adoração para buscar comunicar de forma eficiente ao ser humano. “Silêncio diante do Senhor Deus!”²³³ exclama o profeta, mas Isaías é preciso: “Fazei silêncio para me escutar”.²³⁴ Em sua carta apostólica *Oriente Lumen*, de 1995, o papa João Paulo II recordava:

Todos, crentes e não-crentes, precisam aprender um silêncio que permita ao outro falar, quando e como quiser, e a nós compreender essa palavra. [...] Nessa humilde aceitação do limite da criatura perante a transcendência infinita de um Deus que não cessa de revelar-se como o Deus-Amor, Pai do Senhor Nosso Jesus Cristo, no júbilo do Espírito Santo, vejo expressa a atitude da oração [...]. Devemos confessar que todos precisamos desse silêncio carregado de presença adorada.²³⁵

Não aceitar o silêncio de quem confia que possui temor e adoração seria recusar na visão de João Paulo II o direito que Deus possui em buscar atrair os seres humanos para sua presença e pelo seu amor. Através do silêncio seria permitido aos seres humanos com alegria e à disposição da manifestação de toda a criação em nós onde permite que saíamos da nossa atitude de arrogância que algumas vezes afirmaria que Deus fica à disposição dos caprichos daqueles que acreditam serem filhos Dele. Qual é a criatura em todo o universo que pode vangloriar de possuir o Criador do céu e da terra? Além disso, através do silêncio seria possível perceber que em alguns momentos se faz necessário deixar o mundo “profano” e todo o tipo de tumulto incessante das nossas cidades para que confie ao controle e ao domínio de um possível equilíbrio que possa vir desse silêncio. O silêncio para os monges e monjas é o local aonde pode de fato e concretamente conhecer a si e o próprio Criador, porque acredita-se que vá a Ele com uma atitude justa e honesta de quem se estremece e conserva a distância, mas que também espera confiante. O silêncio seria, portanto, verdadeiramente a única reação humana e cristã à entrada de Deus na vida das pessoas.²³⁶

²³² SARAH; DIAT, 2014, p. 148.

²³³ Cf. Sf 1, 7.

²³⁴ Cf. Is 41, 1.

²³⁵ PAULO II, 1995, p. 15.

²³⁶ SARAH; DIAT, 2014, p. 149.

O silêncio pode ensinar a ter uma atitude de culto de adoração silenciosa e sagrada. É o que a tradição monástica tem ensinado ao longo dos séculos.

O Senhor é terrível e soberanamente grande. Seu poder é maravilhoso. Glorificai o Senhor quanto puderdes, que Ele ficará sempre acima, porque é admirável a sua grandeza. Bendizeis o Senhor, exaltai-o com todas as vossas forças, pois ele está acima de todo o louvor. Enaltecendo-o, reuni todas as vossas forças; não desanimeis; jamais chegareis (ao fim). Quem poderá contar o que dele viu?²³⁷

Ao entrar em contato com o mais íntimo é possível sentir um pouco ansioso e ao mesmo tempo, temeroso com o que pode encontrar em si mesmo. É importante deixar que apenas a tranquilidade e a paz habitem em nosso coração. Em contrapartida, é importante que não permita que nenhuma forma de exibição venha dar o ar de espetáculo apareça. Porque para os místicos cristãos não se deve deixar que manifeste a nossa vaidade através de uma ação considerada “profana” e uma palavra “mundana” diante da infinita grandeza do sagrado. “O Senhor reside em uma santa morada, silêncio diante Dele, ó terra inteira!”²³⁸ Esse momento que acredita ser único, pois o mistério poderá buscar tomar a iniciativa de unir-se a si. Pois o sagrado nessa visão mística, tem gosto de tomar a iniciativa. Nosso silêncio acabaria tornando-se silêncio de alegria, intimidade e comunhão: “A sabedoria só se deixa tocar pôr meio do silêncio”.²³⁹ Através do silêncio acredita-se que aprendemos uma regra da vida espiritual: em que a familiaridade não favorece a intimidade, mas ao contrário, manter-se a certa distância seria a condição de plena comunhão. Nessa perspectiva, seria através da adoração que a humanidade marcharia para o amor. O silêncio que estaria repleto da presença Eterna e da essência de toda a humanidade na perspectiva da vida contemplativa, poderá abrir a porta para o silêncio místico, que estaria cheio de doçura e intimidade amorosa. Sob o jugo culpabilizante da razão secular, que o culto e o sagrado seriam as portas que conduziria a verdadeira e eterna vida espiritual.²⁴⁰

O monge e a monja cristãos possuem uma tarefa que mostra a compreensão cristã de Deus que incidiria na analogia entre transcendência e imanência, na forma que revela entre a natureza oculta, a distância e alteridade e a proximidade de Deus. Nessa experiência de um período em que Deus não parece estar gerando oportunidades espetaculosas para a demonstração do primeiro de dois polos. Ao mesmo tempo, porém, ela se tornaria um grande desafio de buscar descobrir uma forma diferente e nova, ainda quem sabe um pouco mais

²³⁷ Cf. Sr 43, 30-31.

²³⁸ Cf. Hab 2, 20.

²³⁹ Cf. Ecl 9, 17.

²⁴⁰ SARAH; DIAT, 2014, p. 150.

radical da proximidade de Deus (e desmascarar a proximidade falsa, ou seja, a proximidade dos deuses falsos). Tudo indicaria que uma das primeiras palavras que o Senhor nos dirige (ou melhor: se cala, pois também o silêncio é uma forma significativa de comunicação) na qual àqueles que questionam por ele incidiria na ausência de Deus, no caso dele se manter em oculto.²⁴¹

Uma tarefa que pode até soar bem em relação aqueles que confessam a fé cristã. Mas, ainda para os nossos dias, não é viável usarmos como argumento para a importância do silêncio na vida diária, exemplos religiosos e para alguns um transe causado e experimentado por essas ordens religiosas radicais. Seria mesmo uma alucinação desses homens e mulheres que dizem possuir uma experiência vivida através do silêncio? Ou seria mais uma desculpa da atual sociedade de não aceitar explicações de algo que não seja de forma racional e científica?

Por isso, não é uma surpresa de que muitos percam a paciência enquanto ficam aguardando uma próxima palavra e assim, acabariam tornando-se ateus ou agnósticos, pois atualmente acredita-se que estaríamos inseridos em uma cultura que não tem paciência para esperar. Para os cristãos é importante manter-se atento que o centro de toda a doutrina evangélica seria: “Amar a Deus com todo o coração, com toda alma e com toda a tua força e todos os teus pensamentos e ao teu próximo como a ti mesmo!”²⁴² A segunda parte chama atenção ao que refere a ênfase em amar ao próximo que durante o caminho onde podemos ouvir e assim, escutar essa próxima palavra, em busca de descobrir a outra face, a imanência de quem sabe do próprio sagrado. Na busca em descobrir se Deus estaria próximo ou mesmo questionar por essa presença pressupõe, porém, que parte do princípio de que estejamos abertos e dispostos a sentir e ao mesmo tempo refletir com toda a seriedade que se faz necessário e na profundidade a sua ausência, o seu manter-se distante em nossa própria pele. Se não houver esse tipo de experiência provavelmente passaríamos alguns anos difíceis e que poderíamos facilmente nos confundir em relação ao Deus da fé cristã com um daqueles ídolos considerados banais e que enchem as vitrines e lotam as bancas que vendem objetos religiosos.²⁴³

Se Deus realmente existe, provavelmente Ele deva estar em algum lugar distante ou profundo. Diferente do que acreditavam as outras gerações dos séculos XVI ao XIX e também em nossos dias, se ele é a primeira causa de tudo, então nossa geração se torna obrigada a averiguar que é muito mais difícil constatá-lo e demonstrá-lo do que normalmente acreditava

²⁴¹ HALÍK, T. *Quero que sejas*: podemos acreditar no Deus do amor? Petrópolis: Vozes, 2018. p. 51.

²⁴² Cf. Mt 22, 37.

²⁴³ HALÍK, 2018, p. 52.

aquele que não sabia o bastante sobre esta floresta fechada daquelas causas secundárias que, de forma conjunta com a natureza, impulsiona o ser humano e a própria história. Talvez seja necessário que busque descobrir se realmente Deus existe e como poderia ir ao seu encontro, se possível, a esses lugares mais profundos de nosso ser, já que para alguns Ele não se deixa encontrar. Será que poderia buscá-lo, por exemplo, no escritório de um diretor de uma grande multinacional na qual chamamos de mundo? Todas as descobertas que foram representadas pelas diversas conquistas do século passado abalaram, consideravelmente, todos os sistemas rigorosos das concepções religiosas (como também quase todos os outros sistemas rígidos). Porém, tal situação teria se tornado uma bênção também para a fé, um tempo em que se tornou apropriado e ao mesmo tempo favorável (*kairós*). Sendo assim, a fé volta a tornar-se um ato livre, uma opção que não pode ser forçada, mas uma atitude de escolha individual e ao mesmo tempo corajosa.²⁴⁴

Na maioria das vezes, as palavras podem trazer uma certa ilusão de transparência, que podem levar a compreender tudo, dominar tudo ou até dispor de tudo. A modernidade ou pós modernidade como alguns dizem, é muito falante, pois chega a ser até mesmo um pouco arrogante. Será que essa necessidade de falar, de tagarelar nos tornariam arrogantes? Nunca se houve tanto interesse pela figura de Deus, da teologia, da oração e até no que se refere a mística, como agora. Mas a nossa forma de falar e traduzir o sentido de tudo isso, se reduz a um nível muito pobre no que refere ao assunto em torno de Deus. As palavras acabam violando todas as coisas que as extrapolam. Ora, o chamado mistério de Deus onde a religião cristã diz ser insondável, possui certo significado, o que estaria além da razão humana, numa total metafísica.²⁴⁵ Na mística, o pseudo-Dionísio Areopagita²⁴⁶ escreve que, quando acabamos nos confrontando com a realidade que distante, além de tudo, e que está perante do próprio “mistério” do sagrado, somos transportados às “trevas mais luminosas do silêncio [...] que enche de esplendores ainda mais belos que a beleza das inteligências que sabem fechar os seus olhos”.²⁴⁷

²⁴⁴ HALÍK, 2018, p. 53.

²⁴⁵ SARAH; DIAT, 2014, p. 153.

²⁴⁶ Pseudo-Dionísio, o Areopagita ou simplesmente Pseudo-Dionísio, ou São Dionísio, é o nome pelo qual é conhecido o autor de um conjunto de textos (Corpus Areopagiticum) que exerceram, segundo os historiadores da filosofia e da arte, uma forte influência em toda a mística cristã ocidental na Idade Média. Esses textos foram muito lidos e admirados pelo abade Suger de Saint-Denis, construtor do primeiro grande exemplar de arquitetura gótica: a basílica de Saint-Denis. Até o século XVI, os textos tinham valor quase apostólico, já que Dionísio fora o primeiro discípulo de Paulo de Tarso. Nessa época surgiram as primeiras controvérsias a respeito da sua autenticidade. Argumentava-se que os textos continham marcada influência de Proclo, da escola neoplatônica de Atenas, e, portanto, não poderiam ser anteriores ao século V. Mas somente a partir do século XIX essa tese foi aceita e o autor desconhecido passou a ser chamado Pseudo-Dionísio. MARÍN, 2019, p. 131.

²⁴⁷ REOPOPAGITE, D. *Teologia Mística*. Paris: Beauchesne, 1938. p. 3.

Existe uma certa advertência dirigida para a atual civilização. Se a inteligência que possui não consegue sequer fechar os seus próprios olhos, se não conseguir ficar calado ou manter a boca fechada, então seria bem provável, que ficaria privado do mistério, daquela luz que acredita estar além das trevas, de poder contemplar a beleza que encontraria além de toda a beleza. Sem este mistério, permaneceria reduzido à vulgaridade das coisas terrenas e essa seria também a visão que São Bento tem em relação ao mistério sagrado.²⁴⁸

A primeira Epístola de João começa com estas palavras:

O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os olhos, o que contemplamos e nossas mãos apalparam no tocante ao Verbo da vida, o que vimos e ouvimos, isto também vos anunciamos. Porque a vida se manifestou e nós vimos e testemunhamos, anunciando-vos a vida eterna que estava com o Pai e nos foi manifestada.²⁴⁹

Para João foi, portanto, através dos sentidos que todos os discípulos notaram, e entenderam Jesus. Mas ver, ouvir, cheirar e apalpar Jesus, foi sem dúvida um momento ímpar na vida dos discípulos. Valeria: “Felizes os que não viram e creram”.²⁵⁰ Também o próprio João acaba dando razão para Tomé em relação ao desejo de querer tocar em Jesus. Para os cristãos deste tempo seria verdadeiro esse desejo de tocar, de escutar e de ver o próprio Jesus e ao mesmo tempo com ele a Deus. Essa é uma realidade sem dúvida religiosa e que os crentes desejam ver acontecer. No universo intelectualizado, o empirismo foi redescoberto como alça de acesso para a realidade das coisas e desde Orígenes, existe a doutrina dos “sentidos espirituais”.²⁵¹

De acordo com alguns estudiosos do nosso tempo, os sentidos se tornaram a forma, o lugar mais importante da experiência de tudo aquilo que não conseguimos explicar de forma racional e que alguns se arriscam em chamar de as manifestações de Deus nas vidas. Seria isso realmente possível? Não seria uma alucinação coletiva daqueles chamados fanáticos? Porque de acordo com a tradição monástica e a forma que São Bento ensina aos seus monges, só haveria possibilidade de sentir e experimentar a Deus no mundo, se deixar experimentá-lo através dos sentidos. Por isso, seria necessário de acordo com Bento, estar atento aos sentidos para que possa sentir e compreender a presença de Deus dentro de si. Já uma parte das pessoas que dizem não sentirem a presença ou a manifestação do sagrado em suas vidas, quase sempre seriam pessoas que dizem não possuírem nenhum contato com seus sentidos e

²⁴⁸ GRÜN, 2014, p. 106.

²⁴⁹ Cf. 1Jo 1, 1s.

²⁵⁰ Cf. Jo 20, 29.

²⁵¹ GRÜN, 2014, p. 107.

ao mesmo tempo, com o seu próprio eu. E que manteriam certa distância de sua realidade e de encontro consigo mesmo. A palavra “perceber” nada mais é do que permitir que coloque em nossas mãos a própria verdade, na qual não se deve apenas buscar pensar sobre ela, mas buscar apreender corporalmente sobre ela. A nossa razão é totalmente dependente dos sentidos para poder perceber a realidade.²⁵²

Um contemplativo que vive sua vida sem possuir um guia pode tornar uma das pessoas mais perigosas de todo o mundo. Pois busca e confia apenas em suas próprias visões e buscando obedecer aos diversos atrativos de sua voz interior e não buscando ouvir as outras pessoas. São Bento em sua regra diz que:

O terceiro gênero de monges, e detestável, é o dos sarabaítas, que, não tendo sido provados, como ouro na fornalha, por nenhuma regra, mestra pela experiência, mas amolecidos como numa natureza de chumbo, conservam-se por suas obras fiéis ao século, e são conhecidos por mentir a Deus pela tonsura. São aqueles que se encerram dois ou três ou mesmo sozinhos, sem pastor, não nos apriscos do Senhor, mas nos seus próprios; a satisfação dos desejos é para ele lei, visto que tudo quanto julgam dever fazer ou preferem, chamam de santo, e o que não desejam reputam ilícito.²⁵³

Identifica a chamada vontade de Deus como algo que lhe faz sentido ao seu coração como uma grande, carinhosa e quente chama interior. Quanto mais carinhosa e quente for a sensação, mais estará certo de sua própria infalibilidade e a força que possui de sua autoestima no que refere a comunicar com os outros, lhe dará a impressão de sentir como se fosse um verdadeiro “santo”, e que ele levará a ruína tudo aquilo em que acredita e que foi deixado como cicatriz em sua carne através dos visionários.²⁵⁴ Essa visão de São Bento deve de ser analisada de acordo com a cultura de seu tempo.

Quando se é direcionado por Deus a atravessar à escuridão em busca da verdadeira contemplação, conseguirá encontrar repouso em uma falsa ingenuidade de seu próprio anseio. Essa sensação de falsa satisfação do interior daria margem a uma autocomplacência e uma confiança incondicional em sua percepção que nunca poderá enganá-lo por inteiro, pois, provavelmente o levaria a uma náusea e a uma leve sensação de enjoo interior que o permitirá abrir a ferida e assim deixar que todo o veneno saia dela.²⁵⁵

²⁵² GRÜN, 2014, p. 108.

²⁵³ ENOUT, 2001, p. 39.

²⁵⁴ MERTON, 2017. p. 181.

²⁵⁵ MERTON, 2017. p. 182.

2.4 Experiência de Deus no silêncio

O monge e a monja são cristãos que acreditam estarem respondendo ao chamado de Deus, deixando a sua vida de lado e seus interesses particulares. Se jogam em uma total entrega à Boa Nova²⁵⁶ do reino onde confiam que Deus tenha preparado para todos aqueles que buscam seguir de forma “fiel” através da “conversão” (*metanoia*) num total espírito de desapego e renúncia e de intensa oração. Analisando de maneira positiva, é necessário que busquem entender a vida monástica como uma vida plena de oração. No que refere aos elementos “negativos”: silêncio, solicitude, jejum, obediência, penitência, renúncia à propriedade e à ambição, tudo isso não é algo apenas que o monge ou a monja deva observar e sim, a forma que todo o cristão chamado “autêntico” deveria praticar, pois ele tem em vista desobstruir o verdadeiro caminho²⁵⁷, na qual a oração – meditação e contemplação – busca ocupar todo o espaço que liberou pelo desapego e pelo abandono de outros interesses. Mais uma vez, vê um exemplo muito religioso e que não será capaz de levar as pessoas não crentes a experimentar essa “paz” através do silêncio. É importante e até mesmo de extrema necessidade, deixar claro que o silêncio em uma perspectiva saudável, seja necessário para que o homem e a mulher do século XXI, busquem encontrar o seu equilíbrio e assim consigam, restabelecer um contato consigo e com as demais pessoas.²⁵⁸

Quando o assunto é a oração, há o entendimento dentro do contexto religioso, esse tema seria de particular interesse dos monges e monjas. Nesse início do novo milênio as pessoas têm interessado por esse assunto, como também, na busca de estudo prático, não acadêmico, sobre a oração e de como buscar experimentar se possível, uma intimidade com toda a criação através do silêncio, tanto em mosteiros e demais fontes de espiritualidade monástica, devendo ser de interesse de cada cristão que busca contemplar a face do seu deus e ao mesmo tempo buscar praticar uma vida de oração e de conversão.²⁵⁹

O monge e a monja dentro da tradição monástica acreditam serem realmente homens e mulheres de oração e que acabam enfrentando com toda a seriedade os desafios que são apresentados em sua “vocação” em um total encontro com seu eu e com o próprio Deus, acabam se encontrando de certa forma expostos ao temor existencial. Na qual experimentam um vazio, uma certa falta de autenticidade, em busca de uma fidelidade, pois sentem-se um pouco “perdidos” algo de particular que o homem e a mulher modernos carregariam em si,

²⁵⁶ Cf. Mc 1,15; Mt 3,2.

²⁵⁷ Cf. Mc 1,3; Mt 3,3.

²⁵⁸ MERTON, 2017. p. 183.

²⁵⁹ MERTON, T. *A oração contemplativa*. 2 ed. Campinas: Ecclesiae, 2018. p. 29.

mas acabam tendo uma experiência diferente e muito mais profunda que acabam vivendo no “mundo”, e que teria a percepção de si mesmos e do mundo em que viria antes uma sensação de aborrecimento e ao mesmo tempo de pura desorientação espiritual. É neste momento que a humanidade acabaria se confrontando com sua limitada “humanidade” e a do seu mundo, em seu “eu” mais profundo, aonde o vazio daria a impressão de abrir-se para um grande e escuro desespero. O monge e a monja confrontam “o absurdo” e o transcendente usando de apoio a sua total liberdade.²⁶⁰ Uma forma de interpretação dentro da visão monástica de encontro pessoal consigo mesmo.

Essa opção em viver o desespero absoluto é modificada em uma esperança considerada perfeita e pela simplicidade pura e humilde súplica proveniente da oração de acordo com a tradição monástica. O monge e a monja são aqueles (as) soldados que enfrentariam o pior dos pesadelos e ao mesmo tempo possuem esperança de que exista algo melhor para eles e para elas. Da morte nasceria a vida e das trevas a luz. Daquele imenso abismo surgiria, de uma forma inexplicável, o dom misterioso proveniente do Espírito que seria enviado por Deus, de forma que todas as coisas se tornem novas, onde busca transformar esse mundo criado a ser redimido e a restaurar tudo em Jesus Cristo. Esta seria sem dúvida na visão monástica a grande obra da criação, que para o monge e para a monja possui uma função curativa, realizada através do silêncio, em total nudez do espírito, no vazio e na humildade. Para esses homens e mulheres seria ao mesmo tempo uma total participação na morte salvífica e na própria ressurreição de Cristo. Todo cristão, portanto, poderia se realmente desejar, abrir-se a esta total dimensão que seria proporcionada ao que crê através do silêncio, da oração e da meditação reflexiva, na qual estariam assim, em plena comunhão com todos os crentes cristãos em harmonia com toda a Igreja Católica Romana e que seria a própria Igreja do Deserto.²⁶¹

Em um sentido negativo, o silêncio se torna uma total ausência de barulho. Ele pode manifestar interiormente ou exteriormente. Esse silêncio exterior é algo que diz respeito ao dever de manter-se em total silêncio seja através das palavras, ações ou não havendo nenhum ruído tanto de portas, veículos, aviões e essas manifestações de celulares. O silêncio virtuoso, ou como os místicos acreditavam, deva ser totalmente diferente do silêncio de não aceitação, em recusar dizer alguma palavra ou o próprio silêncio de omitir numa atitude de plena covardia, de egoísmo e de dureza de coração. Esse silêncio exterior é comparado com uma ascese que busca controlar o uso das palavras. Vale lembrar que o significado de ascese, está

²⁶⁰ MERTON, 2018. p. 38.

²⁶¹ MERTON, 2018. p. 39.

muito longe de ser colocada em evidência por nossa sociedade de consumo, na qual é preciso admitir que ela acaba assustando de um modo geral as pessoas ou que na maioria das vezes, aos próprios cristãos que agem de certa forma influenciados pelo chamado “espírito desse mundo”.²⁶²

Na realidade, o autêntico silêncio prezaria a qualidade que pertenceria aqueles que desejam ceder o seu devido lugar aos outros, em particular, pois acreditam que ocupam o último lugar e não haverá nenhuma disputa por ele. No entanto, quando falamos do ruído exterior seria comparado de forma metafórica com aquele indivíduo que deseja ocupar os primeiros lugares, em possuir uma posição de destaque na sociedade, e que busca se pavonear e exibir ou simplesmente em tampar aquele vazio que manifesta em seu interior, como vemos acontecer em diversos lugares, inclusive em lugares públicos e até mesmo nos ditos religiosos, aonde reina o ruído e o orgulho que são em boa parte, ensurdecedores. Os chamados “Padres da Igreja”²⁶³ reservam um lugar especial ao silêncio em sua vida ascética. Busquemos pensar em Ambrósio, Agostinho, Gregório Magno, sem esquecer o que a Regra de São Bento fala sobre a *taciturnidade* ou das formas diversas de exigências no que se refere ao silêncio durante a noite, doutrina típica do monge João Cassiano. A partir desses chamados mestres, todos os demais fundadores de ordens medievais, seguidos também pelos místicos da reforma católica, se mantêm fiéis na importância do silêncio mesmo além da sua dimensão ascética e mística.²⁶⁴

Portanto, uma das condições essenciais da oração contemplativa é a busca de manter em silêncio. Não busca revestir de nenhuma forma menor a dificuldade de questionar como ou de que forma a contrição prorrompe do chamado santuário que encontraria no mais íntimo de nossa alma. Com efeito, o fruto salutar da salubérrima compunção surgiria através de um prazer indizível e de uma imensa alegria de espírito que acaba tornando algo imensamente insuportável e que acabaria explodindo em grandes gritos de desabafo que poderá chegar até à cela vizinha dos irmãos a notícia de nossa plena felicidade e pura exultação. Em alguns momentos, porém, a nossa alma poderá esconder no interior de um silêncio profundo, onde a serenidade, que o pasmo da súbita iluminação lhe questiona completamente o som de uma

²⁶² SARAH; DIAT, 2014, p. 171.

²⁶³ Padres da Igreja, Santos Padres ou Pais da Igreja foram influentes teólogos, professores e mestres cristãos, na grande maioria católicos romanos e importantes bispos. Seus trabalhos acadêmicos foram utilizados como precedentes doutrinários nos séculos subsequentes. Os padres da Igreja foram classificados entre os séculos II e VII. O estudo dos escritos dos Padres da Igreja é denominado Patrística. As Igrejas Romana, Ortodoxa, Luterana, Presbiteriana, Anglicana e os batistas acreditam que os padres da Igreja proporcionaram a interpretação correta da Sagrada Escritura, registraram a Sagrada Tradição e distinguiram as autênticas doutrinas das que acreditavam serem heresias. GRÜN, 2017, p. 99.

²⁶⁴ SARAH; DIAT, 2014, p. 173.

voz, atônita, ou que acabará retendo todos os sentimentos ou perdendo-os, e expandindo-se para toda a criação os seus maiores desejos com lamentações inenarráveis. E finalmente, em outros momentos, a alma acabará sendo sufocada por tão grande compunção que acabará invadindo o coração com tamanha dor, que só através das lágrimas encontrará alívio.²⁶⁵ Uma poética e até bela forma de interpretação que a tradição monástica apresenta para buscar compreender a oração contemplativa.

Um tema que sempre acaba voltando, referente a doutrina monástica da oração é a da prática da oração sem algum tipo de imagens ou pensamentos, na busca de orar de forma pura e simples diante da grandeza de todo o universo. No início o silêncio seria um aliado na busca de rezar e de elevar o espírito até as últimas moradas, para que através da prática da leitura divina possa escutar a palavra que provém do interior e que a tradição acredita ser a da própria divindade. Mas, chegando o momento em que tenha progredido bastante na vida de oração e na vida espiritual, o monge e a monja acabariam descobrindo a oração sem palavras, ou mesmo a própria oração sem imagens. Este tipo de oração acredita ser um dom divino concedido gratuitamente pela própria experiência de Deus. Aonde ela não poderá ser aprendida de forma alguma por meio de técnicas. Este objetivo só pode ser alcançado depois de haver subido vários degraus anteriores através da prática da: *lectio, oratio e meditatio*. Importante lembrar que o silêncio é considerado dentro da tradição como uma pura reação que manifesta na experiência profunda de Deus, e não, ao invés, um meio para buscar provocar essa experiência de Deus, que também se pode conseguir através das Sagradas Escrituras.²⁶⁶

Acredita ser uma grande verdade que a prática do silêncio pode ajudar com que as pessoas abram as mais variadas manifestações de Deus em suas vidas, alcançando assim, talvez, um sentido pleno da sua presença. Não podemos esquecer que o silêncio profundo é algo que se manifesta em uma reação que provém de acordo com a perspectiva monástica de Deus. Assim lê-se: “O senhor está no seu templo santo: silêncio em sua presença, terra inteira!”²⁶⁷ Ou em: “Silêncio diante do Senhor Deus, pois o dia do Senhor está próximo.”²⁶⁸ Ou ainda: “Quando (o Cordeiro) abriu o sétimo selo, houve silêncio no céu por espaço de meia hora.”²⁶⁹ Em todos estes textos, podemos perceber que o silêncio puro ou o silêncio profundo é algo provocado por Deus. O que se pode fazer então? Pode-se criar um espaço em

²⁶⁵ CASSIANO, J. *Da Oração*. Tradução de Adriano Correia Barbosa. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 52.

²⁶⁶ GRÜN, 2010, p. 76.

²⁶⁷ Cf. Hab 2,20.

²⁶⁸ Cf. Sf 1,7.

²⁶⁹ Cf. Ap 8,1.

que permita buscar a calma e o recolhimento, para que o silêncio chamado “puro e verdadeiro”, surja e faça com que a reação seja, em buscar uma total harmonia com todo o nosso ser e em equilíbrio com toda a natureza e para aqueles que acreditam, a contemplação da face de Deus.²⁷⁰

Normalmente, os monges e monjas não buscam ensinar nenhuma técnica, como regularmente ensina a meditação zen, para que busque exercitar na busca do silêncio puro. Exercitar é algo que podemos fazer através da leitura, da oração e da meditação. Tudo seria considerado obra de Deus. O tema silêncio como oração foi desenvolvido, sobretudo, por Evágrio Pôntico e, em seu Tratado de *Oratione* ele escreve:

Força-te, durante a oração, a deixares surdo e mudo o teu espírito. Então poderás orar. Quando orares. Não imagines Deus presente em ti sob uma imagem visível. Também não deixes tua mente seguir os passos de nenhum pensamento, mas sê sem corpo diante daquele que é sem corpo, e haverás de reconhecê-lo. Quando o antigo inimigo, com seus ardis, tiver em vão tentado perturbar tua memória durante a oração, ele atacará tua disposição corporal para despertar em tua alma uma desconhecida imagem da fantasia e com isto transmitir um conteúdo de pensamento qualquer. Pois a razão está acostumada a demorar-se nos pensamentos, e com muita facilidade ela se expõe às impressões. Mas quando se deixa desviar de seu anseio pela visão corporal de Deus livre de qualquer imagem, então ela está indo atrás da fumaça, e não do fogo.²⁷¹

Na visão de Evágrio, quando permitimos que o silêncio tome conta do espírito que reza com pureza, e não haverá divagação, mas sim uma pura sinceridade, então haverá um instante de trégua onde os inimigos deixaram de atacar por um lado e passaram a atacar nos por outro lado: na qual fazem com que a pessoa acabe acreditando que está contemplando a chamada glória de Deus e a figura de algumas coisas que acabariam, agradando à nossa consciência, de modo que nos levaria a acreditar que já teríamos alcançado o nosso objetivo através da oração.²⁷²

Um antigo sábio, dizia que isso acaba provindo de nosso orgulho, da nossa paixão e do antigo inimigo, que acaba tocando em um lugar em nosso cérebro e o confunde através de uma veia. Até aquele que acredita estar imune as paixões mais inferiores, corre um grande perigo em considerar suas próprias imagens e ideias como sendo algo da pura e autêntica manifestação de Deus, e que confunde com as experiências ditas Dele. Seria importante fixá-las e ao falar delas aos irmãos, ter a percepção que pode estar sendo enganado pelo terrível inimigo do orgulho.²⁷³

²⁷⁰ GRÜN, 2010, p. 77.

²⁷¹ CASSIANO, 2008, p. 79.

²⁷² GRÜN, 2010, p. 78.

²⁷³ GRÜN, 2010, p. 80.

A posição cética de Evágrio no que refere a todas as experiências de Deus que podem ser descritas, devem ter um sinal de alerta e que não busquemos falar da experiência de Deus sem ter muito cuidado. A oração é considerada a carência de experiência, é aguentar o próprio vazio, na qual busca silenciar os sentimentos e as ideias, um mero vislumbrar da plenitude em meio ao imenso e várias vezes, o próprio vazio. Evágrio entende a oração silenciosa da forma que ela não seja arrogante em renunciar a todos os pensamentos e a todas as imagens e assim não sentir mais necessidade delas, por acreditar que já está em pleno contato com o mistério. O silêncio é algo que acaba tomando posse da pessoa, e às vezes poderá acabar consumindo-a, esvaziando-a, provocando dor, e às vezes torna um silêncio tão denso que seria provocado pela intimidade com a criação em um silêncio decorrido pela presença de Criador. Esse assunto acaba tornando difícil para falar a respeito, não podendo falar pelos cotovelos diante das pessoas sobre a sua possível experiência de Deus que acaba carregando consigo uma ideia desse silêncio pleno que apresenta através de uma bela flor, delicada e que de nenhuma forma poderá ser exposta aos rigores do vento impetuoso.²⁷⁴

O fato de São Bento não mencionar sobre a oração silenciosa em sua regra demonstra que também para os monges e monjas que eles se tornam uma exceção. Principalmente aquele que diuturnamente empenha-se pela recitação honesta da oração coral, onde o monge e a monja deverão praticar o *Ora et Labora* através da meditação, leitura, trabalho e oração pessoal. E que estes de tempos em tempos, experimentarão momentos plenos e cheios de silêncio, como um verdadeiro presente de Deus.²⁷⁵

Nesse capítulo mostrou como a tradição dos Padres e Madres do Deserto foi aplicada no ocidente através das ordens religiosas e nesse caso, em particular, pela ordem de São Bento que buscou vivenciar o silêncio por meio da vida comunitária, dividida em momentos de oração, trabalho e estudo. O próximo capítulo irá mostrar como essa mesma tradição advinda do século IV, está sendo empregada atualmente para pessoas leigas e todas aquelas que dizem não possuem uma religião, na busca do autoconhecimento, do equilíbrio e do encontro com o mistério onde as pessoas acreditam estarem dentro si. Seria a chamada trilha da meditação, cuja finalidade seria fazer com que cada pessoa chegue ao seu próprio centro.

²⁷⁴ GRÜN, 2010, p. 82

²⁷⁵ GRÜN, 2010, p. 83.

3 A RELEVÂNCIA DO SILÊNCIO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

No capítulo anterior, tratou-se do emprego da prática do silêncio através da vida monástica beneditina. Nesse terceiro e último capítulo, será abordado a relevância da prática do silêncio no mundo contemporâneo, como uma alternativa para buscar experimentar a presença de Deus e ao mesmo tempo, fazendo com que as pessoas busquem o autoconhecimento. Acredita-se que atual sociedade venha sofrendo com angústias e dúvidas em relação a busca por Deus, sendo que o século XX foi chamado por alguns estudiosos de o século sem Deus. Século em que a humanidade voltou o seu olhar para as novas tecnologias. A prática da meditação vem tendo uma importância significativa desde a década de 70, sobretudo no contexto cristão, com a difusão feita pelo monge inglês Dom John Main²⁷⁶ que buscou mostrar de forma simples e prática de como empregá-la atualmente.²⁷⁷

A oração silenciosa ou meditação é considerada por seus praticantes como um caminho simples que busca manter-se fiel a repetição de um mantra ou uma palavra oração. Esse modelo de oração aparece juntamente aos ensinamentos dos Pais e Mães do Deserto, como já foi mostrado nos capítulos anteriores, mas é também praticado por outras religiões na atualidade, como verá a seguir.

3.1 O valor do silêncio no mundo contemporâneo

Os indianos, como qualquer outro povo, são igualmente ruidosos. Para quem não está acostumado com a cultura deles, ao ouvir um grupo de homens indianos conversando pode parecer como se fosse algum barulho feito por armas como se estivessem competindo entre eles. Normalmente, os templos hindus estão bem distantes de haver silêncio, pois, possuem sinos, cânticos e muitas conversas. Mesmo aparentemente havendo um barulho razoável, existe um respeito profundo pelo valor espiritual do silêncio tanto entre hindus quanto aos muçumanos, jainistas²⁷⁸ e budistas. Claro que houve mudanças não sendo tão importantes

²⁷⁶ John Douglas Main (1926-1982) foi um padre católico romano e monge beneditino que apresentou uma forma de meditação cristã que usa uma oração ou mantra. Em 1975, Main iniciou grupos de meditação cristã que se reuniram em Ealing Abbey, seu mosteiro no oeste de Londres, Inglaterra e, mais tarde, em Montreal, Quebec, Canadá. Estas foram as origens da rede ecumênica de grupos de meditação cristã que se tornaram a Comunidade Mundial para a Meditação Cristã (WCCM). MAIN, J. *O caminho do não conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 15.

²⁷⁷ FREEMAN, L. *Primeira vista: a experiência da fé*. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 247.

²⁷⁸ É uma das religiões mais antigas da Índia, juntamente com o hinduísmo e o budismo, compartilhando com este último à ausência da necessidade de Deus como criador ou figura central. TURNER, 2016, p. 57.

quanto no tempo de Gandhi²⁷⁹, mas ainda existe uma parcela significativa que costuma durante o dia reservar um tempo para estar em silêncio. Nesse período dedicado ao silêncio, as pessoas avisam que estão em *maun vrat*, que quer dizer que fizeram voto de ficar plenamente em silêncio durante um dia, uma semana, ou até um ano se possível. Existem histórias de algumas pessoas que acabaram ficando em pleno silêncio por vários anos. Entre os indianos a prática do silêncio é considerada como um caminho que conduz para a sabedoria e sendo assim, é amplamente reverenciado.²⁸⁰

Afinal, eles acreditam que através do silêncio seja possível refletir sobre o nosso próprio eu e ao mesmo tempo, sobre as verdades com que deparamos em nossas vidas. Eles acreditam também que tudo no mundo nasce a partir do silêncio, como toda a sabedoria existente, os nossos próprios pensamentos e toda a perspectiva. Acredita-se que não havendo silêncio, não existe a possibilidade de ver as coisas como elas realmente são. Essa tradição de respeito pelo silêncio é algo que tem ultrapassado os séculos e que está enraizado em tradições antiguíssimas. O respeito e o valor pelo silêncio é algo que se encontra nos genes dos indianos, apesar de haver muito barulho dentro de seus templos. Isso tem sido o modo de criação e parte importante da sua cultura, mesmo havendo-se desgastado algumas coisas desde o tempo de Gandhi. Não se pode negar que existe um grande e oculto respeito pelo silêncio.

A Índia não é um país que encontramos milhões de gurus e até mesmo falsos gurus, mas sim, possui um talento grandioso que oferece as mais diversas e estranhas formas religiosas. A cultura indiana oferece uma infinita variedade de técnicas que prometem alcançar a iluminação espiritual, na qual todas envolvem a prática do silêncio. É porque não apenas a alma da *yoga*, e além do *curry*²⁸¹, que é conhecido como o carro chefe das exportações da Índia. É claro, que existem, os aspectos físicos que são desenvolvidos pela *yoga*, mas, todos os praticantes e conhecedores, sabem que estão submissos ao silêncio e às práticas da própria meditação.²⁸²

O desenvolvimento espiritual indiano que se obtém por meio da prática da *yoga*, não permite que mantenha nada escondido embaixo do tapete. Podemos dizer que é feita uma verdadeira limpeza do tapete, independente de quem esteja sacudindo esse tapete, com certeza

²⁷⁹ Mohandas Karamchand Gandhi, mais conhecido como Mahatma Gandhi foi o idealizador e fundador do moderno Estado indiano e o maior defensor do Satyagraha como um meio de revolução. TURNER, 2016, p. 87.

²⁸⁰ TURNER, 2016, p. 18-19.

²⁸¹ É uma mistura de ervas secas torradas e moídas que é utilizado para temperar, carnes, peixe, aves, molhos, sopas de peixes, moluscos, assados e cozidos em geral. Atualmente é um símbolo das culinárias indiana, tailandesa e de países indo-portugueses. TURNER, 2016, p. 19.

²⁸² TURNER, 2016, p. 19.

verá a quantidade de pó que vai levantar. A técnica também desenvolvida pela prática da meditação budista, não possui nada de superficial ou muito menos algo vazio, sendo conhecida como *vipassana*, e conhecida como meditação introspectiva, técnica essa que o próprio Dalai Lama²⁸³ pratica diariamente. E o que falar sobre os milhões de muçulmanos que vivem na Índia? E o que será que o islã tem a dizer sobre o silêncio? Dentro da tradição que vem dos *sufis*, os tais místicos muçulmanos que buscavam uma total união com Deus através da prática da meditação silenciosa nos ensinam que o reino aonde *Alá* habita é algo muito simples, e que a chave que nos conecta a Ele é o silêncio. As pessoas ao visitarem algum lugar belo como uma ilha, ao andarem à beira-mar ou até mesmo passeando pelo campo, imediatamente entrarão em conexão com Ele. Essa seria a verdadeira natureza do silêncio. E como poderíamos internalizar esse sentimento de acordo com os *sufis*? Deverá ser internalizado através do silêncio.²⁸⁴

De acordo com o pensamento islâmico, existem dois tipos de silêncio. O primeiro é através da meditação, onde se encontra no coração e é utilizado para explorar os nossos *insights* e instintos que normalmente mantemos em segredo e que estão escondidos dentro de cada ser humano. Claro que só os muçulmanos que vivem e seguem a filosofia dos *sufis* é que acreditam nessa forma e, o segundo está ligado à contemplação que se desenvolve pela mente. Normalmente tem sido o tipo de silêncio preferido pelos estudiosos muçulmanos, os *ulemâs*²⁸⁵, que também possuem preferência por esse. A prática do silêncio existe normalmente em todas as práticas islâmicas básicas. Percebemos que nas cinco preces diárias praticadas pelos muçulmanos, existem pessoas que oram e recitam as suas preces em alto e bom som, mas também existem aqueles que oram, no silêncio de seus corações. Para esses que praticam o silêncio é nesse período que pode estabelecer contato com *Alá*, o Deus todo poderoso. Já de acordo com a história contada sobre o profeta Maomé²⁸⁶, era no mês do *Ramadã*²⁸⁷, que o profeta ficava em total silêncio e recluso, em torno de dez dias ou até

²⁸³ É o chefe de estado e líder espiritual do Tibete. É o título de uma linhagem de líderes religiosos da escola Gelug do budismo tibetano. Em se tratando de um monge e lama, é reconhecido por todas as escolas do budismo tibetano. Os dalai-lamas foram líderes políticos do Tibete entre os séculos XVII até 1959, residindo em Lhasa. O atual dalai-lama, Tenzin Gyatso, é o líder oficial do governo tibetano no exílio ou Administração Central Tibetana. TURNER, 2016, p. 22.

²⁸⁴ TURNER, 2016, p. 23.

²⁸⁵ Teólogo ou sábio versado em leis e religião, entre os muçulmanos. TURNER, 2016, p. 25.

²⁸⁶ Maomé (571-632), foi um líder religioso, político e militar árabe. Segundo a religião islâmica, Maomé é o mais recente e último profeta de Deus de Abraão. Para os muçulmanos, Maomé foi precedido em seu papel de profeta por Jesus, Moisés, Davi, Jacó, Isaac, Ismael e Abraão. Como figura política, ele unificou várias tribos árabes, o que permitiu as conquistas árabes daquilo que viria a ser um califado que se estendeu da Pérsia até à Península Ibérica. TURNER, 2016, p. 27.

²⁸⁷ É o nono mês do calendário islâmico, no qual a maioria dos muçulmanos pratica o seu jejum ritual. TURNER, 2016, p. 24.

mesmo durante o mês inteiro. Essa prática em buscar ficar em reclusão era chamada *aytakkuf* em árabe, e tinha como objetivo ajudar a reflexão sobre o mundo levando-o ao autoconhecimento através do silêncio.²⁸⁸

Infelizmente, a maioria dos muçumanos, atualmente, só sabe a forma do Islã e não o seu lado espiritual mais profundo. Mesmo que alguns se dirijam aos mosteiros durante o período do *Ramadã* e busquem sentar-se em silêncio, isso seria apenas uma forma de *aytakkuf*. Mas o verdadeiro sentido era manter-se em pleno silêncio e contemplação. O ponto principal do período do *Ramadã* não era apenas praticar o jejum em certas horas, mas sim mergulhar por completo no silêncio buscando manter-se livre de qualquer tipo e forma de distração. Para os muçumanos o silêncio não significa apenas ficar calado e não dizer nada, mas significa buscar na quietude, o sentido verdadeiro e íntimo da vida. O silêncio também permite que se fale, mas não com palavras. O Islã, como um todo, possui como base o silêncio. Na Índia, a tradição do silêncio nunca foi esquecida e muito menos perdeu o seu valor. As antigas escrituras hindus que são raízes das *Ipanishads*²⁸⁹ e os *Vedas* datam de muitos séculos antes do nascimento de Cristo e esses escritos são fruto da solidão e do silêncio de uma imensa multidão de *rishis* ou homens sábios.²⁹⁰

Existem ao todo quatro deles e todos sem exceção vieram do silêncio. Os chamados *rishis*, buscaram lugares silenciosos em montanhas, florestas e cavernas e meditaram em silêncio, refletindo sobre a vida e suas diversas experiências, sobre pontos importantes e básicos como: ‘Quem sou eu?’ e ‘De onde veio o mundo?’ e toda a reflexão veio através de um processo de pensar, e não baseou em nada que fora dito de modo dogmático. Não foi gerado através da pregação de ninguém. Os *vedas* e os *upanishad* são resultados de uma mente que acreditava buscar a verdade. Os *rishis* acabaram descobrindo a verdade deles em pleno silêncio, mas aquele silêncio que desperta a curiosidade sobre a verdade que se esconde na natureza, na vida, no mundo e os mais variados *rishis* chegaram a conclusões bem diferentes. Essa reflexão e contemplação juntas não resultaram em um corpo único doutrinário. A tradição espiritual indiana é rica em debates apaixonados e, às vezes, intensos e o que acabou chegando até aos nossos dias é uma variedade de explicações onde podemos escolher e selecionar!²⁹¹

Percebe-se com clareza que a tal “pureza do coração” de João Cassiano, que para alguns se define como sendo a forma de expressar “conscientização”. Logicamente tanto em

²⁸⁸ TURNER, 2016, p. 28.

²⁸⁹ Sentar-se aos pés do guru.

²⁹⁰ TURNER, 2016, p. 27.

²⁹¹ TURNER, 2016, p. 28.

Cassiano, como em Evágrio e em outros místicos contemplativos do deserto egípcio, indicam que as pessoas deveriam buscar o “esvaziamento” de si, como também é visto pelo budismo. Este “esvaziamento” está de certa forma ligado a uma própria autoconscientização do próprio ser que pode ser “pura”, distinta e separada. Dentro da experiência cristã em Mestre Eckhart²⁹² ele considera que “para ser uma conveniente morada de Deus e apto a corresponder à atuação de Deus em nós, deve o homem ser também livre em todas as suas ações, tanto interiores como exteriores”²⁹³. Pode-se, assim dizer, que aqui temos a ideia da “pureza de coração” a que Cassiano se refere.

Entende-se que em ambas as tradições religiosas, possuem uma forma de buscar através do silêncio um encontro pessoal do indivíduo em relação ao sagrado. A sociedade atual vive em um ambiente de muito estresse, de barulhos advindos de diversos lugares e principalmente dentro do próprio ser. Poderemos nos perguntar: É possível ter uma verdadeira experiência de Deus através do silêncio? Ou seria possível através de uma experiência dita autêntica, através do encontro e do diálogo com o outro? Enquanto alguns afirmam que vivemos em busca de alguém parecido ou igual a nós mesmos, outros acreditam que é a diversidade que verdadeiramente nos une. Sempre que buscamos estudar esse problema ou dúvida, a questão que possivelmente seja viável é o da importância do diálogo entre as religiões do Ocidente e do Oriente.²⁹⁴

O absoluto estaria oculto em todos. Se está escondido é porque inconscientemente não admitimos que ele apareça. O homem e a mulher fechados, o individualista enrolado em volta de um “eu” superficial é como uma lagarta que ainda não imagina que poderá ser borboleta. E como lagarta de regra morrerá, perdendo a chance da transfiguração.

3.1.1 A oração do coração

Tanto os praticantes leigos da meditação cristã quanto os monges e monjas beneditinos, quando se preparam para meditar, buscam sentar-se bem quietos, fecham os

²⁹² Eckhart de Hochheim, O.P., mais conhecido como Mestre Eckhart, em reconhecimento aos títulos acadêmicos obtidos durante sua estadia na Universidade de Paris, foi um frade dominicano, reconhecido por sua obra como teólogo e filósofo e por seu misticismo. MARÍN, 2019, p. 178.

²⁹³ BLAKNEY, R. B. *Mestre Eckhart*. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 231.

²⁹⁴ TURNER, 2016, p. 29.

olhos e em seguida começam a repetir, interiormente e silenciosamente em seus corações, a palavra *Maranatha*²⁹⁵.

Encontramos em algumas tradições, esta palavra chamada de “mantra”, e em outras de “palavra-oração” ou “frase-oração”. O segredo gira em torno de aprender a recitar simplesmente essa palavra, repeti-la, fielmente desde o começo até o final da meditação. Aparentemente é algo muito simples que é necessário recitá-la em quatro sílabas igualmente acentuadas “*Ma-ra-na-tha*”. Geralmente os praticantes de meditação buscam recitá-la de acordo com a sua respiração e muitos afirmam que não há necessidade disso. A arte de meditar de acordo com os seus praticantes, consiste em dizê-la direto ao longo de todo o tempo de meditação. Tarefa não tão fácil assim e nada impossível. Deve-se buscar meditar com suavidade e repetir a palavra-oração de forma lenta, convenientemente rítmica – “*Ma-ra-na-tha*”. Sendo isto tudo o que o iniciante da meditação necessita saber.²⁹⁶

Os mestres espirituais da Igreja Ortodoxa, em sua tradição, buscam sempre destacar a importância da meditação a que eles costumam chamar de “a oração do coração” na vida de todos aqueles que desejam realmente buscar “experimentar a Deus”, através da prática diária da meditação nesse caso, a cristã. Eles acreditam que um dos motivos que levam tanto o homem quanto a mulher do ocidente a caírem em sua caminhada é a separação que se tem entre a mente e o coração, este senso de divisão interior não ajuda na auto compreensão do ser humano. A todo o momento esses tais “mestres” de vida de oração voltam a dizer da importância da união entre a mente e o coração como um pequeno incentivo: “Diga o seu mantra”; “Use esta palavrinha”. Na obra a “Nuvem do não-saber”²⁹⁷, o autor diz que aquele ou aquela que busca meditar e/ou orar deve se possível não usar tantas palavras, de preferência poucas, porém se for possível apenas uma palavra de uma sílaba. O abade Dom Chapman²⁹⁸, em uma carta escrita a um amigo, diz que em sua vida de oração buscou sempre manter fiel na meditação e na recitação do mantra e que essa prática diária, permitiu que ele se encontrasse com a verdadeira felicidade nunca experimentada nem em companhia de seus mestres. Ele teria redescoberto essa simples tradição, na qual chegou ao Ocidente através da

²⁹⁵ É uma expressão de origem aramaica que, na tradução para a língua portuguesa, tem um significado semelhante a “vem, Senhor” ou “nosso Senhor vem”. A expressão maranatha está presente na Bíblia Sagrada cristã, e precisamente encerra a primeira carta aos Coríntios e o livro do Apocalipse. MAIN, 2009, p. 55.

²⁹⁶ MAIN, J. *O momento de Cristo: a trilha da meditação*. São Paulo: Paulus, 1987. p. 15-16.

²⁹⁷ É um livro e ao mesmo tempo um guia espiritual escrito na segunda metade do século XIV, por um monge desconhecido, provavelmente da Ordem dos Cartuxos, que teria vivido na Inglaterra. GUILLERAND, 2011, p. 25.

²⁹⁸ Monge beneditino foi o 4º Abade da Dowside Abbey da Congregação Beneditina Inglesa. Estudioso do Novo Testamento e Patrística foi um também defensor da prioridade do Evangelho segundo Mateus e um escritor sobre espiritualidade. CASEY; TOMLINS, 2019, p. 143.

vida monástica onde o monge João Cassiano no fim do século IV²⁹⁹ foi o responsável em difundir essa prática de oração.

O próprio João Cassiano teria recebido essa oração por meio de alguns *abbas* que viveram no deserto do Egito em que remonta a uma tradição de origem dos tempos apostólicos. Essa tradição da palavra-oração cristã pode ser atribuída, sobretudo à sua simplicidade. Esta simples palavra de acordo com a tradição cristã, completa tudo aquilo que pedem os mestres espirituais sobre a forma de orar, de rezar, porque ela faz com que os praticantes da meditação sintam uma verdadeira quietude harmoniosa e atenta da mente, tanto do corpo quanto do espírito. Não é necessário nenhum tipo de talento ou dom especial para perseverar. Cassiano dizia que:

Ninguém fica excluído da pureza de coração por não saber ler, nem uma rústica simplicidade constitui obstáculo a tal pureza, pois ela se acha bem a mão de todos; basta que queiram, mediante a repetição constante desta frase, conservar a mente e o coração atentos a Deus.³⁰⁰

Dizer e repetir o mantra institui uma forma de disciplina, onde os praticantes procurem alcançar todas as possíveis limitações estreita e isolada auto obsessão. A recitação do mantra teria por finalidade levar as pessoas que praticam a experimentar certa liberdade que compreende estar no centro de cada ser humano. “Onde se acha o Espírito do Senhor aí está a liberdade”³⁰¹, dizia o apóstolo Paulo. Um dos pontos bem característicos do ser humano na atualidade, seria o sentimento quase que universal de que eles precisam de algum modo, retornar a um grau básico de confiança pessoal, a base ou ao eixo fundamental de suas vidas. O homem e a mulher modernos em certo ponto acreditam estar em estado de grande agitação, porque a complicação e a dificuldade de suas vidas de certa forma parecem ter aniquilado com a sua individualidade. Esta redescoberta que alguns homens e mulheres contemporâneos estão realizando, embora que para muitos seja uma nova descoberta, dependeria em buscar saber se a realidade individual de cada um, pode ser conhecida em sua totalidade, não apenas em parte, mas sim, em um todo e que isso talvez seja possível através do silêncio, de acordo com a tradição da meditação cristã.³⁰²

O desafio da meditação consiste em aceitar que essa unidade deva ser restaurada e que todas as partes que se encontram divididas e espalhadas acabem voltando a sua unidade original em perfeita harmonia para o centro ou templo sagrado de cada uma das pessoas. Para

²⁹⁹ MAIN, J. *A palavra que leva ao silêncio*. São Paulo: Paulus, 1987. p. 88.

³⁰⁰ CASSIANO, 2008, p. 95.

³⁰¹ Cf. 2Cor 3, 17.

³⁰² MAIN, 1987, p. 109-110.

que atinja esse objetivo, é necessário que as pessoas busquem evitar se possível a divisão de si mesmas. É preciso um esforço para que busquem da melhor maneira retornarem ao caminho que conduz ao seu próprio centro. No momento em que a consciência acorda para o seu próprio eu, em silêncio, presume-se que deva desprender uma tamanha força que é chamada de força da vida, ou a força do Espírito. E dessa forma, através da experiência vivenciada dessa força, essas pessoas seriam unidas novamente e até mesmo recriadas. “Se alguém está em Cristo é nova criatura”³⁰³. O silêncio por vezes sugere ausência de fala, mas sempre sugere o ato de ouvir. Abster-se de falar, sem escutar a voz que fala no centro de cada ser humano e de acordo com a tradição seria a voz do próprio Deus que habita no coração dos seres humanos.³⁰⁴

Um dia cheio de ruídos e de vozes pode ser um dia de silêncio, se os ruídos se tornarem para nós o eco da presença de Deus e se as vozes forem para nós mensagens e apelos vindos de Deus. Quando falamos apenas de nós mesmos e estamos repletos de nós mesmos, é porque abandonamos o silêncio. Quando, no entanto, repetimos as palavras que Deus nos disse na intimidade, as que ele deixou dentro de nós, nosso silêncio permanece inalterado.³⁰⁵

Por duas vezes, no poema “Canções da alma” - João da Cruz³⁰⁶ no que refere à importância do silêncio na meditação usa a expressão “estando minha casa sossegada”.³⁰⁷ Nesse verso que exprime por meio de imagens, demonstra a importância em fazer com que os sentidos sejam eles físicos, emocionais, psicológicos e até mesmo espirituais, sejam silenciados. É necessário que todo tipo de distração da mente, do corpo e do espírito seja colocada em *stand by* antes que aconteça na alma uma profunda ação do sagrado. É comparado a uma cirurgia, em que faz necessário que a anestesia faça efeito antes do início da operação. Acredita que surgirá dentro das pessoas, então, o silêncio, a quietude e a paz. Durante esse período a tradição ensina que nada poderá trazer alguma inquietação e muito menos comover: nem a própria *Lectio Divina*, nem algum tipo de debate intelectual ou sermões. João da Cruz deixa claro que durante essa experiência, haverá uma tamanha

³⁰³ Cf. 2Cor 5, 17.

³⁰⁴ FOSTER, 2018, p. 146-147.

³⁰⁵ DOHERTY, C. H. P. *Espiritualidade cristã do Oriente para o homem ocidental*. Notre Dame: Ave Maria Press, 1974. p. 23.

³⁰⁶ Foi um místico, sacerdote e frade da Ordem Carmelita espanhol venerado como santo pelos católicos. Foi um dos mais importantes expoentes da contrarreforma e grande reformador da Ordem Carmelita, é considerado, juntamente com Santa Teresa de Ávila, o fundador dos Carmelitas. João também é conhecido por suas obras literárias e tanto sua poesia quanto suas investigações sobre o crescimento da alma são consideradas o ápice da literatura mística. CRUZ, J. *Obras completas*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 55.

³⁰⁷ CRUZ, 2000, p. 296.

proteção da graça que age contra todos os vícios e um total e grandioso progresso na prática meditativa.³⁰⁸

Na tradição cristã da meditação as palavras não seriam capazes de levar as pessoas a uma comunhão plena com o sagrado mesmo assim, porém, ela deve estabelecer um ambiente em que consiga deixar a consciência respirar pela primeira vez. Nesse momento, buscaria deixar que a consciência se amplie e permita ser conduzida ao silêncio, mas, através do silêncio e somente no silêncio é que acredita poder estar completamente consciente. É importante de certa forma, compreender de um jeito abstrato à ideia de busca de um equilíbrio e harmonia pessoal, como um conceito sobre o qual use a linguagem que esta usa as palavras. É importante perceber que todas as palavras possuem algum sentido os são depositadas dele e, por isso, para que possa falar da harmonia particular e pessoal é necessário avaliar, separar e até mesmo distinguir. Para que haja a chamada harmonia pessoal é necessário que se tenha uma perfeita sintonia e cooperação do corpo e do espírito, da mente e do coração. Será que quando se afirma que eles trabalham separados, não está indicando que realmente eles trabalhem de forma autônoma uns dos outros?³⁰⁹

É claro que eles não trabalham e nem agem isolados, por si mesmos, mas atuam de forma unida. Quando ouvimos algum tipo de notícia que traz alegria ou felicidade, acabamos sentido algo bom agindo em todo o nosso corpo, em nossa mente e em nosso espírito. Toda essa reação em conjunto demonstraria o envolvimento do que está acontecendo em nosso corpo. Isso não quer dizer que o corpo das pessoas permaneça interagindo com a mente ou que a mente esteja interagindo através da linguagem do corpo. É necessário compreender que as pessoas seriam completas, como um todo. A harmonia que viveria no centro de cada ser humano que é consciente, que viveria em perfeita sintonia com alma e o corpo, ainda se quer espalhou por completo em nosso ser de acordo com a perspectiva da meditação cristã. Para deixar que isso aconteça, seria preciso buscar mover a barreira de um pensamento literalmente autoconsciente, de uma linguagem importante. Pode-se assim dizer, que é necessário buscar se tornar silencioso, ficar em silêncio.³¹⁰

Deus conduziu a seu servo à solidão para falar-lhe ao coração; mas só o que escuta em silêncio percebe o sussurro da suave brisa que manifesta ao Senhor. Ainda que a princípio nos resulte duro calar, gradualmente, se somos fiéis, nosso mesmo silêncio irá criando em nós uma atração para um silêncio cada vez maior.³¹¹

³⁰⁸ FOSTER, 2018, p. 152-153.

³⁰⁹ FOSTER, 2018, p. 112.

³¹⁰ FOSTER, 2018, p. 113.

³¹¹ *Estatutos da Ordem dos Cartuxos*, livro II, capítulo XIV, “O silêncio”. Disponível em: <<http://www.chartreux.org/pt/>>. Acesso em: 11 dez. 2019.

Por qual motivo que na meditação cristã se deve procurar a Deus no silêncio? De acordo com a mesma tradição que vem desde o século IV, só é possível experimentar o verdadeiro silêncio e encontrar a Deus, através da interioridade na qual se pode manter uma íntima relação com o Deus silencioso. Essa busca de poder contemplar a “face de Deus” onde crê habitar no interior do ser. Aquele que decide deixar o “mundo” para se dedicar a uma vida de renúncia, trabalho e oração como os monges e monjas que conhecem bem essa realidade de uma “geração má e adúltera”.³¹² Agostinho³¹³ saberia melhor do que ninguém qual a importância de progredir na busca do autoconhecimento e assim, entender a sua realidade mais essencial. Ele analisou o seu passado com um olhar clínico e preciso. Agostinho buscava descobrir, no coração do ser humano, a carência de Deus no pecado, a ausência de Deus na inquietação, o advento de Deus na redenção e a companhia de Deus na vida da graça. Para Agostinho, conhecer o ser humano conduz o ser, a um Deus bem íntimo que o mais íntimo de si mesmo.³¹⁴

O silêncio tem sido um componente de extrema necessidade na maioria da vida de algumas pessoas e quem sabe, de toda a humanidade, pois aceitaria o recolhimento de si e assim, teria a função de cuidar para que não haja a perda da própria identidade. Os monges e monjas e todos os que andam em busca de descobrir respostas para sua vida por meio da prática da meditação cristã, terão talvez de se esconderem no mais íntimo de seus corações, em seu “templo sagrado” em referência à fé cristã que o próprio Espírito Santo reside no coração de cada ser humano, para que assim possa conhecer e sentir ali a presença sagrada de Deus e se quiser reconhecer e compreender sua própria realidade será necessário ficar em silêncio em sintonia com sua interioridade. Essa seria uma das crenças que esses homens e mulheres consagrados, acreditam poderem alcançar a essência de toda criação. Na crença de que seja completamente impossível atualmente descobrir e conhecer por completo em meio a tanto barulho que cerca as pessoas em suas atividades diárias, a iluminação de cada um sobre si mesmo só poderá surgir na solidão e no silêncio. Aquele que conseguir se manter em silêncio estaria mais perto de escutar e de conservar-se diante do sagrado é o que afirma a tradição milenar da meditação cristã.³¹⁵

³¹² Conf. Lc 12, 29-32; Mt 12, 39.

³¹³ Agostinho de Hipona, conhecido como santo Agostinho foi um dos mais importantes teólogos e filósofos nos primeiros séculos do cristianismo, cujas obras foram muito influentes no desenvolvimento do cristianismo e filosofia ocidental. Ele era o bispo de Hipona, uma cidade na província romana da África. MARÍN, 2019, p. 88.

³¹⁴ SARAH; DIAT, 2017, p. 228.

³¹⁵ SARAH; DIAT, 2017, p. 229.

Para os praticantes da meditação, vale ressaltar o valor que pode ter através de uma vida contemplativa na qual os leigos também seriam chamados a viverem. Dom Laurence³¹⁶ afirma que ter uma espiritualidade viva e ativa deixa de ser uma alternativa para fugir dos problemas da vida, e passa a ser uma nova oportunidade para encontrar soluções para eles. E acredita que um dos mais seguros caminhos que ele considera ser eficaz para buscar desenvolver a espiritualidade é a prática diária da meditação. “Se desejarmos atingir o pleno potencial que o ser humano possui, é necessário que as pessoas aprendam e experimentem a solidão”³¹⁷. Viver na solidão não quer dizer que devemos deixar o convívio das pessoas e buscar viver em pleno isolamento em um eremitério ou em algum mosteiro. Normalmente, os seres humanos necessitam de algum espaço para si. Pois mais sociável que as pessoas sejam, existem momentos em que faz necessário um tempo consigo. As nossas necessidades, nesse aspecto, são extremamente saudáveis e há necessidade psicológica de certo tempo a sós.³¹⁸

A meditação seria uma forma de sabedoria espiritual universal, não apenas encontrada na tradição cristã, mas nas grandes tradições religiosas. Nas religiões do mundo existe um chamado para a vida de contemplação. Os padres e madres do deserto, como todos os grandes místicos da meditação aconselhavam sobre as ameaças da alucinação. Eles normalmente indicavam uma técnica bem simples que chamavam de oração pura, a qual, dentro da visão cristã, ajudar-nos-ia à adesão com a oração do próprio Cristo. E eles orientavam para que buscasse uma única palavra ou frase breve que precisaria ser repetida ininterruptamente durante o tempo de meditação. Deve-se recitar a palavra mentalmente com toda atenção e fidelidade, sem pressa. É algo simples na qual se deixará chegar à plena atenção no tempo presente aonde essa pequena palavra auxiliará a chegar à plenitude do silêncio do próprio ser.³¹⁹

³¹⁶ Laurence Freeman, OSB, nascido em 17 de julho de 1951, é um padre católico romano e monge beneditino do Mosteiro de Sta. Maria de Pilastrello, na Itália, um mosteiro da Congregação Olivetana. Ele é o diretor da Comunidade Mundial para a Meditação Cristã e da sua comunidade oblata beneditina. Em 1975, Freeman se juntou a John Main, OSB na Abadia de Ealing em Londres, como parte da primeira comunidade experimental leiga dedicada a viver uma vida beneditina com a meditação cristã como sua prática contemplativa. A partir disso foi estabelecido o Centro de Meditação Cristã em Londres. Depois da morte de John Main em 1982, Freeman continuou o trabalho de ensinar meditação que agora começara a se transformar em uma comunidade global. Ele continua a viajar pelo mundo dando palestras e realizando retiros. Através da Comunidade Mundial para a Meditação Cristã, agora estabelecida como uma comunidade contemplativa contemporânea e ecumênica, Freeman continua o trabalho de ensinar a meditação cristã e restaurar o contemplativo como uma dimensão essencial e central de toda a espiritualidade cristã. FREEMAN, L. *Os olhos do coração: a meditação na tradição cristã*. São Paulo: Palas Athena, 2004. p. 12.

³¹⁷ FREEMAN, 2004, p.151.

³¹⁸ FREEMAN, 2004, p.152.

³¹⁹ FREEMAN, 2004, p. 159-160.

3.1.2 A necessidade do silêncio

No Novo Testamento a mensagem central incide em deixar claro que existe apenas uma verdadeira oração e que esta oração seria a que Cristo teria ensinado aos seus apóstolos. É um modelo de oração que está no centro do coração da maioria dos cristãos. É preciso que os praticantes da meditação cristã busquem aprender através do caminho, caminho esse em que acredita conduzir ao silêncio, a quietude e que isto acontece por meio de uma dedicação que exige muito de cada um, era o que normalmente John Main indicava para os grupos de meditação. “É como se abríssemos um pequeno espaço no interior de cada ser humano, um espaço que ajudará a uma ascensão se assim se pode dizer, da plena consciência da oração de Cristo que abrange certo segredo”³²⁰. Para aqueles que iniciam na prática da meditação é necessário que busquem em primeiro lugar compreender que se deve superar o egoísmo. Em termos práticos seria entender que é necessário aprender a ficar quieto e silencioso para deixar de pensar em si. Isto seria algo muito importante para aquele que está iniciando.³²¹

Dizer o mantra ou palavra oração ajudaria a experimentar à quietude e ir de encontro a paz. Acredita-se que ao dizer a palavra durante certo tempo, o mantra deixará de ecoar um *aeternis taciti* (silêncio eterno) em que aqueles que meditam e acreditam que o próprio Deus se revela. Gradualmente o silêncio deverá tornar-se mais duradouro e facilmente absorvido pelo tal ‘mistério sagrado’. Não há nenhuma novidade no que refere a prática da oração na qual os cristãos necessitariam para rezar. O grande desafio que os cristãos modernos teriam de enfrentar é buscarem restaurar o caminho, para que se atinja a oração profunda, que auxiliará aquele que busca encontrar o objetivo de uma experiência de unidade. Os questionamentos que são feitos atualmente: Como podemos chegar a rezar nesse nível? Como deve aprender tal disciplina e o que ela supõe? Como concentrar de maneira que se torne algo natural, na realidade mais profunda da fé? Não basta apenas questionar como fossem dificuldades meramente intelectuais.³²² Seria importante de acordo com os praticantes, experimentarem tudo isso, por meio da meditação.

Esses são alguns dos desafios propostos à nossa existência e, como tais, podem e devem ser respondidos de forma satisfatória, não apenas por meio de ideias, mas necessariamente com a própria vida. Alguns psicoterapeutas comentam sobre o silêncio de forma tão dignificante, e com tanto reconhecimento, quanto qualquer monge ou monja.

³²⁰ MAIN, 1987, p. 11.

³²¹ MAIN, 1987, p. 12.

³²² MAIN, 1988, p. 8-9.

Nem tudo o que diz sobre a prática da meditação tem sentindo benéfico. Um ou outro estudioso diz que em vez de trazer relaxamento pode vir a causar crises mentais. Um psicólogo de Londres chamado Tim Lomas, publicou recentemente um artigo acadêmico sobre alguns casos de pessoas que estavam praticando algum tipo de meditação. O psicólogo britânico comenta que ainda que muitas pessoas venham ter benefícios através da prática da meditação seja ela qual for, 25% encontrou algumas “dificuldades substanciais” incluindo “experiências desafiantes do ‘eu’ e uma ‘dissolução da identidade’”.³²³ Para algumas pessoas, manter a atenção plena, “os faz conscientes de sua angústia, mas incapazes de lidar com ela, pelo que elas descobriram que a meditação não era apenas inútil, mas contraproducente” afirma Tim. Lomas não vê como inimigo da meditação e segundo ele: “essas tais experiências não são necessariamente boas ou ruins. Ele conta de um homem que depois da meditação se sentia aparentemente ‘perto da psicose’ não apenas saiu dela, mas disse que a experiência foi uma das mais transformadoras de sua vida”.³²⁴

Também existem outros médicos e estudiosos que dizem que “experiências fortes são questões importantes e ao mesmo tempo são os frutos da meditação e normalmente é isso que se deva esperar dela, se segue a teoria do budismo *Theravada*”³²⁵ afirma Daniel Ingram³²⁶. Nessa tradição, Ingram diz que:

Há uma fase da meditação chamada ‘surgir e desaparecer’, depois da qual vem a ‘noite escura’ e, para alguns, a noite escura é muito escura. Pode ser uma depressão bastante extrema, episódios micropsicóticos e depressão psicótica, e pode fazer com que a pessoa chegue à beira do suicídio, e em alguns casos inclusive se mate. É realmente surpreendente que a ciência ocidental não haja notado isso. O que é lamentável, tendo em conta o grande número de pessoas que agora estão meditando em doses suficientes para cruzar o surgir e desaparecer.³²⁷

Percebe que no caso de uma pessoa, em que na sua religião, existe o método da meditação, e normalmente quase todas possuem em sua tradição, essa pessoa poderá aceitar

³²³ JENKINS, J. Em vez de relaxar, meditação pode provocar crises mentais, diz psicólogo. *BBC News Magazine* [online]. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/03/160326_meditacao_perigo_saude_if>. Acesso em: 25 mar. 2019.

³²⁴ JENKINS, 2016.

³²⁵ Theravada ou theravada, literalmente “Ensino dos Sábios” ou “Doutrina dos Anciãos”, é a mais antiga escola budista. Foi fundada na Índia. Relativamente conservadora, é a escola que mais se aproxima do início do budismo, e por séculos foi a religião predominante na maioria dos países continentais do Sudeste Asiático, como Sri Lanka, Camboja, Laos, Birmânia e na Tailândia. O theravada também é praticado por minorias em partes do sudoeste da China, Vietnã, Bangladesh, Malásia e Indonésia, embora recentemente tenha conquistado popularidade em Singapura e no Mundo Ocidental. Atualmente, o número de budistas theravada é superior a 100 milhões em todo o mundo, e em décadas recentes o theravada começou a fincar suas raízes no Ocidente e no renascimento budista da Índia. TURNER, 2016, p. 45.

³²⁶ Médico de emergências no Alabama, nos Estados Unidos, que também dirige um fórum on-line sobre o assunto com mais de 5.000 membros. TURNER, 2016, p. 51.

³²⁷ JENKINS, 2016.

tal dificuldade como parte do processo do caminho do autoconhecimento. Mas o que chama a atenção é que a meditação se tornou quase que um recurso médico em que busca um novo estilo de vida e ao mesmo tempo servindo de terapia. Vale lembrar que a meditação pode fazer com que a vida das pessoas vire de cabeça para baixo. Para alguns isso pode até ser considerado bom, já para outros nem tanto.

Portanto, a meditação é tida por alguns como um caminho que daria acesso ao interior na qual acredita habitar o divino. Seria aí que a consciência mental daria lugar a certas percepções que estariam em lugares profundos, são as chamadas percepções intuitivas. Essas tais potências internas estariam diante da presença do sagrado, que de acordo com a tradição da meditação se tornaria absoluta, fato este que é tido como essencial à meditação. É, portanto, como uma fase difícil na busca do autoconhecimento, pois o chamado plano mental é cheio de sentimentos e pensamentos conectados um com o outro, o psíquico é considerado um ambiente hostil, onde o perigo poderá vir de qualquer lado. De certa forma seria por isso que, em qualquer um dos planos, o caminho da meditação seria atrapalhado por questões negativas de acordo com os meditantes. Seria então nessa fase, de acordo com os ensinamentos dos mestres orientais e ocidentais, que as pessoas devem apenas terem confiança.³²⁸

Assim seria a oração de acordo o místico hindu do século XVII Tukaram³²⁹:

Tu me conduzes pela mão por toda parte, meu companheiro divino, eu me apoio em ti e Tu sustentas minha carga. Mesmo quando me desespero e digo palavras ásperas. Tu me acalmas em minha estupidez e me livras da vergonha. Assim enches minha alma com nova esperança e me abres um mundo novo. Agora vejo todos os seres humanos como amigos e todos a quem encontro como irmãos.³³⁰

Assim devagar, daria-se o início da chamada percepção mental, na qual já teríamos passado pela psíquica e daí chegaríamos ao plano intuitivo. É nesse momento que se ativaria o órgão “espiritual” que para os meditantes é chamado de visão interna. O cristianismo antigo dava-lhe o nome de *nous*³³¹. Mais tarde, esse fato místico foi chamado *apex mentis*, *scintilla*

³²⁸ GRÜN, A. PAINADATH, S. DIODORA, G. *A força da oração*. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 17-18.

³²⁹ Tukaramou ou Tukaram (1608-1650), foi um místico e poeta hindu do século XVII, da região do Maharashtra (onde fica Bombaim ou Mumbai) é um dos expoentes do movimento de bhakti. Apesar de praticamente iletrado, Tukaram desenvolveu uma forma de verso chamada “abhangas” que usava para derrotar os seus adversários eruditos, com as suas explanações sobre espiritualidade fundamentadas em situações coloquiais e vulgares, desdenhando as explanações místicas e a sofisticação teológica da época. MAIN, 2009, p. 67.

³³⁰ PAINADATH, S. *Todos somos peregrinos*. Munique: Atos, 2010. p. 59.

³³¹ *Nous* em grego antigo é intelecto, mente ou razão. Já em termo filosófico grego que não possui uma tradução direta para a língua portuguesa, significa atividade do intelecto ou da razão, em oposição à atividade dos sentidos. Muitos autores consideram o termo como sinônimo de “inteligência” ou “pensamento”. MAIN, 2009, p. 70.

animae, luz do coração por Orígenes, centelha da alma por Mestre Eckhart, *oculus fidei* por Agostinho, ou terceiro olho por Ricardo de São Vitor³³². No oriente, é dado o nome de *buddhi*. É como se fosse uma aptidão do ser humano de percepção que, no entanto, só poderia ser acionada pela graça. Assim diz o Bhagavad Gita³³³: “Mas não podes ver com teus olhos atuais. Por isso, eu te dou olhos divinos. Observa minha opulência mística!”³³⁴ Onde o objetivo de toda prática da meditação estaria apoiado tanto em disciplina quanto na ascese, pela qual é vista como uma purificação e ao mesmo tempo uma iluminação do ser interior.³³⁵

A meditação seja cristã ou não, tem sido encarada por muitos praticantes atualmente como uma alternativa de terapia na qual pode obter o autocontrole, o autoconhecimento, o equilíbrio, a paz e a harmonia interior. Coisas difíceis na visão dos praticantes, em conquistar através da correria do dia a dia. Por isso, é importante notar que não haverá um consenso comum entre estudiosos, médicos, religiosos, meditantes etc. O mais importante de tudo seria entender por que as pessoas se sentem atraídas por esta prática milenar? A meditação teria realmente esse aspecto terapêutico ou seria apenas mais uma forma de relaxamento que pode trazer transtornos mentais e de comportamento? Diversas outras perguntas poderão ser feitas e talvez obtenham diversas respostas que podem ser encaradas como verdadeiras ou não. Mas o curioso de tudo isso, é como uma forma de oração que pode ser encontrada na maioria das tradições religiosas do mundo e nesse caso, a tradição cristã da meditação, pode sair do deserto do Egito no século IV e passar pela vida contemplativa de conventos e mosteiros chegando aos nossos dias como uma alternativa renovada de buscar experimentar o divino que de acordo com os meditantes, vive em cada ser humano e ao mesmo tempo, atrair pessoas de diversas religiões e até mesmo os que dizem sem religião e ateus? Poderia ser uma retomada da chamada hermenêutica da continuidade, em que houve uma separação entre as chamadas ciências naturais e ciências humanas?

³³² Ricardo de São Vitor (1110-1173), é reconhecido atualmente como um dos mais influentes pensadores de sua época. Ele foi um importante teólogo místico e prior da famosa Abadia de São Vitor, agostiniana, em Paris. Muito pouco se sabe sobre as origens e a educação de Ricardo. Cartas da Inglaterra endereçadas a Ricardo mostram que ele estava em constante contato com os assuntos ingleses e evidenciam o caráter internacional da vida intelectual da época. Finalmente, Ricardo tornou-se prior em 1162 e manteve-se no cargo até sua morte em 10 de março de 1173. PAULO II, J. *Dies Domini*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 59.

³³³ “Canção do bem-aventurado”, é um texto religioso hindu. Faz parte do épico Mahabharata, embora seja de composição mais recente que o restante do livro. A versão do Mahabharata que inclui o Bhagavad Gita é datada do século IV a.C. O texto, escrito em sânscrito, relata o diálogo de Krishna, considerado como suprema personalidade de Deus – verdade absoluta e inconcebível – com seu (discípulo guerreiro) em pleno campo de batalha. No desenrolar da conversa são colocados pontos importantes da filosofia divina, que incluía já na época elementos do bramanismo e do Sankhya. MAIN, 2009, p. 82.

³³⁴ BÄUMER, B. *Upanishads: As Escrituras Sagradas da Índia*. Munique: Atos, 1997. p. 11.

³³⁵ GRÜN; PAINADATH; DIODORA, 2017, p. 23-24.

Em todo caso, essa motivação não seria o fim, mas para muitos meditantes seria apenas o começo. Para impulsionar o amadurecimento e o próprio crescimento enquanto seres humanos. O desejo de buscar se conhecer e dos que acreditam ser a realidade, tornar ia-se mais forte se procurássemos, ao nosso redor, pessoas que possam nos auxiliar nessa busca e nessa aproximação com os outros e com o nosso próprio ser. Seria nesse momento que, muitas das vezes, aconteceria a descoberta da meditação, de uma forma ou outra. Tratar-se-ia de dar início ao trabalho em busca de integrar a experiência e ao mesmo tempo esclarecer e, assim, de acordo com a tradição cristã, permitir a ascese, o discernimento espiritual, à autenticidade pessoal e à verdade transpessoal.³³⁶

3.1.3 *A meditação como caminho para o silêncio*

Oração, meditação e contemplação andam de mãos dadas como um verdadeiro método de mudança na visão cristã da própria meditação. Na verdade, até mesmo dentro da tradição cristã não se sabe qual seria a maneira certa de rezar. “O Deus a qual rezamos é o Deus que reza em nós”³³⁷. Nessa tradição, Deus é quem faz morada no centro de cada ser humano e sendo assim, é o que boa parte dos cristãos acreditam. Deste modo, no decorrer da oração ocorreria uma mudança das palavras para o silêncio, da sentença para a escuta, do *apoteigma* para a intuição, da inteligência para a percepção, do relacionamento eu e você para o conhecimento da unidade. Para compreender melhor como isso se daria, deveremos analisar um pouco o espaço em torno de nós. Se assim o fizermos, poderemos ter acesso a três planos da percepção: o mental, o psíquico e o intuitivo.³³⁸ É o que dizem acontecer na meditação.

Na meditação ensina que a oração silenciosa teria a função de uma roda que está sempre em movimento e que essa roda seria a vida de oração que conduziria o meditante ao encontro com o sagrado. Essa chamada “roda” teria por obrigação estar em contato com o chão. Na ideia de que ela só terá sua finalidade testada se ela conseguir mover as pessoas durante essa caminhada, caso contrário ficará rodando sem ter nenhum sentido, por isso reservar um tempo diário para meditar, alimentaria a alma e faria com que a roda exercesse a função para qual foi criada. Continuando a análise da oração enquanto roda, pode-se perceber que os raios da roda possuem formas diferentes e que essas diversas formas seriam as mais variadas formas de oração que podem existir e todas essas formas seriam válidas e dariam

³³⁶ FREEMAN, 2012, p. 256-257.

³³⁷ Cf. Rm 8, 26-27.

³³⁸ GRÜN; PAINADATH; DIODORA, 2017, p. 21-22.

resultados para aqueles que a praticam. E o que proporcionaria a esta roda continuar a girar seria a unidade desses raios na qual o aro é o centro.³³⁹

Esse movimentar da roda seria algo que exige estabilidade do centro. E seria talvez essa a ligação que se tem entre a forma de contemplação e ação. Fazendo com que o meditante alcance a quietude do centro que é considerada a fonte de toda a ação do ser humano que está em busca de experimentar se possível, o sagrado. Na busca de exercitar o mantra durante a meditação, John Main ensina que esse seria o verdadeiro coração da própria oração. E isso seria também uma das grandes contribuições que poderia se dar a espiritualidade cristã e para a nossa contemporaneidade. Por isso, seria essencial que busque de forma clara compreender o ensinamento e como ele se enquadra em toda a tradição cristã da oração: em que ponto deriva da tradição e como poderia ajudá-la. Aprender a “arte da meditação” não seria possível apenas adquirindo uma técnica. Seria bem mais do que isso, buscaria admirar, contemplar tudo aquilo que está nas profundezas da própria natureza do ser humano, é no que acreditam os meditantes.

Nas conferências nove e dez sobre a oração³⁴⁰, de João Cassiano, pode encontrar uma parte da chamada “riqueza da tradição cristã” que aparece no mantra descrita de uma forma clara e objetiva que ao mesmo tempo transmite uma certa segurança. Tanto o jovem Cassiano como outros mestres que viveram no deserto, buscavam atingir o objetivo da vida monástica que era a ‘oração continua’ em aprender lidar com o problema das distrações da mente durante a oração nas várias etapas do dia. Ele acreditava que ao praticar de forma incessante a recitação do mantra o monge ou a monja alcançariam um grau elevado da oração e chegariam à ‘oração pura’ ou ‘oração de fogo’ que seria uma forma mais profunda e autêntica de união com o próprio Cristo. E nessa certeza é que os mistérios que envolviam as Sagradas Escrituras seriam desvendados e haveriam de ser experimentados de uma forma totalmente nova e diferente. Para Cassiano a chave mestra para todo o problema que girava em torno das distrações se encontrava na primeira parte das Bem-aventuranças: a pobreza de espírito.³⁴¹

No que diz à tradição da meditação cristã ela seria muito simples e, especialmente, buscaria dar uma resposta de forma prática e direta de como poderia buscar orar em profundidade, portanto reuniria uma riqueza e uma profunda vivência e ao mesmo tempo, um testemunho desses homens e mulheres conhecidos e desconhecidos pelos cristãos católicos

³³⁹ FREEMAN, L. *Escola de meditação: voltar para casa*. 2001. Recursos para apresentação da Meditação no seio da Tradição Cristã. Comunidade Mundial para a Meditação Cristã. MAIN, 2009, p. 90.

³⁴⁰ Suas conversas com um determinado “ancião” são colocadas por escrito, em forma de diálogo, denominadas Conferências. Escritas em latim, contribuíram para a propagação do monaquismo cristão no Ocidente. CASSIANO, 2009, p. 85.

³⁴¹ FREEMAN, 2001, p. 35.

romanos e ortodoxos. Para John Main esta tradição não poderia estar limitada aos claustros dos mosteiros, mas sim, deveria ser ensinada para todos aqueles e aquelas que desejassem vivenciar uma experiência profunda de encontro consigo e com o sagrado manifestado em Deus. Deste modo simplesmente estaria adequada a forma e a maneira de como deva atender todas as idades e seus diversos tipos de vida. John Main, evita de falar e de ensinar a meditação de forma abstrata. E como ele dizia: “o mantra deve ser captado, não ensinado”.³⁴²

A forma considerada mais eficaz de vivenciar o ensinamento da tradição cristã de acordo com John Main, seria através da meditação, no cessar das palavras e na participação de forma criativa e desperta da oração. Atualmente, muitas pessoas têm percebido que estaríamos vivendo em uma “era secularizada” que exigiu um processo longo e ao mesmo tempo complexo e que segue a uma chamada era de fé. O significado que poderia dar a esta era de fé seria um pouco problemático: talvez possa até significar uma cultura religiosa e uma sociedade pela qual poderia haver um consenso em relação a moral e as crenças. E de acordo como conta através da história, foi arrancado pelas incontáveis forças advinda da modernidade, onde houve duras conquistas de liberdades sociais, uma nova forma de identidade, educação, intercâmbio com as mais variadas culturas, tecnociência, e não poderia negar que houve também um esgotamento da própria autoridade espiritual no que se refere a religião como instituição.³⁴³

No entanto, será que a compreensão moderna da nossa cultura seria exata, ou seria inútil? A resposta a esse questionamento teria talvez uma importância para o estilo de vida e a paz de espírito de muitas pessoas. Seriam os valores pelos quais as pessoas de um modo geral vivem. E isso não seria apenas interessante apenas para teólogos, filósofos e cientistas sociais. Independente se a ‘religião’ esteja perdendo o seu sentido para o chamado ‘mundo moderno’, não poderíamos fechar os olhos para a realidade de que de certa forma, continuamos a ter carências e anseios espirituais. Seria importante analisarmos esse fenômeno não apenas de forma particular e sim como um todo, porque da mesma forma que a religião do passado esteja desaparecendo, vem surgindo outras formas de compreensão religiosa. Talvez essa geração não tenha percebido que esteja vivendo um tempo de grandes transições. Mesmo que haja sofrimento e insegurança por causa desses tempos, é importante salientar que estaríamos desfrutando de um entusiasmo de podermos testemunhar coisas novas que permitem, mostrar o tamanho da responsabilidade que temos sobre a direção em que estamos nos dirigindo.³⁴⁴

³⁴² MAIN, J. *Meditação Cristã*. São Paulo: Paulus, 2019. p. 33.

³⁴³ FREEMAN, 2012, p. 28.

³⁴⁴ FREEMAN, 2012, p. 29.

Estaríamos em busca de tornarmos completos. É essencial para a própria identidade dos seres humanos, independente de nossas conquistas, parece que nunca estaremos totalmente satisfeitos. Sentimos falta de coisas ou de algo que talvez esteja além do nosso próprio entendimento, até quem sabe de algo que está além do horizonte de nossos desejos. A própria espiritualidade e a religião, que parecem serem menos fáceis de separar-se do que tínhamos ideia, são elementos culturais que lidam com esse desejo. Para onde estaríamos sendo conduzidos? Aonde seria necessário redirecionar as velhas condições para que possamos buscar compreender a nós mesmos nesse desejo pela nossa completude? Seria que secular, significaria um modelo sempre livre de fé?³⁴⁵

A meditação cristã é tida como um caminho solitário onde os meditantes acreditam que a cada passo que dão, descubrem que o significado de toda solicitude seria o próprio reconhecimento e a própria aceitação da nossa qualidade única, algo bem difícil de se arranjar. Isso significaria que aquele que medita estaria em contato pleno com o seu próprio eu e não com a própria pessoa, tal como acreditamos ou nos apresentamos para os outros. Essa descoberta poderá nos surpreender pois talvez seja através da solicitude que alcançaremos uma melhora em relação aos nossos relacionamentos sejam eles: familiar, pessoal, profissional e até com pessoas que talvez nunca venhamos ter algum tipo de contato, mas, com quem divido um lugar na grande rede do ser. A meditação sendo um caminho solitário: significaria que ninguém pode meditar por você e vice versa. Entretanto, isso não quer dizer que ela não seja uma caminhada comunitária que acabe afetando os relacionamentos que vão formando nas empresas, organizações e em toda a sociedade e esse tipo de sabedoria é considera bem antiga.

Embora, estejamos realizando extraordinárias descobertas e redescobertas no século XXI, que vem revelando muito mais do que até mesmo os praticantes de meditação podem imaginar. No sentido de transformar o ser humano, quanto organizacionalmente em um mundo que, parece que as forças da globalização, vem dividindo cada vez mais as pessoas, seria necessário que busque tomar alguma atitude urgente de recuperar a nossa percepção de denominador comum e de unidade.³⁴⁶ Laurence Freeman diz que:

Podemos meditar juntos, independentemente de nossas diferenças culturais, de língua, educação, fé ou crença, antecedentes ou idade. Podemos meditar juntos. Essa é uma maneira radicalmente simples e humana de nos reunirmos. Ela transcende a tecnologia e demonstra o real significado do humano, que tão frequentemente se perde na cultura tecno-científica. Ela traz saneamento a relacionamentos

³⁴⁵ FREEMAN, 2012, p. 30.

³⁴⁶ FREEMAN, 2012, p. 33.

interrompidos e confere profundidade à verdadeira natureza de todo relacionamento humano.³⁴⁷

Após essa apresentação de como a oração silenciosa foi atualizada para os nossos dias, a visão cristã da meditação tem sido usada por muitos grupos espalhados pelo mundo, onde unidos pela meditação, estariam juntos com toda a humanidade e a própria criação. Nessa perspectiva cristã, as pessoas são convidadas a deixarem se conduzir a fonte de todo ser. Nos primórdios do cristianismo, a mística era, em boa parte, uma mística escrita, porque os pais e mães do deserto acabaram desenvolvendo uma forma de espiritualidade através da interpretação da Sagradas Escrituras. E suas histórias buscam realçar que eles e elas teriam realizado as mais fortes experiências de suas vidas. Para nós que vivemos em uma época totalmente tecnológica, o maior desafio não seria apenas acostumar-nos a viver um pouco com o nosso próprio silêncio. Talvez o maior desafio de hoje, seja, não ficarmos acomodados em nossa vida cotidiana e sim estabelecer o desafio de trilhar o caminho interior da procura do autoconhecimento e quem sabe para aqueles que acreditam, por Deus e assim nunca permanecerem parados nesse caminho.

3.2 A meditação no cristianismo atual

Uma das riquezas e belezas que a tradição cristã possui é a unidade. Atualmente tem havido uma crescente ausência de Deus na consciência das pessoas na qual, a imagem de respeito e a crença em um criador, não está tão presente em seu dia a dia e assim, numa parte significativa dos cristãos, tem surgido uma preocupação de como os seres humanos poderão sobreviver não no sentido da raça, mas sim da humanidade da própria raça. Não se pode apenas em âmbito religioso denunciar o ateísmo, o relativismo moral etc. É preciso haver uma busca na vida contemporânea na qual chegue com certa simpatia e compaixão daqueles que não dão valor algum tipo de fé e as questões relacionadas as manifestações do sagrado. Seria necessário buscar ter uma experiência em comum. E de acordo com os praticantes da meditação cristã essa tal experiência pode se dar através do chamado “silêncio de Deus”. Apesar de haver certas diferenças de interpretação, esse tal “silêncio” permanece como base comum na transmissão da própria palavra de fé em diversas religiões.³⁴⁸

³⁴⁷ FREEMAN, L. *Jesus, o Mestre Interior*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 223.

³⁴⁸ MAIN, J. *O caminho do não conhecimento: expandindo os horizontes espirituais através da meditação*. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 72

Buscar ter uma prática pessoal do silêncio, através da tranquilidade e da simplicidade tem sido encarado como algo essencial na busca do “conhece-te a ti mesmo”,³⁴⁹ ou do autoconhecimento. As grandes religiões do mundo em sua tradição espiritual possuem a prática da meditação, na qual encontraria a base de toda a sabedoria sobre o sagrado e do próprio ser humano. Atualmente a oscilação na busca religiosa e ao mesmo tempo o crescente desinteresse, como resultado da maneira subjetiva de como busca-se relacionar com o tal sagrado, tem apontado para outra realidade. Os praticantes de meditação e os contemplativos, independente da religião, tem notado uma grande inquietação que estaria no interior da maioria dos seres humanos e que alguns dizem ser um vazio tão grande que não se pode mensurar e de acordo com esses mesmos contemplativos – vazio esse que não pode ser preenchido com lazer, entretenimento, pessoas, e também cada vez menos por Deus! Dando margem a acreditar que nem Deus consiga preenchê-lo. Na visão de alguns teólogos cristãos católicos como o Cardeal Sarah³⁵⁰ e Anselm Grün³⁵¹. É possível fazer a seguinte pergunta: será que o ser humano em sua maioria estaria passando por algum tipo de crise? A chamada vida espiritual estaria sofrendo um certo desgaste e passando por uma crise, na qual as religiões e a própria Igreja Católica Romana têm sentido isso na própria pele, por estar sendo cultivado pela sociedade de um modo geral, uma perspectiva mais humana e natural do que sobrenatural.³⁵²

A chamada vida interior que a maioria dos crentes diz possuir já foi tida como um exemplo de vida espiritual, ou seja, algo de dentro para fora. Assim como o próprio universo, no que se refere à explosão que houve no início, o ser humano também se encontra em fase de expansão e de certa forma, num afastamento do próprio centro. A prática da meditação teria buscado acessar a “riqueza infinita da verdade que se acredita viver em cada ser humano”³⁵³. Esta tal experiência que é proposta pela meditação de uma realidade compartilhada e ao mesmo tempo compassiva é o que a maioria dos grandes ensinamentos apontam sobre a sabedoria. “É o que Jesus chamou de o Reino de Deus”.³⁵⁴ A meditação cristã propõe oferecer este ensinamento central considerado simples de não retirar o ser humano do meio do “mundo”, mas fazer com que ele ativamente em sua vida diária, com todos os seus desafios, busque parar pelo menos um minuto em meio as suas mais variadas atividades e busque

³⁴⁹ Aforismo grego, que é uma das máximas de Delfos e foi inscrita no portal do templo de Apolo em Delfos de acordo com o escritor Pausânias. Possui uma variedade de significados atribuídos a ele na literatura. CFER, 2018, p. 92.

³⁵⁰ SARAH, R; DIAT, N., 2017, p. 135.

³⁵¹ GRÜN, 2014, p. 147.

³⁵² FREEMAN, L. *Os olhos do coração: a meditação na tradição cristã*. São Paulo: Palas Athena, 2004. p. 55.

³⁵³ MAIN, 2009, p. 74.

³⁵⁴ MAIN, J. *A palavra que leva ao silêncio*. São Paulo: Paulus, 1987. p. 99.

passar por uma mudança necessária e benéfica. A meditação se afirma como a prática do silêncio, que através do que refere à quietude e simplicidade busca ir além de uma mera iluminação pessoal: “é transformadora para a cultura e para a sociedade”.³⁵⁵

Na perspectiva da meditação cristã a espiritualidade deve ser encarada não como uma forma de fugir dos problemas, e sim pelo contrário, como um modo de buscar uma solução para eles. De acordo com a mesma tradição, seria importante destacar que um dos caminhos mais eficazes para desenvolver a espiritualidade e a própria fé seria a prática da meditação. Em relação à meditação cristã John Main afirma que “ela cria comunidade porque ela revela como nós estamos todos conectados e como nos desenvolvemos com interdependência”³⁵⁶. Nessa perspectiva, a contemplação seria um dom que foi dado ou transmitido ao ser humano em particular, e de certa forma como todo o dom deveria ser aceito e colocado em prática. Pois, se as pessoas desejam viver essa vocação particular em seu dia a dia com uma profunda intensidade e significado, deverá buscar aceitar de uma forma prática esse tal dom considerado por alguns como precioso que se recebe para a contemplação, buscando assim ter uma atenção cheia de humildade e fidelidade constante.³⁵⁷

A meditação cristã teria como objetivo central consentir uma forma de experimentar a presença silenciosa e misteriosa da forma de manifestação do sagrado na qual busque tornar-se, cada vez mais, não em apenas uma verdade, porém que torne uma realidade presente na vida de cada pessoa; “deixando que se transforme em realidade que dá sentido, forma e objetivo a tudo o que fazemos e a tudo o que somos”³⁵⁸. A prática da meditação vem tentando mostrar ao passar dos anos que a oração contemplativa não é algo que só os monges, monjas e místicos possam usufruir. Acredita-se que ela seja uma forma de oração para a qual o ser humano independente da sua religião fora chamado. Não se trataria de nenhum fenômeno extraordinário, e muito menos de estados de alteração da própria consciência. Tratar-se-ia daquilo que Tomás de Aquino³⁵⁹ chamava de o simples desfrutar da verdade.

William Blake³⁶⁰ falava da necessidade de limpar as portas da percepção, no que diz poder ver tudo como verdadeiramente é: infinito e de forma que toda essa percepção seja

³⁵⁵ MAIN, 1987, p. 105.

³⁵⁶ MAIN, 2009, p. 100.

³⁵⁷ MAIN, J. *O momento de Cristo: a trilha da meditação*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2009. p. 33.

³⁵⁸ MAIN, 2009, p. 89.

³⁵⁹ Tomás de Aquino, em italiano Tommaso d’Aquino (1225-1274), foi um frade católico da Ordem dos Pregadores (dominicano) italiano cujas obras tiveram enorme influência na teologia e na filosofia, principalmente na tradição conhecida como Escolástica, e que, por isso, é conhecido como “Doutor Angélico”. “Aquino” é uma referência ao condado de Aquino, uma região que foi propriedade de sua família até 1137. DE AQUINO, 2017, p. 35.

³⁶⁰ William Blake (1757-1827), foi um poeta, tipógrafo e pintor inglês, sendo sua pintura definida como pintura fantástica. Blake viveu num período significativo da história, marcado pelo iluminismo e pela Revolução

parte integrante da consciência contemplativa, tal como se deveria viver diariamente. A meditação cristã buscaria fazer com que o seu praticante consiga alcançar esse objetivo, e que seria parte do mistério da oração na vida de qualquer ser humano que esteja em busca da plenitude do ser³⁶¹.

A prática da meditação já era algo familiar para os autores ditos sagrados. As Sagradas Escrituras utilizam-se de algumas palavras hebraicas que comunicam a ideia de meditação. Essas palavras possuiriam uma diversidade de significados: estar atento a escuta da palavra de Deus, recordar tais atitudes divinas, avaliar sobre a lei de Deus, entre muitos outros aspectos. Em cada ponto, a ênfase dada busca na mudança de comportamento proporcionando um encontro com o sagrado. Tanto a obediência quanto o próprio arrependimento seriam características primordiais encontradas no conceito bíblico de meditação³⁶².

A meditação cristã é a busca de escutar a voz do sagrado e sendo assim, deveria manter-se dentro do possível, obediente aos seus ensinamentos. Seria algo simples e sem nenhum tipo de complicação. A meditação é tida como uma prática que não possui nenhum tipo de mistério, nenhum tipo de oração secreta, que necessite de experiência e muito menos uma fórmula mágica que conduza a uma experiência cósmica da consciência. A manifestação do sagrado, que na concepção cristã é apresentada como o próprio Deus - criador de todas as coisas - busca ter uma relação mais íntima para com aqueles que acreditam em sua plena existência³⁶³. Na meditação, busca-se desenvolver aquilo que Thomas de Kempis³⁶⁴ chama de “amizade familiar com Cristo”,³⁶⁵ permitindo que quem medita se deixe envolver pela luz e pela vida que emanaria do próprio Criador e assim sintasse de certa forma confortável nessa atitude de escuta e atenção. A presença do sagrado – onipresença – não deve ser encarada como uma verdade indiscutível e, sim, como uma experiência que ultrapassa os limites da própria razão. A meditação, cria um ambiente emocional e místico que permite sentir a presença do sagrado dentro do coração que também é chamado de templo do Espírito. “Eis

Industrial na Inglaterra. A literatura estava no auge do que se pode chamar de clássico “augustano”, uma espécie de paraíso para os conformados às convenções sociais, mas não para Blake que, nesse sentido era romântico, “enxergava o que muitos se negavam a ver: a pobreza, a injustiça social, a negatividade do poder da Igreja Anglicana e do estado.” MARÍN, 2019, p. 180.

³⁶¹ MAIN, 2009, p. 109.

³⁶² FOSTER, R. J. *Celebração da disciplina: o caminho do crescimento espiritual*. 2. ed. São Paulo: Vida, 2018. p. 46.

³⁶³ FOSTER, 2018, p. 47.

³⁶⁴ Monge e escritor alemão, Thomas de Kempis (1380-1741). Produziu cerca de quarenta obras representativas da literatura devocional moderna. Destaca-se o seu livro mais célebre, *Imitação de Cristo*, composto por quatro volumes, no qual apela a uma vida seguida no exemplo de Cristo, valorizando a comunhão como forma de reforçar a fé. KEMPIS, T. *Imitação de Cristo*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 78.

³⁶⁵ KEMPIS, 2000, p. 85.

que estou à porta e bato”³⁶⁶, palavra dita originariamente para os cristãos, não para os descrentes. Àqueles que buscam entregar a sua vida em plenitude ao próprio Cristo, é necessário que entendam que o Senhor deseja ter uma comunhão autêntica com os seres humanos. A meditação, em muitos momentos, busca trazer uma realidade viva para aqueles e aquelas que verdadeiramente desejam experimentar o sagrado, na crença que o ser humano crente seja um santuário que carrega essa presença da manifestação do sagrado dentro de si e que ao mesmo tempo, possa influenciar as diversas realidades em que se vive³⁶⁷.

Quando se busca o entendimento cristão de meditação e ao mesmo tempo, considera-a com seriedade, acontece normalmente que uma ou outra pessoa acabe fazendo uma comparação em relação ao conceito de meditação pertencente às religiões orientais. Na realidade, existe uma distância considerável entre essas duas formas. A prática da meditação oriental busca fazer com que a mente se esvazie e a meditação cristã busca preenchê-la, possuindo conceitos diferentes. A forma que é desenvolvida na meditação oriental se destaca pela importância de desconectar do mundo. Existe uma concepção de perda da personalidade e da própria individualidade que une com a chamada mente cósmica. Existe também o desejo de se livrar dos fardos e dos sofrimentos desta vida e de desatar na impessoalidade do *Nirvana*. A própria identidade pessoal seria perdida e essa personalidade seria tida como uma perfeita ilusão. Busca-se escapar da humilhante roda da vida e por que não, da existência. Não existe um deus que se busque escutar ou até mesmo se unir. A religião oriental possui como objetivo central o desligamento. A meditação cristã vai além da própria noção de desligamento, um chamado sábado de contemplação, como denomina Pedro de Celles³⁶⁸, monge beneditino do século XII³⁶⁹.

Outra concepção errada que se tem da meditação é que ela é difícil, elaborada demais, e que somente os chamados “especialistas” no assunto possuem tempo para dedicar e explorar melhor as regiões interiores. Alguns dos especialistas mais conhecidos e mais conceituados nunca referiram a prática como algo exclusivo de alguns grupos seletos, privilegiados ou de grandes mestres espirituais. Talvez eles dissessem que estavam executando uma atividade plenamente humana – tão simples e tão importante como a própria respiração. Não se faz necessário ter algum talento especial, nem tampouco algum poder

³⁶⁶ Cf. Ap. 3, 20.

³⁶⁷ FOSTER, 2018, p. 50-51.

³⁶⁸ Pedro de La Celle ou Pedro de Celles (1115-1183), foi um monge beneditino francês e bispo de Chartres. Em 1162, foi nomeado abade de St. Rémy em Reims e, em 1181, sucedeu a João de Salisbury como bispo de Chartres. Era tido em alta estima pelos demais membros do clero de sua época, como Thomas Becker, papa Eugênio III e papa Alexandre III. CURY; SOARES, 2017, p. 28.

³⁶⁹ MERTON. T. *Contemplative prayer*. Garden City: Doubleday, 1969. p. 59.

paranormal. Thomas Merton escreve que: “A meditação é realmente muito simples, e não há muita necessidade de técnicas elaboradas que nos ensinem como prosseguir”.³⁷⁰

A terceira visão errada que se tem, é acreditar que a contemplação não seja compatível com o século XXI e, por isso, impossível. Existe certo medo de que essa pessoa seja imortalizada como no padre Ferapont, um asceta, personagem de Dostoiévski³⁷¹ no livro “Os irmãos Karamazov”³⁷². Boa parte das pessoas acreditam que a meditação seja uma forma de alienação doentia que as conservaria imunes aos diversos sofrimentos da humanidade. Tais percepções estão bem longe do objetivo da meditação. De fato, a meditação tem ajudado aparentemente diversas pessoas na busca do autoconhecimento e do redirecionamento de suas vidas para que aprendam a lidar de forma eficaz com a própria vida. Merton escreve que: “A meditação não tem sentido nem realidade, a menos que esteja firmemente arraigada na vida”.³⁷³ Com certa constância, a meditação teria desenvolvido certas percepções extremamente práticas, quase seculares.³⁷⁴

Existe, também, uma concepção de enxergar a meditação como uma tentativa religiosa e de buscar exercer uma manipulação psicológica, em alguns casos, serviria como terapia para baixar a pressão arterial ou até mesmo aliviar a tensão do dia a dia ou até como uma forma de obter inspiração ao estar em contato com o próprio subconsciente. A ideia que se tem de manter-se em busca de um verdadeiro contato real com o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, entretanto, ecoa um tanto quase irracional. Normalmente, boa parte das pessoas acreditam em um mundo plenamente material, e talvez pensem que a meditação sirva como uma boa prática de obter um padrão consistente de ondas cerebrais alfa. Se, no entanto, uma boa parcela da população acredita que vivemos em um universo que fora criado por um Deus infinito e pessoal que saboreia na busca de uma comunhão com os seres humanos, possivelmente poderá ver a meditação como uma comunicação entre a própria fonte do amor e o ser amado. Contudo, os praticantes da meditação sabem que normalmente a reação que ocorre com certa frequência é a inércia espiritual, a frieza e a falta de desejo. Algumas pessoas demonstram ser tendenciosas em arrumar sempre um interlocutor para que possa falar com Deus em seu lugar.³⁷⁵

³⁷⁰ MERTON, T. *Spiritual Direction and meditation*. Collegeville: Liturgical Press, 1960. p. 68.

³⁷¹ Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski (1821-1881), foi um escritor, filósofo e jornalista do Império Russo. É considerado um dos maiores romancistas e pensadores da história, bem como um dos maiores “psicólogos” que já existiram (na acepção mais ampla do termo, como investigadores da psiquê. CURY; SOARES, 2017, p. 26.

³⁷² Os irmãos Karamazov é um romance de Fiódor Dostoiévski, escrito em 1879, uma das mais importantes obras das literaturas russa e mundial. CURY; SOARES, 2017, p. 30.

³⁷³ MERTON, 1969, p. 39.

³⁷⁴ FOSTER, 2018, p. 53.

³⁷⁵ FOSTER, 2018, p. 54-55.

A oração para alguns seria algo que os conduz para o limite da vida espiritual. Nesse sentido parece que de todas as disciplinas determinadas como espirituais, a oração seja a principal, porque permite que alguns crentes se sintam levados a uma verdadeira comunhão com o Criador. A meditação busca conduzir a pessoa a uma vida interior, à prática do jejum e tem servido como um meio de modificar a mente, mas acredita-se que através da disciplina da oração faz com que tais pessoas procurem atingir a profundidade e elevado espírito humano. Para aqueles/as que praticam a meditação, a verdadeira e autêntica oração muda e cria a vida.³⁷⁶ “A oração – secreta, fervorosa, confiante – está na raiz de toda santidade pessoal”, escreve William Carey.³⁷⁷



³⁷⁶ FOSTER, 2018, p. 67.

³⁷⁷ Foi um ministro evangelista batista missionário inglês conhecido como o “pai das missões modernas” e um dos fundadores da Sociedade Batista missionária de Londres, na Inglaterra. CURY; SOARES, 2017, p. 33.

CONCLUSÃO

A experiência vivida por homens e mulheres, desde o século IV, que acabaram deixando suas famílias e o conforto que tinham para viverem em pleno deserto numa vida austera e disciplinada, com o intuito de buscarem o autoconhecimento e ao mesmo tempo aprenderem a lutar contra suas fragilidades e debilidades, chamadas por eles de “demônios” e na busca de um encontro com o Criador, se tornou ao longo dos séculos, um grande desafio para todas as sociedades sejam elas primitivas, medievais, modernas ou contemporâneas. Em meio a tanto barulho experimentado pelas pessoas nesse início de novo milênio, elas têm sentido a necessidade de diminuir toda essa agitação e de encontrar a tranquilidade. Atualmente as livrarias estão cheias de livros que abordam o tema do silêncio e isso, de certa forma, tem demonstrado o número significativo de pessoas que possuem o desejo de encontrar a desejada tranquilidade em seu dia a dia.

Como algumas pessoas do passado, atualmente sente-se a necessidade de buscar redescobrir o silêncio como um alívio para a chamada “doença interior” na qual psicólogos, médicos e psiquiatras acreditam que tenha se desenvolvido por causa do avanço da tecnologia e da própria modernidade. Alguns especialistas têm falado com certo entusiasmo sobre os possíveis benefícios que o silêncio tem trazido para suas vidas e de seus pacientes. Dizem ter encontrado o efeito curativo do silêncio através de experiências com algumas técnicas de meditação oriundas do oriente e até mesmo do ocidente, e acabam colocando o silêncio acima de tudo e de todos.

No primeiro capítulo, foi abordado que o uso do silêncio tem sido, desde os primórdios da Igreja Católica Romana, uma ferramenta importante para a pessoa que deseja e almeja experimentar a Deus através dos cinco sentidos e, ao mesmo tempo, buscar conhecer-se a si mesmo. No segundo capítulo, foi visto como a tradição dos Padres e Madres do Deserto foi aplicada no ocidente através das ordens religiosas e nesse caso, em particular, pela ordem de São Bento, que buscou vivenciar o silêncio por meio da vida comunitária, dividida em momentos de oração, trabalho e estudo. No terceiro e último capítulo, buscou-se perceber a relevância do silêncio e da meditação para as pessoas que vivem no mundo contemporâneo.

Essa pesquisa busca responder a seguinte questão: qual a importância do silêncio na sociedade contemporânea? A conclusão é de que em alguns estudos recentes, defende-se que o silêncio pode ajudar a lidar com os rancores e raivas, como afirmam alguns especialistas da área da saúde, como pode também acabar levando as pessoas a uma angústia profunda em que

muitos não conseguem encontrar a saída e muito menos o equilíbrio e a tranquilidade que desejam.

O desejo de encontrar a paz, a tranquilidade, o equilíbrio, que parece ser algo intrínseco ao ser humano, seria algo impossível atualmente? Será que a humanidade está ficando doente com tanta agitação e correria do dia a dia? Ou será que as pessoas estão buscando formas diversas de fugir da realidade nua e crua? Para cada pessoa pode haver uma resposta diferente, pois os seres humanos são completamente diferentes uns dos outros. O certo é que há pessoas que são favoráveis e outras que são contrárias ao silêncio.

O estudo concluiu que as pessoas, de um modo geral, têm se sentido doentes, segundo afirmam algumas pesquisas realizadas no âmbito da saúde mental, e que estão em busca de curar esse malefício de formas completamente diferentes umas das outras. É possível que tudo isso tenha sido causado pelas mudanças drásticas que o mundo tem sofrido nessas últimas décadas. O importante é que se continue buscando respostas às crises existenciais presentes na sociedade contemporânea, de tal forma a superar as indiferenças, rancores, magoas, tristezas e tudo aquilo que tem causado algum tipo de sofrimento, sendo o silêncio e a meditação uma alternativa possível. Como afirma Anselm Grün: “Em cada um de nós existe um lugarzinho onde o silêncio é completo, um lugar livre do ruído dos pensamentos, livre das preocupações e desejos. É um lugar em que nós mesmos nos encontramos inteiramente em nós”³⁷⁸.

Esse trabalho contribuiu para o desenvolvimento da profissão do pesquisador. Como professor de Filosofia e Ciências Sociais, tanto no Ensino Médio como no Ensino Superior, o pesquisador percebe a dificuldade dos/as estudantes em se manterem concentrados e principalmente no que se refere ao autoconhecimento e a manifestação do sagrado em suas vidas. Para ajudá-los/as, tem sido colocado em sala de aula a prática da meditação. Com isso, percebe-se uma mudança significativa no comportamento do/s alunos/as, principalmente no que se refere a concentração e ao desejo de desenvolver uma pesquisa que busque mostrar a relevância da prática da meditação no aprendizado em sala de aula e na educação formal. O silêncio é um tema que não encerra por aqui, havendo a necessidade de futuras pesquisas no campo do comportamento humano.

³⁷⁸ GRÜN, 2010, p. 82.

REFERÊNCIAS

- AUDIÊNCIA GERAL de 2 de dezembro de 2009: Guilherme de Saint-Thierry / Bento XVI – Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedictxvi/pt/audiences/2009/documents/hf_benxvi_aud_20091202.html>.
- AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Penguin & Companhia das letras, 2017.
- ANÔNIMO do séc. XIV / *A nuvem do não saber*. Tradução do inglês medieval e notas de Lino Correia Marques de Miranda Moreira. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- AQUINO, T. DE. *Meditações para a Quaresma*. Campinas: Ecclesiae, 2017.
- ÁVILA, T. *As moradas do castelo interior*. São Paulo: É Realizações, 2014.
- ÁVILA, T. *Caminho de Perfeição*, In Obras completas. São Paulo: Loyola, 1995.
- BARSOTTI, D. *Monaquismo e mística*. Juiz de Fora: Subiaco, 2009.
- BÄUMER, B. *Upanishads: As Escrituras Sagradas da Índia*. Munique: Atos, 1997.
- BENEDITINO, M. *In Sinu Jesu - Quando o coração fala ao coração: o diário de um sacerdote*. Campinas: Ecclesiae, 2019.
- BÍBLIA de JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.
- BÍBLIA do PEREGRINO. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2011.
- BLAKNEY, R. B. *Mestre Eckhart*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- BOUYER, L. *História da espiritualidade*. Paris: Aubier, 1960.
- CALCUTÁ, T. *Oração: frescura de uma primavera*. Paris: Centurion, 1992.
- CASEY, M; TOMLINS, D. *Introdução à regra de São Bento*. Campinas: Ecclesiae, 2019.
- CARDENAL, E. *O livro do amor*. Hamburgo: Siebenstern, 1976.
- CASSIANO, J. *Da Oração*. Tradução do latim de Adriano Correia Barbosa. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CAVALCANTE, R. *Espiritualidade cristã na história: das origens até Santo Agostinho*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
- CFER, T. *Filosofia*: livro único. São José dos Campos: Poliedro, 2018.
- CESARÉIA, E. *História eclesiástica VI*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

CHITTSTER, J. *Sabedoria que brota do cotidiano: Viver a Regra de São Bento hoje*. Juiz de Fora: Subiaco, 2015.

CRUZ, J. *Obras completas*. Petrópolis: Vozes, 2000.

CURY, D.G; SOARES, S.S. *Plano nacional de educação: novas reflexões e velhos debates no âmbito das políticas educacionais*. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

DE FIORES, S.; GOFFI, T. *Dicionário de espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 1993.

DE SENA, C. *O diálogo*. São Paulo: Paulus, 2016.

DI BERARDINO, P. P. *Elisabete da Trindade: viver a partir do interior da alma*. São Paulo: Paulus, 2005.

DOHERTY, C. H. P. *Espiritualidade cristã do Oriente para o homem ocidental*. Notre Dame: Ave Maria Press, 1974.

DONINI, A. *História do Cristianismo: das origens a Justiniano*. São Paulo: Edições 70, 1988.

ENOUT, J. E. *A regra de São Bento*. Latim-português. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 2001.

ESTATUTOS da Ordem dos Cartuxos, livro I, capítulo IV. Disponível em: <<http://chartreux.org/pt/textos/estatutos-prologo.php>>.

FREEMAN, L. *Primeira vista: a experiência da fé*. Petrópolis: Vozes, 2012.

FREEMAN, L. *Jesus, o Mestre Interior*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FREEMAN, L. *Os olhos do coração: a meditação na tradição cristã*. São Paulo: Palas Athena, 2004.

FREEMAN, L. *Escola de meditação: voltar para casa*. Data completa 2001. Recursos para apresentação da Meditação no seio da Tradição Cristã. Comunidade Mundial para a Meditação Cristã.

FOSTER, R. *Celebração da disciplina: o caminho do crescimento espiritual*. 2. ed. São Paulo: Editora Vida, 2007.

VOLTAIRE, F. *Gregório: o grande*. Paris: Campeão Honoré, 2007.

GUARDINI, R. *O Deus vivo*. Paris: Perpignan, 2010.

GUILLERAND, A. *Silêncio da cartuxa*. Tradução do francês de Doroteia Rondon Amarante. Juiz de Fora: Subiaco, 2011.

GRÜN, A.; HALIK, T. *Livrar-se de Deus? Quando a crença e descrença se encontram*. São Paulo: Vozes, 2017.

GRÜN, A. PAINADATH, S. DIODORA, G. *A força da oração*. Petrópolis: Vozes, 2017.

GRÜN, A. *As exigências do silêncio*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

- GRÜN, A. *O céu começa em você: A sabedoria dos padres do deserto para hoje*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- GRÜN, A. *Se quiser experimentar Deus*. 6. ed. São Paulo: Vozes, 2014.
- GRÜN, A. *O poder do silêncio*. 4. ed. São Paulo: Vozes, 2015.
- GRÜN, A. *Sabedoria do deserto*. São Paulo: Vozes, 2017.
- HALÍK, T. *Paciência com Deus*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- HALÍK, T. *A noite do confessor: a fé cristã num mundo de incerteza*. São Paulo: Vozes, 2016.
- HALÍK, T. *Quero que sejas: podemos acreditar no Deus do amor?* Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- HAMMAN, A. G. *Para ler os padres da Igreja*. São Paulo: Paulus, 2015.
- JUNG, C.G. *Briefe III*. Olten: 1973.
- KÄSTNER, E. *O urbano das coisas*. Frankfurt: 1973.
- KEMPIS, T. *Imitação de Cristo*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LACARRIÈRE, J. *Padres do deserto: homens embriagados de Deus*. São Paulo: Loyola, 2002.
- Liturgia das Horas. Vol. I. Petrópolis: Vozes, 2004.
- REOPOPAGITE, D. *Teologia Mística*. Paris: Beauchesne, 1938.
- FILHO, M.E.J. *No sopro do Espírito*. Paris: Saint-Léger, 2014.
- MAGNO, G. *Vida e milagres de São Bento*. São Paulo: Artpress, 1999.
- MAIN, J. *Meditação Cristã*. São Paulo: Paulus, 2019.
- MAIN, J. *O caminho do não conhecimento: expandindo os horizontes espirituais através da meditação*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- MAIN, J. *A palavra que leva ao silêncio*. São Paulo: Paulus, 1987.
- MAIN, J. *O momento de Cristo: a trilha da meditação*. São Paulo: Paulus, 1987.
- MARCONI, E; LAKATOS, M. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2013.
- MARÍN, A. R. *A fé da Igreja: em que se deve crer o cristão de hoje*. Campinas: Ecclesiae, 2018.
- MAROTO, D. P. *História de la espiritualidade Cristiana*. Madrid, EDE, 1990.

- MERTON, T. *A sabedoria do deserto: ditos dos Padres do Deserto do século IV*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- MERTON, T. *Novas sementes de contemplação*. São Paulo: Vozes, 2017.
- MERTON, T. *Direção espiritual e meditação*. Garden City: Liturgical Press, 1960.
- MERTON, T. *O Signo de Jonas*. Rio Grande: Mérito, 1954.
- MERTON, T. *Merton na intimidade: sua vida em seus diários*. Rio de Janeiro: Fisis, 2001.
- MERTON, T. *A oração contemplativa*. 2 ed. Campinas: Ecclesiae, 2018.
- MERTON, T. *A montanha dos sete patamares*. Tradução José Geraldo Vieira. 5. ed. Rio de Janeiro: Petra, 2018.
- MILLER, B. *Apophthegmata Patrum: Instrução dos pais*. Freiburg: Trier, 1965.
- NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. Traduzida por Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.
- NOUWEN, H. J. M. *Pare o silêncio*. Freiburg Atos, 1979.
- PAINADATH, S. *Todos somos peregrinos*. Munique: Atos, 2010.
- PAULO II, J. *Carta Apostólica Orientale Lumen*. Paris: Téqui, 1995.
- PEREIRA, S.C. *Thomas Merton: contemplação no tempo e na história*. São Paulo: Paulus, 2014.
- PORFÍRIO. *Vida de Plotino*. Tradução de R. Ullmann. In: ULLMAN, R. Plotino: Um estudo das Enéadas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- QUASTEN, J. *Patrologia*. Madri, La Editorial Católica, 1978.
- RATZINGER, J. *Olhe para Cristo: pratique com fé, esperança, amor*. Freiburg: Atos, 2006.
- REGNAULT, L. *À escuta dos pais do deserto hoje*. Juiz de Fora: Edições Subiaco, 2014.
- Homilia durante sua visita pastoral a Sulmona. Disponível em: <<https://pt.zenit.org/articles/papa-aos-sacerdotes-sede-testemunhas-da-reconciliacao-dedeus/>>. Acesso em: 19 mai. 2019.
- SARAH, R; DIAT, N. *A força do silêncio contra a ditadura do ruído*. São Paulo: Fons Sapientiae, 2017.
- SARAH, C. R; DIAT, N. *A noite se aproxima e o dia já declinou*. São Paulo: Fons Sapientiae, 2019.
- SCHOLL, N. *Deus é sempre maior: Maneiras da experiência de Deus hoje*. Mogúncia: Atos, 1985.
- SPONVILLE, A. C. *O espírito do ateísmo*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.

STEWART, C. *Oração e comunidade na tradição beneditina*. Juiz de Fora: Edições Subiaco, 2006.

TANQUEREY.A. *Compêndio de Teologia ascética e mística*. Campinas: Ecclesiae, 2018.

TURNER, G. *Silêncio interior: a chave para encontrar o equilíbrio e a espiritualidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

WAAL, E. *Vivendo com a contradição*. Juiz de Fora: Edições Subiaco, 2012.

ZAMITH, J; CASTANHEIRA, M. *Encontro com a RB*. 3. ed. Juiz de Fora: Mosteiro da Santa Cruz, 2000.

